



UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PRPGP
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO - MPEDU

RAYANNE PEREIRA DO NASCIMENTO

O ENSINO DAS AFRICANIDADES ATRAVÉS DO REISADO NO CARIRI
CEARENSE

CRATO

2023

RAYANNE PEREIRA DO NASCIMENTO

O ENSINO DAS AFRICANIDADES ATRAVÉS DO REISADO NO CARIRI CEARENSE

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Regional do Cariri, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientadora: Professora Dra. Cícera Nunes.

CRATO

2023

Ficha Catalográfica elaborada pelo autor através do sistema

de geração automático da Biblioteca Central da Universidade Regional do Cariri - URCA

Do Nascimento, Rayanne Pereira

N244e O ensino das africanidades através do Reisado no Cariri cearense /
Rayanne Pereira Do Nascimento. Crato - CE, 2023.

101p. il.

Dissertação. Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do
Cariri - URCA.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Cícera Nunes

1.Reisado, 2.Educação étnico-racial, 3.Africanidades, 4.Valores civilizatórios
afro-brasileiros, 5.Patrimônio afro-brasileiro; I.Título.

CDD: 370.11

RAYANNE PEREIRA DO NASCIMENTO

O ENSINO DAS AFRICANIDADES ATRAVÉS DO REISADO NO CARIRI CEARENSE

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Regional do Cariri, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação. Área de concentração: Práticas educativas, cultura e diversidade. Sublinha 2 - Patrimônio, Práticas Culturais e Etnias.

Aprovada em: 19/12/2023

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Cícera Nunes (Orientadora)
Universidade Regional do Cariri - URCA



Prof. Dr. Cícero Joaquim dos Santos
Universidade Regional do Cariri - URCA

Prof^a. Dr^a. Otília Aparecida Silva Souza
Universidade Regional do Cariri - URCA

Prof^a. Dr^a. Ana Paula dos Santos
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB

Dedico este trabalho aos meus pais, Maria Cícera e Roberto e aos grupos de brincantes do Reisado da Região do Cariri cearense, em especial ao Reisado Menino Deus.

AGRADECIMENTOS

Sejamos gratos pela vida que nos foi dada por Deus, como também pela família, saúde, amigos, amigas, oportunidades e por tudo que buscamos e conquistamos no decorrer da vida terrena, pois ela é passageira e Jesus nos prometeu que “aquele que receber todas as coisas com gratidão será glorificado”.

Assim, gratidão, primeiramente a **Deus**, pelo dom da vida, pela força e fé que sempre tem me dado para persistir e dos meus sonhos não desistir.

A minha mãe, **Maria Cícera Bezerra Pereira**, e ao meu pai, **Roberto Pereira do Nascimento**, que muito lutaram para dar-me amor e oferecer excelente educação a partir dos seus princípios alicerçados nos saberes cristãos.

Ao meu esposo e companheiro, **Humberto Galdêncio Barboza de Lima**, que durante essa fase da minha vida soube mais uma vez me apoiar e ajudar quando foi preciso.

A minha avó materna, **Maria de Jesus Bezerra Pereira**, que faleceu no início do ano de 2023, ela que sempre se interessou pelos meus estudos e recarregava-me de energias positivas para seguir dedicando-se aos estudos, diante dos obstáculos da vida.

A minha **família**, que direta ou indiretamente vem incentivando-me a seguir pelo caminho do bem e dos estudos, por mais cansativo e desafiador que possa ser. Em especial, às minhas irmãs, **Maria das Graças Ramiris Pereira** e **Ramoniely Pereira do Nascimento**, meu irmão, **Ranier Pereira do Nascimento**, minhas tias, **Maria Francilda Bezerra Pereira**, **Ana dos Santos Freitas** e **Cícera Cirleide da Silva**.

A minha querida orientadora, **Cícera Nunes**, que sempre demonstrou ter a sensibilidade e o cuidado, enquanto pessoa humana, em saber se estamos bem, por nunca medir esforços para me orientar, expos suas opiniões críticas ao trabalho e me fortalecer para seguirmos adiante na formação profissional. Quero externar, de modo sincero, a minha gratidão por todo o empenho dedicado a este trabalho.

Aos professores e professoras do Mestrado Profissional em Educação, pelas ricas tardes e noites de aprendizados, reflexões e produções científicas que esse programa de pós-graduação pôde nos oferecer. Em especial, aqueles e aquelas que estiveram comigo diretamente nas disciplinas do curso, **Maria Dulcinea da Silva**, **Glauberito Quirino**, **Cícera Nunes**, **Henrique Cunha**, **Zuleide Queiroz**, **Adriana de Alencar**, **Cícera Sineide**, **Cícero Magerbio**, **Francione Charapa**, **Francisca Clara de Paula** e **Josier Ferreira**.

Aos professores **Cícero Joaquim dos Santos** e **Otilia Aparecida Silva Souza**, pelas ricas contribuições e partilha intelectual na minha banca de qualificação e de defesa da

dissertação, como também a professora **Ana Paula dos Santos** que juntos ajudaram-me a enriquecer a escrita dissertativa e os elementos da pesquisa.

Aos brincantes do **Grupo de Reisado Menino Deus**, por abrir espaço para que eu pudesse desenvolver a pesquisa e “ver de perto” o quanto a nossa cultura é rica. Agradecemos especialmente a **Jean Alex Silva de Alencar, Rosangela Rosa Pereira, Aldivan Pereira de Lima Filho e Luana Maria Solon da Silva**, integrantes deste grupo que disponibilizaram um pouco do seu tempo para nos receber e contribuir ativamente com neste trabalho.

As minhas amigas, **Luana Ricarto da Costa e Sara Raquel de Alencar Ferreira Ulisses**, que tive a oportunidade de conhecer ainda em 2013 na graduação em Pedagogia da URCA e que pela segunda vez fomos presenteadas por novas vivências e o fortalecimento de nossa amizade nesse programa de pós-graduação. Elas que sempre dedicaram tiveram um tempinho para conversarmos, pessoalmente ou virtualmente, e assim uma se apoiar na outra para desabafar, conseguir superar os desafios, superar os obstáculos e seguir o caminho.

A toda **turma do mestrado** do ano de 2022, pela partilha enriquecedora e prazerosa de novos saberes, ajuda nas dificuldades do outro, como também pela união compartilhada entre todos e todas, até mesmo nos poucos minutos para o lanche acompanhado de boas conversas e risadas.

Aquelas pessoas que me deram as primeiras dicas para participar da seleção deste mestrado, que puderam sugerir, opinar e acrescentar na minha proposta de pesquisa, **Cícera Águida Barbosa Marcelino, Maria Imaculada Silva de Almeida e Samuel Moraes Silva**.

A minha querida amiga, **Dominique Ferreira Alves**, pelas palavras de carinho e afeto quando precisei para revigorar minha energia vital.

As minhas amigas do espaço escolar, nas pessoas de **Maria das Dores Monteiro Silva, Silvana Victor Pontes, Maria Gildenira Ferreira Veríssimo, Francisca Rossiana Cíntia Ribeiro Sindeaux, Bruna Rodrigues Guimarães Mendonça, Mirella Marques Mendonça e Jesualda Daniele Fernandes**, as quais puderam abrir seus braços para me acalantar, abraçar e me fortalecer para jamais desistir. Agradeço também ao meu colega **George Bruno**, por contribuir com a tradução do resumo apresentado neste trabalho.

Não poderia deixar de agradecer também as pessoas que puderam colocar nesta etapa de minha vida, o mestrado, os primeiros obstáculos, que tive de enfrentar e se tornaram inesquecíveis diante do absurdo existente na Educação, onde temos de optar entre trabalhar e estudar, como se elas fossem escolhas que pudéssemos fazer facilmente e que não nos afetaria negativamente. “Escolhas” estas que não deveriam acontecer com nenhum profissional da

área da Educação que busca aprofundar seus conhecimentos teóricos e contribuir através da prática no âmbito educacional em que está inserido. Muito obrigada! Consegui vencer.

Obrigada a todas e todos, que direta ou indiretamente puderam me apoiar, aconselhar e me fortalecer na fé, contribuindo assim com a minha formação pessoal, intelectual, religiosa, social e profissional, que me ajudaram a ser essa mulher que vive tentando resistir e vencer os desafios, sempre encontrando fortaleza em Deus e Nossa Senhora.

Grupo de Reisado Menino de Deus, nas Aldeias Ponto de Cultura.



Peço licença ao senhor e a senhora
para este trabalho vos apresentar
trazendo a toda hora
o Reisado em primeiro lugar.

(Rayanne Pereira)

RESUMO

O presente trabalho trata-se da pesquisa de dissertação desenvolvida no Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri que tem como principal objetivo analisar os valores civilizatórios de matriz africana, presentes no Reisado Menino Deus como proposta de ensino de africanidades afro-brasileiro-caririense. Além de compreender as possibilidades pedagógicas de manifestação afro-brasileira a partir das brincadeiras do Reisado como um marcador de africanidades caririenses, e, produzir uma proposta didático pedagógica, considerando o reisado caririense como uma ferramenta de ensino para as africanidades na educação básica. Para atendermos aos objetivos, desenvolvemos uma pesquisa com o apoio do grupo de Reisado Menino Deus, localizado atualmente no bairro Vila Alta, no município de Crato-CE. Na pesquisa fizemos uso da abordagem qualitativa, por meio de uma pesquisa-ação através de observações em ensaios de Reisado e entrevistas semi-estruturadas com quatro integrantes atuantes do grupo. Assim, com o desenvolvimento da pesquisa pudemos alcançar os nossos objetivos, como também o de criarmos um material didático pedagógico que possa subsidiar o trabalho de docentes e educadores que têm o desejo de abordar a temática dentro e fora do ambiente educacional. À vista disso, a base conceitual da pesquisa foi alicerçada por autores e autoras, como Cunha Júnior (2007), Alencar (2020), Barroso (1997; 2013), Nunes (2007, 2014), Trindade (2005), Videira (2009; 2012; 2013), dentre outros que nos ajudaram a discutir e refletir sobre ancestralidade, valores civilizatórios afro-brasileiros, patrimônio cultural imaterial, a manifestação do Reisado no estado do Ceará e suas relações com o campo educacional.

Palavras-chave: Reisado; educação étnico-racial; africanidades; valores civilizatórios afro-brasileiros; patrimônio afro-brasileiro.

ABSTRACT

The present scientific work is dissertation research developed in the Professional Master's Degree in Education at the Regional University of Cariri, whose main objective is to analyze the civilizational values of African origin, present in Reisado Menino Deus as a proposal for teaching Afro-Brazilian-Cariri Africanities. In addition to understanding the pedagogical possibilities of Afro-Brazilian expression based on the Reisado games as a marker of Cariri's Africanities, and producing a pedagogical didactic proposal, considering the Caririense reisado as a teaching tool for Africanities in basic education. To meet the objectives, we developed research with the support of the Reisado Menino Deus group, currently located in the Vila Alta neighborhood, in the municipality of Crato-CE. In the research we used a qualitative approach, through action research through observations in Reisado's rehearsals and semi-structured interviews with four active members of the group. Thus, with the development of the research we were able to achieve our main objective, as well as creating a pedagogical booklet that can support the work of teachers who wish to address the educational environment theme. In view of this, the conceptual basis of the research was supported by authors, such as Cunha Júnior (2007), Alencar (2020), Barroso (1997; 2013), Nunes (2007, 2014), Trindade (2005), Videira (2009; 2012; 2013), among others that helped us discuss and reflect on ancestry, Afro-Brazilian civilizational values, intangible cultural heritage, the manifestation of Reisado in the state of Ceará and its relations with the educational field.

Keywords: Reisado; ethnic-racial education; africanities; afro-brazilian civilizational values; afro-brazilian heritage.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Apresentação da monografia da graduação em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri – URCA	20
Figura 2 - Contação de cordel sobre a brincadeira de Reisado para turma na Educar SESC Juazeiro	22
Figura 3 - Encontro da disciplina de Memória e Oralidade entre professora ministrante, mestrandas e participantes, no Pátio da Pedagogia na Universidade Regional do Cariri – URCA	24
Figura 4 - Confraternização do final do ano de 2014 entre os integrantes do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Relações Étnico-Raciais – NEGRER	26
Figura 5 - Encontro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Relações Étnico-Raciais - NEGRER	27
Figura 6 - Entrada do grupo de Reisado Menino Deus em uma residência juazeirense	28
Figura 7 - Região Metropolitana do Cariri	29
Figura 8 - Integrantes do Reisado Menino Deus cantando em apresentação	35
Figura 9 – Grupo Reisado Menino Deus na Mostra SESC Cariri de Culturas 2023	41
Figura 10 – Integrantes do Grupo Reisado Menino Deus em apresentação na Praça Padre Cícero, em Juazeiro do Norte-CE	42
Figura 11 – Mapa do bairro João Cabral-CE	43
Figura 12 – Mapa do bairro Vila Alta-Crato	44
Figura 13 – Capa do Produto Educacional.....	48
Figura 14 - Mandala dos valores civilizatórios afro-brasileiros	83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABPN - Associação Brasileira de Pesquisadores Negros

ALDEIAS - Associação Libertária de Desenvolvimento e Educação Interativa Ambientalmente Sustentável

APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

CCBNB - Centro Cultural Banco do Nordeste

CE - Ceará

CEI - Centro de Educação Infantil

CNFCP - Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

COVID-19 - Coronavírus 19

Dr./ Dr^a. - Doutor/ Doutora

EDUFAL - Editora da Universidade de Alagoas

ERER - Educação das Relações Étnico-Raciais

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Km² - Quilômetros quadrados

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MABEC - Movimento Afro-Brasileiro de Educação e Cultura

MPEDU - Mestrado Profissional em Educação

NEABs - Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros

NEGRER - Núcleo de Estudos em Educação, Gênero e Relações Étnico-Raciais

PCDs - Pessoas Com Deficiências

PNPI - Programa Nacional do Patrimônio Imaterial

SESC - Serviço Social do Comércio

SOLIBEL - Sociedade Lírica de Belmonte

SPHAN - Serviço Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

URCA - Universidade Regional do Cariri

SUMÁRIO

1 REMEMORANDO O PASSADO E ESCURECENDO O PRESENTE	14
1.1 ESTUDANTE NEGRA E SUAS FORMAÇÕES BÁSICA E SUPERIOR	17
1.2 A CONTRIBUIÇÃO DO NEGRER	25
2 Ô DE CASA, DÊ LICENÇA PARA O LOCUS DE PESQUISA VOS APRESENTAR	28
2.1 BRINCANDO REISADO PARA CONHECER OS SUJEITOS DA PESQUISA	31
2.2 TIRANDO REISADO METODOLÓGICO	32
2.3 O ESPAÇO PESQUISADO	34
2.4 PERCURSO METODOLÓGICO	37
2.5 ENTREVISTAS	38
2.6 O GRUPO DE REISADO PARTICIPANTE	40
2.7 CONHECENDO OS PARTICIPANTES DA PESQUISA	45
2.8 O PRODUTO EDUCACIONAL	47
3 JOGANDO ESPADAS AQUI E ALI PARA ENEGRECER PENSAMENTOS	50
3.1 O SER NEGRO CEARENSE E A CULTURA NEGRA	58
3.2 O REISADO DE CONGO EM CRATO E JUAZEIRO DO NORTE	60
3.3 O PATRIMÔNIO AFRO-BRASILEIRO E O REISADO	65
4 EDUCAÇÃO E REISADO NO CARIRI CEARENSE: UM DIÁLOGO COM BRINCANTES	72
CONSIDERAÇÕES BRINCANTES	86
REFERÊNCIAS	89
ANEXO I - QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	97
ANEXO II - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	98
ANEXO III - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO E CESSÃO DE DIREITO DE EXIBIÇÃO DE IMAGEM	101

1 REMEMORANDO O PASSADO E ESCURECENDO O PRESENTE

*“Chegou é madeira
iniciamos a brincadeira
Ôh minha gente vem ouvir
belas canções, vamos nos divertir”
(Trecho de peça de grupos de Reisados cearenses)*

Adentro a escrita deste trabalho pedindo licença a todos vocês que até aqui vieram ler a pesquisa, para que possa me expressar na primeira pessoa do singular em alguns momentos, uma vez que inicio relatando um pouco da minha trajetória de vida e o que me motivou a pesquisar essa proposta. Aqui rememoro as lembranças que vivi e escureço o presente no sentido de perceber o quanto ele é significativo, empoderador e pertinente para a minha luta negra pessoal, profissional e política. Esse trabalho é fruto do meu estudo no Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri (MPEDU-URCA), sob as orientações da professora doutora Cícera Nunes.

Este trabalho teve como objetivos analisar os valores civilizatórios de matriz africana, presentes no Reisado Menino Deus como proposta de ensino de africanidades afro-brasileiro-caririense; compreender as possibilidades pedagógicas de manifestação afro-brasileira a partir das brincadeiras do Reisado como um marcador de africanidades caririenses; e, produzir uma proposta didático-pedagógica, considerando o Reisado caririense como uma ferramenta de ensino para as africanidades na educação básica. Para isso, desenvolvi uma pesquisa de abordagem qualitativa usando a metodologia afrodescendente e pesquisa-ação, através da produção de dados com entrevistas semiestruturadas com quatro brincantes de Reisado do grupo participante da pesquisa.

Inicialmente afirmo que falar e refletir sobre quem fui e venho me tornando enquanto ser humano, integrante de uma família, profissional, defensora da educação e pesquisadora não é uma tarefa fácil. Refletir sobre quem somos é algo difícil de se fazer. Essa atividade demora meses e quando achamos que ela está pronta, voltamos para revê-la e percebemos que está inacabada. Então, voltamos, apagamos, acrescentamos, modificamos e assim foi o processo para registrar neste trabalho a parte consciente que me veio à memória sobre a minha história de vida.

Assim, tendo o lugar de fala, venho me apresentar, sou uma jovem nordestina, cearense, negra, pedagoga e atualmente mestranda em Educação, e como tal, busco colaborar

com os estudos sobre o Reisado existente no estado do Ceará, mais especificamente em Juazeiro do Norte e Crato.

Além disso, posso dizer que sou filha primogênita de um casal cearense, que conheci de perto o seu esforço e doação para sustentar e educar seus filhos, que são minhas duas irmãs, meu irmão e eu.

A minha mãe, mesmo sendo filha de agricultores, ainda teve a oportunidade de estudar e concluir a educação básica com formação no magistério. Ela não chegou a atuar na área, pois, passou parte da sua vida cuidando dos seus irmãos, já que, naturalmente era comum entre as famílias pobres, a filha primogênita receber essa função. Trabalhou em algumas casas de família, casou-se e tornou-se doméstica, até o momento em que eu me encontrava no Ensino Médio, quando recebeu a proposta de ser merendeira em uma creche filantrópica, na qual trabalha até os dias atuais.

Por outro lado, o meu pai, homem negro, teve de ajudar os seus pais no trabalho braçal, com a fabricação de tijolos e o artesanato, desde a sua infância, para conseguirem sobreviver. Logo, só conseguiu estudar até a antiga 4ª série, atual 4º ano do ensino fundamental I. Com o artesanato, pôde aperfeiçoar o seu dom e criar várias peças de madeira, como santos, oratórios, Cristo crucificado, partes do corpo humano, dentre outros. Porém, com o enfraquecimento das vendas foi buscando outras maneiras para nos sustentar, dentre elas, moto táxi, marceneiro e pedreiro.

Quando eu nasci, morávamos numa casa alugada em um bairro periférico de Juazeiro do Norte, o Pio XII. Quando eu completei um ano de idade, tivemos de ir morar na casa dos meus avós maternos, na zona rural deste mesmo município, durante um ano e meio. Porém, logo meu pai conseguiu construir uma pequena casa no terreno dos meus avós, na qual residem até hoje.

O Bairro Pio XII é um dos mais antigos da cidade de Juazeiro do Norte. De acordo com os dados do Censo 2010¹, atualmente esse espaço geográfico conta com uma média de 11.000 (onze mil) habitantes, sendo composta por quase 6.000 (seis mil) mulheres. Além disso, a faixa etária da maioria da população está entre 15 (quinze) a 64 (sessenta e quatro) anos de idade, chegando até 65% (sessenta e cinco por cento). Considerado também

¹ Disponível em: População de Pio XII em Juazeiro de Norte - CE | População dos Bairros (populacao.net.br). Acesso em: 15 dez. 2022.

um dos bairros mais violentos da cidade nesta última década devido a quantidade de homicídios já registrados².

Pouco me recordo dos acontecimentos da minha primeira infância, não lembro dos meus pais brincando comigo ou de me contarem uma simples história. Digo isto pelo fato de voltar às minhas memórias há quase três décadas e não lembrar dos momentos em que eu era apenas uma menina pequena. Muito menos me lembro de possuir alguma boneca negra ou de escutar história africana ou afro-brasileira.

Mas, lembro que até uns dez anos atrás fui pega pelos meus pensamentos buscando entender o porquê de um parente próximo da minha família materna, oferecer um cuidado diferenciado a apenas alguns de meus primos. Eu percebia que entre eles existia um cuidado maior, pois, sempre eram defendidos por este ente familiar, mas eu não entendia, visto que algumas vezes eram eles que buscavam criar situações para discutir comigo e outros primos e primas.

Acredito nunca ter tido a ideia de perguntar a este parente a causa desse tratamento diferenciado. Penso que um dos motivos para esse silêncio tenha sido o fato de não presenciar meus pais fazendo questionamentos e na escola não ter sido ensinada a ter um pensamento crítico-reflexivo.

Mas, através da análise que realizei em alguns meses a partir da formação do meu contexto familiar, fui ligando uma situação à outra até compreender o motivo de tal fato. Através de algumas falas pude comprovar o que estava suspeitando. A família até então era formada apenas por membros brancos, mas uma tia, dois tios e minha mãe foram se relacionando com pessoas negras, as quais não eram bem aceitas na família. Algumas delas passaram a fazer parte da família, geraram filhos e filhas, dentre pardos, negros e brancos. Você já conseguiu perceber por que essa indiferença acontecia? Qual era a cor destes primos que tinham certo “privilegio”?

Posso até ouvir você dizendo que são meus primos brancos. Para mim, enquanto criança até poderia ser uma situação nova, mas para meus pais, não. Visto que meu próprio pai enfrentou várias situações preconceituosas e racistas, quando ainda namorava com minha mãe. Costumo dizer e pensar que ele é um ser de resistência, que está presente na minha vida, porque não desistiu da minha mãe. Ao contrário, ele conseguiu vencer o racismo e construir a nossa família. Atualmente, não vejo esse tipo de situação acontecer na minha família. Meu pai e minhas tias, por consideração, foram aceitos por este ente familiar e observo que são as

² Informação publicada pelo jornal Diário do Nordeste. Disponível em: Mapeadas áreas mais violentas de Juazeiro do Norte - Segurança - Diário do Nordeste (verdesmares.com.br). Acesso em: 20 dez. 2022.

pessoas que hoje mais tem atenção para sentar, escutar, conversar e cuidar desta pessoa, que não cito seu nome.

É importante acrescentar ainda que nossas mães buscavam intervir quando estávamos brincando juntos e, por algum motivo, acabávamos discutindo. Isso já era um reflexo percebido pelo cuidado diferenciado. Acredito que esse olhar atento por parte delas foi primordial, para que hoje, todos nós, hoje adolescentes e adultos, pudéssemos nos respeitar e não repetir as mesmas ações preconceituosas e racistas.

1.1 ESTUDANTE NEGRA E SUAS FORMAÇÕES BÁSICA E SUPERIOR

*Sou do Ceará
Sou cabra valente!
Sou mulher pra frente!
Aqui me fiz
Aqui quero viver,
mas sem jamais esquecer,
que tenho raça e já vivi muito sofrer!
(Geranilde Costa e Silva, 2010)*

Na educação básica, sempre estudei em escolas públicas no município de Juazeiro do Norte-CE, de 1998 a 2011. Nesses espaços de educação formal também não tenho lembranças de estudos sobre a História e Cultura Afro-brasileira, com exceção do ensino médio, no qual tínhamos a culminância do Projeto Consciência Negra³.

Vale abrir espaço para citar a lei n.º 10.639/2003, sancionada pelo presidente em exercício naquele ano, Luís Inácio Lula da Silva, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, lei n.º 9.394/1996, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Africana e Afro-Brasileira” em todas as escolas da educação básica da rede pública e privada.

A lei n.º 10.639/2003 não surgiu por acaso, ela é resultado da luta história realizada pelos movimentos negros, pela política de educação antirracista ao longo do século XX que denunciavam as desigualdades entre os povos negros e brancos. Além disso, chamam

³ O Projeto Consciência Negra é realizado na grande maioria das escolas públicas e privadas, no mês de novembro, tendo sua culminância no dia 20 do mesmo mês, em homenagem a Zumbi dos Palmares, homem de grande liderança palmarenses que foi assassinado a mando da Coroa portuguesa. Dentre diversos projetos pedagógicos são realizadas exposições de arte e cultura voltadas à temática, assim, podemos mencionar o Museu da Pessoa, que desenvolve exposições virtuais voltadas para histórias de vida, artistas pretos e indígenas, dentre outros. Disponível em: <https://museudapessoa.org/>. Acesso em: 26 jul. 2023.

à atenção para a ausência de conhecimentos sobre o continente africano e sobre a história do negro no Brasil nos programas curriculares da maioria das escolas brasileiras.

Durante o século XX era visível como as organizações dos movimentos negros deram grande importância a essa questão, uma vez que criaram escolas destinadas à alfabetização de jovens e crianças. Dentre elas, podemos citar o papel da Frente Negra Brasileira que fundou uma escola de alfabetização através do Movimento Afro-Brasileiro de Educação e Cultura - MABEC, criado em 1941, desenvolvendo ações de alfabetização para jovens e adultos e o Teatro Experimental do Negro, que buscou utilizar o palco do teatro para lutar pelo reconhecimento do valor civilizatório da herança africana e que também organizou cursos de alfabetização para os negros que faziam parte deste grupo.

A partir dessa alteração na LDB podemos perceber que entre os anos de 2003, quando eu cursava a antiga 3ª série (atual 3º ano do ensino fundamental I) e o final do ano letivo de 2011, período no qual finalizei o ensino médio, ainda não era trabalhado pelo corpo docente das escolas em que estudei a proposta da lei nº 10.639/2003 como uma disciplina, e até hoje, ainda não há vejo.

Porém, com o passar dos anos algumas pesquisas foram sendo realizadas em municípios, a fim de analisarem a implementação da lei n.º 10.639/2003 nas escolas da rede pública. Dentre elas, podemos citar a pesquisa que realizamos entre 2014 e 2015 nas escolas da rede pública municipal de Juazeiro do Norte-CE.

As professoras Nascimento e Nunes (2015) puderam analisar que a lei n.º 10.639/2003 ainda não estava sendo implementada do modo como é exigido pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira (2004) nas escolas municipais juazeirenses. Elas fazem essa afirmação a partir da pesquisa desenvolvida, através de alguns profissionais do ensino, os quais demonstraram desconhecimento sobre o que trata a lei.

Desse modo, vários gestores e professores relataram que as dificuldades enfrentadas para abordarem a temática, era resultado de um calendário letivo que deveriam seguir, como também na “maioria das escolas só é abordado este assunto no decorrer da semana da consciência negra, porque os docentes têm que trabalharem as outras datas comemorativas” (Nascimento; Nunes, 2015, p. 694).

O meu interesse em aprender sobre a história e cultura dos povos negros e afro-brasileiros iniciou no fim do ano de 2013. Nesse período eu cursava o primeiro semestre do

Curso de Graduação em Pedagogia (2013.2 a 2018.1), na Universidade Regional do Cariri – URCA⁴, Campus do Pimenta, em Crato-CE.

Foi durante uma aula da disciplina de Pesquisa Educacional, que a professora Dra. Cícera Nunes convidou toda turma a participar do grupo de estudos que coordena até hoje, o Núcleo de Estudos em Educação, Gênero e Relações Étnico-Raciais - NEGRER. O seu convite muito me interessou e passei a participar para me deter das discussões propostas, visto que para mim era tudo novo, e pelas minhas memórias, nunca havia tido a oportunidade de ter acesso a estudos voltados para a temática africana e afro-brasileira durante a minha educação básica, como mencionei anteriormente.

No ano seguinte, pude ter um contato direto com gestores, coordenadores e professores de 30% (trinta por cento) das escolas municipais de Juazeiro do Norte-CE, pois me tornei bolsista de Iniciação Científica-CNPq, orientada pela professora Cícera. Logo, desenvolvemos a pesquisa intitulada “Diversidade étnico-racial: análise da implementação da Lei Nº 10.639/03 nas escolas da rede municipal de Juazeiro do Norte-CE”. Nesta pesquisa, pudemos conhecer de perto como vinha se dando o seu processo de implementação nas escolas de Ensino Fundamental I da rede municipal juazeirense. Dentre as publicações realizadas por meio desta pesquisa, cito a XVII Semana de Iniciação Científica da URCA, no ano de 2014, tendo como título “Diversidade étnico-racial na escola de educação básica: análise da implementação da Lei Nº 10.639/03 nas escolas municipais de Juazeiro do Norte-CE”.

A partir desta pesquisa e do NEGRER me aproximei da professora Cícera e fui adquirindo novos conhecimentos e me aprofundando em outros, como arte africana, educação, relações étnico-raciais e gênero. De forma que, me encontrava em um espaço de descobertas, sentindo os novos sabores da educação.

Nos anos de 2016 e 2017 tive a oportunidade de atuar como estagiária da Educar SESC⁵ Juazeiro do Norte-CE, espaço que me proporcionou a ampliação dos saberes sobre o ambiente escolar, neste período pude ainda desenvolver dois projetos de intervenções pedagógicas. O primeiro intitulado “Somos todos sementes vindas da África” e o segundo

⁴ A Universidade Regional do Cariri foi criada em junho de 1986 a partir da Faculdade de Filosofia do Crato que ministrou alguns cursos de graduação e com o decorrer dos anos vem ampliando o oferecimento de cursos para a população cearense e estados vizinhos. Disponível em: www.urca.br. Acesso em: 21 dez. 2023.

⁵ Serviço Social do Comércio - Sesc, foi criado em 1946, como compromisso de que empresários do setor colaborariam com o cenário social por meio de ações que beneficiassem empregados e seus familiares com melhores condições de vida e desenvolvimento de suas comunidades de residência. Com o passar do tempo, esse trabalho foi estendido a toda a população, como forma de cooperar com a sociedade e contribuir para a igualdade social. Atualmente, ele se estende por diversos estados brasileiros. Disponível em: www.sesc.com.br. Acesso em: 21 dez. 2023.

“Brincar Reisado no nosso chão”, ambos voltados para a temática das relações étnico-raciais. O primeiro projeto resultou em um trabalho científico intitulado “Plantando sementes afrobrasileiras: propostas para a implementação da lei nº 10.639/03”, apresentado e publicado nos Anais do VIII Artefatos da Cultura Negra, no ano de 2017.

Vale destacar ainda que, o segundo projeto resultou no meu trabalho monográfico, apresentado no final do Curso de Pedagogia, em 2018. Ele abordou propostas de ensino nas quais foram trabalhadas as questões étnico-raciais realizadas com crianças da educação infantil a partir do estudo de reisado. O resultado desta pesquisa também foi apresentado e publicado nos Anais do IX Artefatos da Cultura Negra, no ano de 2018, intitulado “Construindo aprendizados a partir do Reisado: propostas de ensino baseada na lei nº 10.639/2003 na educação infantil”.

Figura 1- Apresentação da monografia da graduação em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri – URCA



Fonte: Acervo pessoal da autora (2018)

É de suma importância destacar que o interesse em pesquisar sobre o Reisado surgiu a partir da escuta de conversas entre crianças da educação infantil, no momento de acolhida, quando eu realizava o estágio remunerado na Escola Educar SESC. Através do diálogo entre duas meninas de cinco anos de idade, me aproximei delas, sentei junto à mesa, comecei a brincar com o lego, brinquedo que estava sendo utilizado pelas crianças e pouco a

pouco fui fazendo alguns questionamentos, como: vocês já viram o Reisado? Quem brinca Reisado? E assim foram comentando que alguns de seus familiares brincam Reisado; que o reisado passa várias vezes pela a rua em que moram; e até mesmo que estão fazendo parte de um grupo de Reisado Mirim no bairro em que moram.

Naquele dia, a conversa com as crianças me chamou muito a atenção, primeiro, pelo fato das duas meninas demonstrarem muito interesse e prazer pela brincadeira de Reisado, em segundo lugar, por eu não ter tido a oportunidade, assim como elas tiveram, de conhecer um grupo de brincantes, adentrar como integrante e conseqüentemente valorizar a nossa cultura.

Assim, refleti naquele momento sobre a possibilidade de desenvolver um projeto pedagógico voltado para a brincadeira de reisado, visto que eu iria se apropriar do conhecimento sobre o Reisado de Congo, presente no município juazeirense, relacionando a cultura local com a cultura africana; desenvolveria na turma um conhecimento mais aprofundado sobre a temática; além de interligar a pesquisa de mestrado da minha orientadora Cícera Nunes com o meu projeto interventivo na Escola Educar SESC e com o meu trabalho monográfico. Assim, o espaço da sala de aula, a universidade e a cultura afro-brasileira foram se interligando e construindo novos significados para as crianças participantes e para as pesquisadoras/professoras envolvidas.

Dentre as atividades realizadas no projeto “Brincar Reisado no nosso chão” no período de agosto a novembro do ano de 2017, procuramos desenvolver propostas interventivas, que valorizassem o ensino das africanidades presente nos grupos de Reisado do município de Juazeiro do Norte no Cariri Cearense (Nunes, 2014). Dessa maneira, alguns temas desenvolvidos no projeto foram: Conhecendo a história do Reisado - Reisado: A história e cultura que nos pertence; A presença do Reisado na nossa cultura; Estudando alguns brincantes do Reisado - Representantes do Reisado: Mateu, Catirina, Mestre, Contra-mestre, Rei, Rainha, Espadachins, Princesa, Contra-guia; Construindo e reconstruindo nossa identidade: Presenciando crianças na arte brincante; Percebendo-nos no Reisado; (Re)descobrimos a nossa identidade; Vivenciando e praticando o Reisado: músicas, danças e vestimentas; Jogo de espadas; Conhecendo o Jaraguá. Além da vivência com a participação do Grupo de Reisado Menino Deus.

Figura 2 - Contação de cordel sobre a brincadeira de Reisado para turma na Educar SESC Juazeiro.



Fonte: Acervo pessoal da autora (2017)

Realizar este projeto e poder vivenciar o reconhecimento identitário e cultural através das crianças, me fez querer expandir esse trabalho, para que ele também pudesse ser acessado e utilizado pelos demais professores, visto que alguns deles, ao ter conhecimento do projeto por mim realizado, até manifestaram ter interesse em desenvolver atividades culturais presentes na nossa região, mas, não seguiram adiante por não terem conhecimento sobre o assunto. Depoimentos como esses me fizeram refletir sobre o despreparo profissional no município de Juazeiro do Norte-CE no que se refere à aplicação da lei n.º 10.639/2003 e a necessidade da produção de material que sirva de apoio aos profissionais do ensino no seu trabalho pedagógico voltado para o reisado como legado de base africana na Região do Cariri cearense (Videira; Nunes, 2013).

Desse modo, após três anos e meio da conclusão da graduação em Pedagogia, retornei à Universidade Regional do Cariri - URCA para participar de uma seleção de mestrado. Consequentemente, realizei a construção do projeto inicial de pesquisa levando como proposta a continuidade do trabalho iniciado na graduação. De início, tinha a ideia de visitar pessoalmente o grupo de Reisado Menino Deus, em que já havia tido contato com o mestre no projeto desenvolvido na Educar SESC, desta cidade de Juazeiro do Norte, e depois desenvolvermos um projeto interventivo pedagógico com um grupo de docentes de uma escola pública. De forma que, o projeto foi aprovado, bem como as etapas seguintes.

Com o passar de alguns meses fui aperfeiçoando as ideias para o desdobramento da pesquisa de mestrado, até chegar a decisão de que faria o estudo com o grupo de Reisado Menino Deus (que logo se mudou para o município vizinho, Crato-CE) através do qual desenvolveria entrevistas semiestruturadas como instrumento de produção de pesquisa a ser realizado com alguns brincantes do Reisado, a fim de conhecer a sua atuação no trabalho com a temática, além de analisar a presença dos valores civilizatórios de matriz africana existentes no grupo de Reisado. Para tanto, tive como objetivo principal da pesquisa, entender a partir do grupo de Reisado Menino Deus como se dá a existência de valores civilizatórios de matriz africana nesta manifestação cultural como propostas de ensino para o trabalho docente.

Agora, me reportando aos estudos do ensino superior, no decorrer da graduação em Pedagogia, mais precisamente no sétimo semestre, cursei a única disciplina com temática negra ofertada no último semestre do curso. No período, esta disciplina já era obrigatória e intitulava-se “Educação e Cultura Afrodescendente”, ministrada pela professora Cícera Nunes, que sempre foi a defensora desta área.

Durante o tempo na graduação sempre ouvia várias pessoas, dentre elas a professora Cícera, como também vários/as estudantes comentarem sobre a importância dessa temática ser ofertada logo nos primeiros semestres. Assim, mais graduandos/as teriam um contato mais cedo com a temática e conseqüentemente, o interesse em desenvolver pesquisas na área.

Sempre concordei e apoiei os estudos desta disciplina, justamente porque ela foi uma das pontes que tive na URCA para me conhecer como ser negra; compreender a formação étnico-racial da minha família; perceber algumas conquistas significantes da população negra e sua influência na formação social, cultural e histórica do Brasil; conseguir diferenciar termos e situações de preconceito, racismo e discriminação; conhecer pensadores negros brasileiros que pesquisam e trazem grandes contribuições para a temática afro-brasileira, alguns deles até cheguei a conhecer pessoalmente através de edições do Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra⁶.

Outra disciplina que cursei no último semestre, ainda no primeiro semestre de 2018, com a mesma temática foi “Cultura Africana e Afro-brasileira” ofertada como optativa no curso de Ciências Sociais, também pela URCA e ministrada pela professora Otília

⁶ Dentre as edições do Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra me recordo de ter participado da V, VI, VIII, IX, XIII e XIV edição.

Aparecida⁷. Durante as aulas, tivemos muitos momentos de trocas, reflexões, leituras, escritas e exposição de pesquisas que desenvolvemos na área. O contato com trabalhos de pesquisadores/as negros/as brasileiros/as ajudou a expandir o nosso aprendizado e pensamento acerca das temáticas que abordam as relações étnico-raciais, problemas estruturais e culturais, focando a atenção no ambiente escolar, uma vez que nós, professores/as, estávamos em uma formação inicial com o intuito de futuramente atuar neste espaço de educação formal.

No segundo semestre do Mestrado Profissional em Educação na URCA, em 2022, cursei a disciplina optativa “Memória e Oralidade: Metodologia de ensino e pesquisa com a temática das afrodescendências”, que foi mediada pela professora Cícera Nunes e o professor Henrique Cunha Júnior. Desde o primeiro encontro pude perceber a leveza e flexibilidade, na forma como eram conduzidos os encontros das noites de sextas-feiras, visto que as propostas eram trazidas inicialmente pela professora, mas, sempre estavam abertas as sugestões.

Figura 3 - Encontro da disciplina de Memória e Oralidade entre professora ministrante, mestrandas e participantes, no Pátio da Pedagogia na Universidade Regional do Cariri – URCA.



Fonte: Acervo pessoal de Anna Karina (2022).

Neste período dedicamos grande parte dos nossos estudos a compreender e exercitar a abordagem autobiográfica e a pesquisa Pretagogia, criada pela professora Dra.

⁷ A docente Otília Aparecida Silva Souza é doutora em Arte pela Universidade Federal de Minas Gerais e professora adjunta do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri. Ministra disciplinas nas áreas de Antropologia, Cultura Africana e Afro-brasileira, Cultura e Arte Popular.

Sandra Petit (2015). Essa abordagem foi primordial aos nossos estudos, através dela conhecemos densamente uma obra⁸ do escritor africano malinês Amadou Hampâté Bâ (2013) e outras como Carolina Maria de Jesus (2014) e Lélia Gonzalez (1988). Atenta as autobiografias destes/as autores/as, fui desafiada a rememorar minhas vivências pessoais, educacionais e profissionais para construir a minha própria escrita. Também tive vivências em espaços de educação informal que foram enriquecedoras, com o mestre Chico Ceará do Grupo Terreiro Cultural Arte e Tradição⁹, na cidade de Barbalha-CE e as irmãs Verônica e Valéria, do Grupo de Valorização Negra do Cariri - GRUNEC¹⁰, em Crato-CE. De uma maneira acolhedora e simples fui recebida com carinho e pude escutar a partilha destas irmãs que falaram sobre o que viveram para serem estes seres humanos tão críticos/as e guerreiras contra o racismo no Cariri e apoio a cultura.

Portanto, todas essas experiências resultaram no desenvolvimento de pesquisas, artigos, projetos sobre a temática das africanidades, participações em eventos e discussões que me fizeram refletir sobre as situações existentes de desigualdades raciais e sociais, negação por parte da população, da sua identidade e a desvalorização da nossa cultura, pela presença de elementos culturais pertencentes à cultura africana, como também sobre as conquistas que tivemos a partir da luta dos grupos da nossa região e pelas leis federais.

Esses momentos de formação ajudaram-me a se reconhecer como mulher negra, conhecer estudos de escritores/as negros/as brasileiros/as e africanos e o seu papel significativo para a sociedade e a educação, além de aprender a desenvolver um olhar mais sensível às questões étnico-raciais e a importância dos grupos culturais da região caririense para os estudos relacionados a cultura africana e afro-brasileira.

1.2 A CONTRIBUIÇÃO DO NEGRER

O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Relações Étnico-Raciais, o NEGRER, é vinculado ao Departamento de Educação da URCA, cadastrado junto

⁸ A obra é intitulada como *Amkoullel, o menino fula*, na qual relata o período do seu nascimento à juventude, e sempre interligando com a vida dos seus familiares com parentescos mais próximos.

⁹ O mestre de cultura Chico Ceará é o organizador do grupo que tem como objetivo resgatar e transmitir para as novas gerações as manifestações culturais tradicionais da Região do Cariri cearense e ensinar a capoeira, cultivando a tradição de matriz africana, como o maculelê e o maracatu.

¹⁰ O GRUNEC é uma entidade sem fins lucrativos, atuante desde o ano de 2001. Seu principal objetivo é promover a igualdade étnico-racial e a autoestima da população negra na Região Caririense, e propagar a consciência sobre nossa afrodescendência, valorizando a nossa história e cultura. O grupo conta com o apoio de entidades governamentais e não governamentais, profissionais liberais, autoridades religiosas, empresários e de qualquer pessoa da própria população que pretenda se engajar num propósito político-social consistente.

ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq¹¹, assim como na Rede Nacional de Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Consórcio NEABs e Associação Brasileira de Pesquisadores Negros - ABPN¹², o qual é coordenado pela professora Cícera Nunes.

Este grupo de estudos atua com ações no campo do ensino, da pesquisa e da extensão, na temática das relações étnico-raciais numa perspectiva interdisciplinar. Atuando também na formação de novos/as pesquisadores/as no âmbito da graduação e da pós-graduação e desenvolve ações em colaboração com a sociedade por meio da extensão universitária. O NEGRER, sendo composto por discentes e docentes da graduação e pós-graduação da URCA e de outras instituições, profissionais da educação básica e ativistas dos movimentos sociais do Cariri cearense, os quais atualmente são mais de 30 (trinta), vem desenvolvendo estudos e pesquisas nos eixos de: cultura de base africana e educação; História africana e afro-brasileira; Gênero, diversidade e relações-étnico-raciais; Infâncias, arte e diversidade étnico-racial; Populações indígenas: história, cultura e educação e Educação quilombola.

Figura 4 - Confraternização do final do ano de 2014 entre os integrantes do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Relações Étnico-Raciais – NEGRER



Fonte: Arquivo pessoal de Ana Paula (2014)

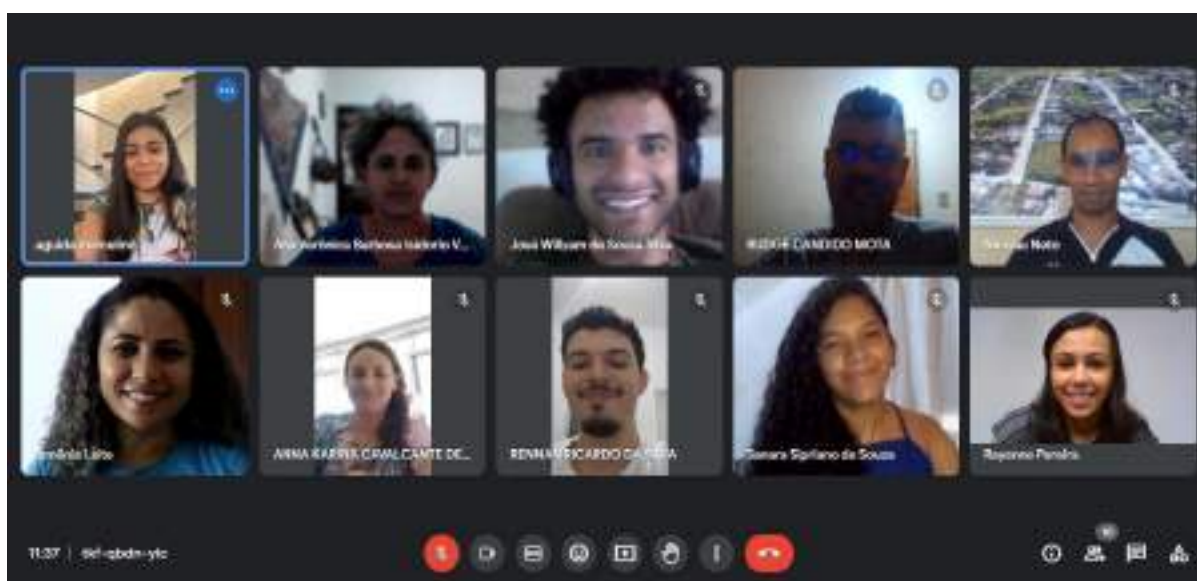
¹¹ O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico é uma fundação pública vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, o qual tem como objetivo fomentar a pesquisa científica, tecnológica e de inovação no Brasil, além de promover a formação de recursos humanos qualificados para a pesquisa em todas as áreas do conhecimento. Disponível em: www.gov.br/cnpqpt-br. Acesso em: 26 dez. 2023.

¹² A Associação Brasileira de Pesquisadores Negros é uma organização sem fins lucrativos e apartidária, criada no ano 2000. Ela é defensora da pesquisa acadêmico-científica realizada prioritariamente por pesquisadores/as negros/as, sobre temas de interesse direto das populações negras no Brasil e de todos os demais temas pertinentes à construção e à ampliação do conhecimento humano. Disponível em: www.abpn.org.br. Acesso em: 26 dez. 2023.

Conheci esse grupo no final do segundo semestre de 2013, durante o meu primeiro semestre na graduação em Pedagogia-URCA, neste ano de 2023, completou uma década que faço parte do NEGRER. Coletivo que tem grande relevância acadêmica e social, uma vez que nos dá a oportunidade para abranger e conhecer eixos de pesquisa significantes e indispensáveis a serem pesquisados e vivenciados. O NEGRER sempre foi um espaço de vivências críticas-reflexivas que nos instiga a compreender e questionar as pautas abordadas/compartilhadas nos encontros semanais presenciais e/ou remotos, e por partilha de conhecimento e informações via *WhatsApp*.

As discussões, pesquisas e vivências no NEGRER vem impactando diretamente nas nossas ações pedagógicas no ambiente formal e informal, seja nas escolas, universidades, instituições culturais e coletivos, através dos estudos, pesquisas e ações desenvolvidas pelos integrantes do grupo. Atualmente, nós integrantes, estamos presentes atuando em escolas e universidades privadas e públicas municipais e estaduais da região, cursando mestrado e/ou doutorado em universidades regionais e federais do Brasil, outros já finalizaram esse processo, e hoje estão compondo ou liderando grupos de movimentos sociais, todos com o objetivo de contribuir efetivamente na educação para as relações étnico-raciais nos espaços os quais atuam. Essas práticas que são consolidadas com a rede de apoio que construímos uns com os outros dentro do grupo, através dos estudos com embasamento teórico e com as socializações das nossas vivências.

Figura 5 - Encontro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Relações Étnico-Raciais - NEGRER



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023)

2 Ô DE CASA, DÊ LICENÇA PARA O LOCUS DE PESQUISA VOS APRESENTAR

*“Ô que casa grande que eu avistei
O primeiro que eu vi foi a luz acesa [...]”
(Peça do Reisado dos Irmãos, 2021)*

Figura 6 - Entrada do grupo de Reisado Menino Deus em uma residência juazeirense.



Fonte: Facebook do Reisado Menino Deus (2020). Acesso em: 20 jul. 2023.

A Região do Cariri¹³, no sul do Ceará, se tornou região metropolitana por ser a segunda região urbana mais expressiva do estado cearense. A denominação CRAJUBAR se deu pela conurbação dos municípios de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. O pesquisador Queiroz (2014, p. 97) contribui com o nosso estudo ao informar que:

[...] o processo de integração econômica e social do Crajubar resultou no processo de conurbação das três principais aglomerações urbanas do Cariri. A percepção do processo de conurbação revela-se não apenas no tecido urbano do Crajubar, mas, sobretudo, no seu arranjo urbano-regional. Ademais, o crescimento demográfico verificado nas cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, sobretudo nas últimas décadas, bem como a expansão das atividades e fluxos de caráter regional concorreram para reforçar ainda mais o processo de integração socioeconômica do Crajubar.

¹³ Quando nos referirmos à região do Cariri estaremos remetendo-se ao Cariri cearense.

Figura 7 - Região Metropolitana do Cariri



Fonte: Secretaria das cidades. Acesso em: 15 out. 2022.

Essas aglomerações entre os municípios mencionados têm recebido influências através do seu crescimento territorial, econômico e dos serviços oferecidos.

A expansão demográfica entre as cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha vem se dando com o passar dos anos, na medida em que a população aumenta. Soares (2014) comenta que o CRAJUBAR teve influências de escalas maiores, como as capitais de Fortaleza e Recife, visto que a ampliação destes espaços urbanos contribuiu para o aumento da demanda alimentícia e de matéria-prima oferecida para o desenvolvimento econômico da região Nordeste. Logo, essa expansão contribuiu significativamente no processo econômico local e na sua ampliação espacial, principalmente onde hoje está localizada a cidade do Crato.

A cidade de Crato, situada na Chapada do Araripe, conta com áreas de lazer, como os clubes recreativos e restaurantes, cada vez mais presentes ao redor da Floresta Nacional do Araripe; a cultura, que conta com as manifestações culturais como o Reisado, a lapinha, a dança de coco, o maracatu, o maneiro-pau, dentre outros; e a educação, com a existência da única instituição de ensino superior existente da região até o final da década de 1990, a URCA, atualmente com grande expansão desse campo educacional com a chegada de instituições privadas de ensino superior (Queiroz, 2014).

O Crato foi fundado no século XVIII, mais precisamente em março de 1762 e logo emancipado em 25 de janeiro de 1764. Município com 259 (duzentos e cinquenta e nove) anos, possui uma grande extensão territorial, se comparado ao município de Juazeiro do

Norte, mas com um número populacional menor, com uma média de 133 (cento e trinta e três) mil habitantes.

O município de Barbalha é formado por espaços industriais, de saúde e lazer. Dentre as indústrias existentes neste espaço, Queiroz (2014, p. 98) cita uma que esteve em funcionamento até o início dos anos 2000 fazendo a seguinte afirmação, “o único empreendimento remanescente do projeto Asimow, no caso, a Indústria Ibacip e a maior usina de açúcar e álcool da região, a Usina Manoel Costa Filho”. Além disso, conta com o Hospital e Maternidade São Vicente de Paulo e diversos parques aquáticos, como o Arajara Park, localizado no pé da serra.

Ademais, a cidade de Juazeiro do Norte fica a 495 km da capital, Fortaleza. É um espaço com a maior população do interior do Nordeste, pois de acordo com o último Censo 2022¹⁴, a cidade conta com 286.120 habitantes, tendo um aumento de 14,4% se comparado com o Censo de 2010.

O município também é considerado um dos maiores centros de religiosidade devido à figura do Padre Cícero Romão Batista. Esse padre é conhecido por ser o fundador da cidade¹⁵, primeiro prefeito após a sua emancipação, em 22 de julho de 1911, e por seus vários milagres, tendo sido o mais conhecido a transformação da hóstia da beata Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo¹⁶ em sangue durante a comunhão em 1889. O município conta com a estátua do padre Cícero, localizada na Colina do Horto, na zona urbana, e recebe em média dois milhões de romeiros de todo o País e lugares do mundo. Deste ponto, temos uma visão panorâmica, podendo-se vislumbrar todo o Vale do Cariri e a Chapada do Araripe.

Essa cidade completou seu primeiro centenário de emancipação política em 2011, já tendo sido, no seu passado histórico, distrito do município de Crato. Temos conhecimento do nome da cidade já ter recebido algumas grafias diferentes antes desse processo político, como Joaseiro e Joazeiro.

É de conhecimento na nossa região que uma das causas da ampliação geográfica, populacional e econômica de Juazeiro do Norte se deu após o ocorrido da transfiguração da hóstia em sangue, mencionado anteriormente, ao citar a Beata Maria de Araújo. Porém, outros

¹⁴ Informação disponível no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/juazeiro-do-norte/panorama>. Acesso em: 27 dez. 2023.

¹⁵ A vila Tabuleiro Grande passou a ser chamada de Juazeiro do Norte após a emancipação da cidade e em homenagem à capela erguida em frente a uma frondosa árvore chamada juazeiro.

¹⁶ Era uma mulher pobre, negra, religiosa, analfabeta e filha de negros, mais conhecida como Beata Maria de Araújo, a qual foi assim declarada pela devoção popular, e não pela Igreja Católica.

pesquisadores acrescentam outros fatos ocorridos durante o final do século XIX e início do século XX que influenciaram diretamente no atual contexto juazeirense. Desse modo,

Antes, durante e depois do “milagre da hóstia”, aconteceram graves secas no Nordeste, que influenciaram a migração para o Cariri e, por conseguinte, para o aumento da densidade populacional dos municípios e cidades. As principais que tiveram consequências foram as secas de 1877, 1888, 1898, 1900 e 1915. É para Juazeiro do Norte que afluiu a maioria dos migrantes, tanto pela questão mítica do sacerdote e da propagação da sua fama de milagreiro pelo interior nordestino, como pelas secas devastadoras (Soares, 2014, p. 9).

Além deste contexto formativo da cidade também é de inteira importância lembrarmos que o município é um grande polo cultural. Tendo presente o artesanato, que conta com o Centro Cultural Mestre Noza¹⁷, espaço criado em homenagem ao primeiro artesão da região; a literatura de cordel, que foi se desenvolvendo a partir da história desse lugar e hoje boa parte do seu acervo se encontra em centros culturais e museus, como o Memorial Padre Cícero, o Centro Cultural Banco do Nordeste - CCBNB Cariri, o Centro de Referência e Memória da Cidade de Juazeiro do Norte, Lira Nordestina, o Museu Vivo do Padre Cícero e o próprio Centro Cultural Popular Mestre Noza, citado anteriormente; além da cultura popular, como o Reisado, surgido das irmandades religiosas e dos rituais de coroação, e que acredita-se ter recebido influência dos romeiros nordestinos de outros estados, como os alagoanos.

2.1 BRINCANDO REISADO PARA CONHECER OS SUJEITOS DA PESQUISA

É a partir desse lugar que apresentamos, no qual nasci e resido até o presente momento, que parti como espaço de pesquisa. Um lugar onde (re)aprendo constantemente e que contribui bastante na minha construção enquanto pesquisadora, estudante de pós-graduação e professora atuante nos anos iniciais da educação básica.

Com a pesquisa de mestrado dei continuidade ao trabalho, já iniciado na graduação, com a seguinte questão de pesquisa: Quais valores civilizatórios de matriz africana podem ser percebidos a partir do Reisado e como trabalhá-los nas práticas de ensino?

Assim, formulei mais três perguntas a partir do questionamento principal, que são elas: 1. De que maneira, os valores civilizatórios de matriz africana presentes no Reisado

¹⁷ Inocêncio Medeiros da Costa (1897-1983), conhecido como Mestre Noza, era pernambucano, escultor e xilogravurista. Ele foi a Juazeiro do Norte em 1912 como romeiro e acabou ficando na cidade. Atualmente, existe a Associação de Artesãos do Juazeiro do Norte, que está situada no Centro Cultural Popular Mestre Noza, localizada na Rua São Luís, 95, no bairro Centro de Juazeiro do Norte. Saiba mais em: Associação dos Artesãos de Juazeiro do Norte – Coisa de Cearense. Acesso em: 27 dez. 2023.

Menino Deus da Região do Cariri, podem contribuir com a ação do trabalho docente? 2. Quais possibilidades pedagógicas podem valorizar e reconhecer o Reisado como uma manifestação cultural afro-brasileira de matriz africana? 3. Que contribuições a pesquisa pode dar, com a produção de um material didático pedagógico de matriz africana, a partir das brincadeiras do Reisado, como parte do patrimônio afro-brasileiro e caririense?

A partir dessas perguntas, dessas indagações foram formulados os objetivos geral e específicos. O último objetivo específico faz referência ao material didático que confeccionei, como sendo o produto educacional final do mestrado.

O principal objetivo é analisar os valores civilizatórios de matriz africana, presentes no Reisado Menino Deus como proposta de ensino de africanidades afro-brasileiro-caririense. Além disso, buscou-se compreender as possibilidades pedagógicas de manifestação afro-brasileira a partir das brincadeiras do Reisado como um marcador de africanidades caririenses; e, produzir uma proposta didático-pedagógica, considerando o reisado caririense como uma ferramenta de ensino para as africanidades na educação básica.

Até aqui, tenho como objetivo estudar a manifestação cultural do Reisado dentro do grupo Menino Deus, localizado no município de Crato-CE para propor ações pedagógicas que possam ser desenvolvidas pelo corpo docente que busca atuar em prol da lei nº 10.639/03. Logo, desenvolvi esse estudo com brincantes com idade a partir de 18 (dezoito) anos, focando o desenvolvimento da pesquisa na presença dos valores civilizatórios de matriz africana presentes no Reisado pesquisado.

2.2 TIRANDO REISADO METODOLÓGICO

Busquei percorrer etapas metodológicas que envolvesse as africanidades, visto que mesmo tendo pesquisas sobre as temáticas afrodescendentes, sendo cada vez mais estudadas e publicadas por diversos pesquisadores, devemos continuar viabilizando as vivências da negritude.

Este trabalho teve como abordagem a pesquisa qualitativa. A sua preocupação foi com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, uma associação, visto que trata-se de aspectos da realidade os quais não são quantificáveis, e tem centralidade na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (Silveira; Córdova, 2009).

Por este viés, a abordagem metodológica utilizada refere-se à metodologia afrodescendente, criada por Henrique Cunha Júnior (2007), no qual mencionou que o pesquisador é conhecedor da cultura de base africana, e o mesmo tendo este conhecimento,

assim deseja romper com as formas de hegemonia do pensamento eurocêntrico e na transformação da realidade racista na qual a sociedade brasileira está incerta. Logo, o/a pesquisador/a não só observa a realidade, como também se insere nela, a fim de transcender o campo da neutralidade.

Desse modo, buscamos uma relação sujeito-sujeito tendo compromisso com o grupo de pessoas que fizeram parte da pesquisa, visto que assim não adotamos “[...] a postura de analisar a cultura do outro e sim, vê-la como parte da própria cultura” (Petit; Silva, 2011, p. 90).

Assim, na metodologia afrodescendente, os/as pesquisadores/as aprendem e obtêm resultados sobre a sua cultura, e não a “do outro”, pois eles fazem parte daquele ambiente pesquisado (Cunha Jr., 2007). Sobre o pesquisador consciente, Silva, Cunha Jr. e Nunes (2018, p. 26-27) acrescentaram ao dizer que ele “quanto aos artefatos da cultura negra, deve almejar a superação do pensamento eurocêntrico e do racismo, presente na estrutura social brasileira”.

Além disso, pudemos acrescentar que após as conclusões os colaboradores científicos “bebem” com mais efervescência os traços africanos que se fazem presentes no seu meio cultural, pois conseguem perceber com mais facilidade a existência frequente de traços africanos no espaço cultural no qual está inserido.

Para tanto, concordamos com a afirmação dos professores Silva, Nunes e Cunha Jr. (2018, p. 27) sobre a pesquisa afrodescendente se tornar um percurso importante para “a consciência afrodescendente e das africanidades da realidade brasileira, corroborando para a superação do racismo nos ambientes educacionais”.

Silveira e Córdova (2009) também informaram que os pesquisadores que realizam pesquisa com esse tipo de abordagem opõem-se a defender um único modelo de pesquisa para todas as ciências, visto que cada uma possui sua especificidade, fazendo com que tenha sua metodologia própria. Ademais, eles buscam explicar o porquê das coisas pelo o que deve ser feito, mas não se submetem a provar os fatos.

Nesta pesquisa fizemos uso da análise pelas lentes da afrodescendência. Primeiramente desenvolvemos momento de escutas, seguido de suas transcrições e organização de categorias e interpretação dos dados, a partir dos temas trazidos nas narrativas significativas dos participantes da pesquisa, os quais são fundamentais para efetivar e reconhecer a presença dos valores civilizatórios do patrimônio afro-brasileiro através do Reisado no nosso município.

À vista disso, para a análise geral do material produzido na pesquisa seguimos com a análise preliminar, com a categorização dos dados e a interpretação. Na primeira fase a pesquisadora iniciou a organização do material com uma leitura fluída, reformulações de objetivos e hipóteses, quando necessário, e a formulação de indicadores. Na segunda fase, criou-se a categorização dos dados a partir dos depoimentos dos entrevistados. E na última fase, produzimos a interpretação dos resultados obtidos, dando significado às informações que foram dadas na coleta. Nessa etapa é primordial uma análise atenta, crítica e reflexiva.

Na metodologia da pesquisa, apresentaremos o local da pesquisa, quem foram os participantes, informações que caracterizam o grupo, o percurso metodológico, destacando as principais falas dos pesquisados, associando o que tem de comum e específico, sua relação com o campo da pesquisa e a fundamentação teórica.

Neste estudo procuramos investigar como se dá a presença dos valores civilizatórios de matriz africana na manifestação cultural do Reisado no município de Juazeiro do Norte-CE, como patrimônio afro-brasileiro dentro do grupo de Reisado Menino Deus, a partir da participação de quatro brincantes que já estão participando do grupo há no mínimo 1 (um) ano e são maiores de idade. Com os resultados obtidos, buscamos identificar que elementos investigados traziam impactos positivos ao grupo de brincantes e atuações docentes ao abordarem a manifestação cultural do Reisado no ambiente formal.

2.3 O ESPAÇO PESQUISADO

O percurso metodológico utilizado na pesquisa abrangeu quatro brincantes do Reisado de um mesmo grupo, partindo da disponibilidade de cada um(a) para participar deste estudo e da sua experiência cultural tão influente dentro do espaço geográfico, cultural e educacional, o qual utilizam para desenvolver suas atividades, como também da sua atuação e colaboração com a comunidade em que está inserida. Destacamos também que, ao finalizar esta pesquisa alcançamos os objetivos, uma vez que, foram analisados os valores civilizatórios de matriz africana presentes no Reisado Menino Deus trazendo propostas pedagógicas de ensino de africanidades afro-brasileiro-caririense, através do produto educacional que caracterize o Reisado no Cariri cearense.

A região do Cariri no estado brasileiro, o Ceará, é conhecida pelo seu clima semiárido mais habitável do mundo, com a presença dos domínios naturais da Chapada do Araripe, sertões e serras secas, que são características geoambientais predominantes. Ademais, conta com uma área territorial de aproximadamente 16.442,3 km², distribuída entre

os seus 28 (vinte e oito) municípios. Sendo eles: Abaiara, Altaneira, Antonina do Norte, Araripe, Assaré, Aurora, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Campos Sales, Caririaçu, Crato, Farias Brito, Granjeiro, Jardim, Jati, Juazeiro do Norte, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Penaforte, Porteiras, Potengi, Salitre, Santana do Cariri, Tarrafas e Várzea Alegre (relação dos municípios em ordem alfabética).

Nesta região, como já mencionado, encontra-se o município de Juazeiro do Norte, o qual foi o *locus* dessa pesquisa, e Crato, que se entrelaçou no decorrer do estudo científico. Uma vez que tive muitas idas e vindas entre essas duas cidades, para cursar o mestrado, como também pelo fato do grupo participante da pesquisa mudar sua sede de Juazeiro do Norte para Crato.

A pesquisa contou com a participação do Grupo de Reisado Menino Deus, que atualmente tem como mestre, Jean Alex Silva de Alencar. Eles consideram como sendo um Reisado de Juazeiro do Norte, do Crato e do Cariri, uma vez que realizam diversas atividades pela região.

Figura 8 - Integrantes do Reisado Menino Deus cantando em apresentação.



Fonte: Facebook Reisado Menino Deus (2020). Acesso em: 1 set. 2024.

Uma parte dos jovens e adultos atuantes deste grupo de Reisado começou a fazer parte dele quando ainda eram crianças, por isso, até antes da pandemia da COVID-19 o grupo se chamava Reisado Mirim Menino Deus. Hoje, as únicas crianças são o rei, a rainha, os dois Mateu e alguns aprendizes.

Com relação às composições desse Reisado, uma parte se remete às peças¹⁸ de tradição, e a outra foi composta no período em que era dirigido pela União dos Artistas da Terra da Mãe de Deus. Além disso, conta com peças criadas pelo próprio mestre Jean Alex.

Esse grupo é de predominância negra, mas tendo outras etnias presentes na região do Cariri cearense, como pardos e indígenas. Para a escolha dos brincantes participantes desta pesquisa, tive a atenção em observar a sua função e seu tempo de atuação no grupo, considerando também a aceitação para participação da pesquisa. Assim, foram escolhidos dois homens e duas mulheres, sendo eles: o mestre, o Mateu e duas figuras, todos adultos, dois com mais de uma década de atuação no grupo pesquisado e outros dois com aproximadamente dois anos.

Dentre os critérios da pesquisa, atentei para pesquisar os participantes do grupo de Reisado que tivessem no mínimo um ano de vivência e estar atuando no presente período, uma vez que considera-se ter mais conhecimento sobre o nosso objeto de pesquisa. Outro critério destacado foi o de que os brincantes tivessem a partir dos 18 (dezoito) anos de idade, pelo fato de já serem maiores de idade, como também por facilitar o trabalho com o alcance dos objetivos da pesquisa.

Algumas pesquisas desenvolvidas no Cariri têm abordado as manifestações culturais históricas efervescentes e a educação, as quais são vistas, assistidas e/ou praticadas no dia a dia. A professora Cícera Nunes, já citada na pesquisa, tem sido uma grande pesquisadora, se não a maior que vem produzindo estudos sobre a presença negra no Ceará, através do Reisado do Congo (2007; 2011). O professor doutor, Reginaldo Ferreira Domingos (2011; 2015) abordou as religiões tradicionais de matriz africana a partir do candomblé. A professora recém-doutora e negra, Ana Paula dos Santos (2018; 2023) trabalha com a educação escolar quilombola. O professor mestre, Francisco Givaldo Pereira (2022), que trabalhou com a formação de professores acerca do EREER - Educação das Relações Étnico-Raciais. O professor mestre, Jean Alex Silva de Alencar (2020), pesquisou sobre as escolas de ancestralidade do Cariri, nas quais o mesmo participa ativamente.

É através destes pesquisadores e pesquisadoras que desenvolveram seus estudos destacando ações formativas para e com a sociedade do Cariri cearense, como também vêm dando continuidade na sua atuação docente nos espaços de educação não formal e formal, nos diferentes níveis de ensino, que apresento o título da minha atual pesquisa: *O Ensino das*

¹⁸ As peças tratam-se das músicas que são cantadas durante as apresentações de Reisado.

Africanidades através do Reisado no Cariri Cearense, que é marcada pelos valores civilizatórios afro-brasileiros abordados na brincadeira de Reisado do grupo Menino Deus.

2.4 PERCURSO METODOLÓGICO

Nesta pesquisa a partir da utilização da abordagem teórico-metodológica no contexto da pedagogia afrodescendente, já citada anteriormente, tive a preocupação com construção positiva dos aspectos negros na nossa sociedade e nos ambientes educacionais, formais ou não, como de seus valores civilizatórios. Ademais, é importante mencionar que, esses pontos estão a todo momento interligados à discussão das relações étnico-raciais.

Desse modo, foi interesse do estudo buscar saber como os brincantes de Reisado percebem a existência dos valores civilizatórios afro-brasileiros dentro do grupo, do qual fazem parte, como também a ligação desses valores com a educação.

Assim, a presente pesquisa de abordagem qualitativa abordou fenômenos humanos que fazem parte da realidade social, como cita Minayo e Deslandes (2007, p. 21) “o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”, os quais contribuem para “pensar e interpretar nossas ações no estudo dentro e a partir da realidade vivida e partilhada [...]”. Realizou-se um estudo de campo, em que a pesquisadora pôde participar de oficinas ministradas pelo mestre do grupo de Reisado e de apresentações, seguida de escutas através de entrevistas semiestruturadas.

O estudo de campo constitui-se como modelo clássico de investigação que originou-se na área da Antropologia, e atualmente abrange outras áreas, como a Educação e Sociologia. O seu planejamento apresenta muita flexibilidade, o que possibilita a sua continuidade mesmo que venha a ocorrer reformulações nos seus objetivos durante o seu desenvolvimento (Gil, 2002). Por meio dele, estuda-se um único grupo ou comunidade na sua estrutura social, facilitando o uso de várias técnicas de observação. O teórico Antonio Carlos Gil (2002, p. 53) destaca que:

Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias.

Diante disso, realizamos no tocante ao desenvolvimento da pesquisa os procedimentos que se tornaram necessários e indispensáveis para colocá-la em prática, e

assim realizar novas descobertas nesta área. Logo, foi utilizado inicialmente conversas informais com o mestre de Reisado do grupo participante, observações diretas com o grupo, registros fotográficos e entrevistas semiestruturadas.

Durante as idas até o grupo e a aplicação das entrevistas utilizei um diário de campo. Nele há anotações sobre observações e descobertas que foram sendo feitas dentro do grupo, que acreditava-se serem pertinentes a pesquisa; registros contendo a data, local e meios utilizados em cada entrevista, como também anotações importantes que foram tendo destaque na narração dos fatos pelos brincantes durante nossas conversas e que mereciam aprofundá-las.

Nesta pesquisa o uso de entrevistas foi a técnica de coleta de dados no processo de trabalho de campo. No início, planejou-se desenvolvê-la em grupo focal, porém, houve a necessidade de adaptá-la por causa da disponibilidade dos sujeitos participantes. Tendo em vista que os integrantes do grupo têm uma agenda de atividades a realizar em diversos espaços culturais, vivenciei a dificuldade de não conseguir momentos livres para aplicar no grupo focal. Assim sendo, analisei outra forma de coleta de dados, no qual não prejudicasse o tema de pesquisa e que os brincantes pudessem contribuir com esse estudo, chegando a optar pelo uso de entrevistas individuais.

Considera-se importante o uso de entrevistas em pesquisas pelo fato de conseguir informações ou coletar dados que não são possíveis obter através de uma pesquisa documental, bibliográfica e de observação, uma vez que ainda não foi registrado, pois em grande parte trata-se de vivências dos sujeitos. Sendo através de conversas informais com pessoas que têm familiaridade com o tema pesquisado, que irão nos fornecer informações únicas.

2.5 ENTREVISTAS

Na pesquisa de campo, ele “realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada a importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo” (Gil, 2002, p. 53). A participação direta do pesquisador no local pesquisado e sua familiarização aumenta a probabilidade dos participantes oferecerem informações confiáveis. Acrescenta ainda que é importante a permanência do pesquisador o maior tempo possível no espaço pesquisado, para que conheça a realidade do lugar, suas regras, costumes e convenções que fazem parte do grupo estudado.

Para a obtenção dos dados desta pesquisa de campo utilizamos na coleta de material a entrevista, na qual é definida por Haguette (1997, p. 86) como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”. Com o intuito de organizar momentos de conversas informais com os brincantes do Reisado e de fazer, sempre que necessário, perguntas adicionais para elucidar questões que não foram compreendidas, decidi pelo uso de entrevistas semiestruturadas.

A escolha das entrevistas semiestruturadas se deu pelo fato de conseguir informações mais detalhadas no decorrer do diálogo, algo que não é possível em um questionário, por exemplo, como também para poder fazer outras indagações que foram suscitadas naquele momento e não havia percebido anteriormente. Além do mais, essa técnica favorece respostas espontâneas do entrevistado para o entrevistador, possibilitando uma proximidade entre os dois e permitindo o aprofundamento em algum ponto da entrevista que lhe chamou atenção, o qual poderá ser relevante no estudo pesquisado.

Para realizarmos a coleta do material com os entrevistados/as os quais se disponibilizaram a contribuir com este estudo, houve o cuidado e a preocupação em deixá-los à vontade, para escolher o espaço para nos conceder a entrevista, tendo em vista um ambiente cômodo, tranquilo e que se sentissem bem. A entrevista com o mestre do Reisado aconteceu virtualmente pelo Google Meet¹⁹, pelo fato dele estar com muitas atribuições. As demais ocorreram de forma presencial.

A pesquisa, elaborada com a participação de 5 (cinco) sujeitos: uma (1) pesquisadora e 4 (quatro) entrevistados, sendo duas mulheres e dois homens, foi desenvolvida entre o período de 14 de abril de 2023 à 14 de outubro do mesmo ano. Por conseguinte, foram escutados, transcritos e organizados os dados obtidos nas entrevistas, as quais foram gravadas com consentimento dos pesquisados e pesquisadas, e também fundamentado com apoio da literatura acadêmica para compartilhar os resultados da pesquisa.

Antecipadamente, essa pesquisa foi enviada para aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, seguindo os trâmites solicitados. Desse modo, foram considerados os procedimentos de esclarecimento e pós-esclarecimento, a partir da organização dos

¹⁹ O Google Meet é um serviço de videoconferências do Google voltado para o uso corporativo, e permite criar ou participar de chamadas com vídeo, áudio e texto, usando uma conta Google. Além do mais, oferece planos gratuitos e pagos com quantidade limite de participações e duração das reuniões. Esse serviço vem sendo muito utilizado na área da Educação a partir da pandemia COVID-19, contribuindo com a realização de aulas, reuniões e pesquisas científicas.

documentos e assinaturas da Carta de Anuência, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE e autorização de imagens e áudios.

2.6 O GRUPO DE REISADO PARTICIPANTE

O grupo de Reisado Menino Deus iniciou suas atividades no Bairro João Cabral, em Juazeiro do Norte, o qual era sediado pela União dos Artistas da Terra da Mãe de Deus, assim como outros grupos, até por volta do ano de 2008. A partir daí o atual mestre, Jean Alex Silva de Alencar e a contramestre Jéssika Leite assumem a liderança do grupo e continuaram ensaiando no beco da Rua Nosso Senhor do Bonfim, no citado bairro, até o ano de 2018.

Com a ida do mestre e sua família para residirem em Crato, a partir de 2011, eles buscaram em 2018 deslocar o grupo também para o mesmo município. Adiante, realizaram alguns ensaios na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE, porém, em 2020 as atividades do grupo foram paralisadas, por causa da pandemia COVID-19. Neste período o grupo estruturou uma nova sede em Crato-CE e depois da baixa de casos de pessoas infectadas pelo coronavírus, em 2022, foram retornando aos encontros.

Vale ressaltar que, desde então o grupo vem realizando seus ensaios e algumas atividades na sua nova sede, que está localizada na ALDEIAS Ponto de Cultura²⁰, no Bairro Vila Alta, na cidade de Crato-CE, cidade vizinha a Juazeiro do Norte, hoje composto por brincantes moradores dos dois municípios mencionados.

A ALDEIAS Ponto de Cultura foi criada em 2014, a partir da necessidade de ampliação das ações da Banda Sol na Macambira (2005) e do Zabumbar (2011) com o objetivo de fortalecer os grupos populares e ações culturais da Chapada do Araripe e fomentar a arte e a cultura através de uma rede de ações integradas. Funciona como escola aberta de saberes e agrega ações de educação, arte, saúde, cultura, técnica e estúdio musical independente. Ela abriga o Selo Musical Som de Kariri e conta com o apoio da Biblioteca Netcó.

Nela acontecem semanalmente aulas de música, dança, teatro, ensaios de grupos de tradição, bandas e orquestras, rodas de conversa, reuniões e formações, as quais envolve artistas, brincantes, mestres e grupos da tradição, pessoas com deficiência intelectual e/ou múltipla, pessoas em sofrimento mental (usuários da Rede de Atenção Psicossocial RAPS e

²⁰ ALDEIAS Ponto de Cultura é a Associação Libertária de Desenvolvimento e Educação Interativa Ambientalmente Sustentável.

CAPS), além de crianças, jovens e adultos de livre participação em ações formativas, artísticas e terapêuticas.

A ALDEIAS é composta diretamente por grupos como o Zabumbar, Reisado Menino Deus, Banda Sol na Macambira, Forró de Rabeca, Encantados, Reisando e Orquestra Popular ALDEIAS - OPA. Foi reconhecida em 2020 pelo Estado do Ceará como Ponto de Cultura, integra a Rede Estadual Cultura Viva do Ceará e já foi contemplada em diversos editais municipais e estaduais, recebendo premiações como I Prêmio Expressões Culturais Afro-Brasileiras do Ceará (2020)²¹ e Prêmio Fomento Cultura e Arte do Ceará (2020)²².

Para tanto, desenvolveu-se essa pesquisa com grupo de Reisado Menino Deus, que é fruto da União dos Artistas da Terra da Mãe de Deus desde 2004. Desde o ano de 2011 está sob a responsabilidade de Jean Alex (mestre em Educação pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação-URCA, pedagogo, educador popular, mestre de reisado e músico) e Jéssika Leite (enfermeira, arte-educadora, produtora e artista plástica), e antes disso já passaram outros mestres.

Figura 9 - Grupo Reisado Menino Deus na Mostra SESC Cariri de Culturas 2023.



Fonte: Instagram Ancestralidades Kariri (2023). Acesso em: 1 set. 2024.

Segundo o mestre do grupo, atualmente (junho/2023) o Reisado é formado por 14 (quatorze) pessoas, sendo 5 (cinco) do sexo feminino e 9 (nove) do sexo masculino. Dentre as

²¹ Confira o edital da premiação no site:

https://mapacultural.secult.ce.gov.br/files/opportunity/1578/resultado_preliminar_.pdf.

²² Acesse o edital da premiação através do link: https://www.ceara.gov.br/wp-content/uploads/2021/10/resultado_final_21.12.pdf.

integrantes, três adultas e duas crianças. Com relação aos do sexo masculino, temos dois adultos, quatro adolescentes e três crianças. Vale ressaltar que, o grupo sempre está aberto a acolher novos integrantes, o que pudemos perceber que esse dado sofre mudança com facilidade. É importante destacar que essa formação se dá em sua maioria por crianças e jovens do município de Crato, em que alguns são Pessoas Com Deficiências - PCD, uns do grupo Zabumbar e outros são crianças, filhos e filhas do mestre. O Mapa Cultural do Ceará (2022, p. 35) informa que esse grupo de Reisado “é um trabalho de cunho social, educativo, formativo e cultural que acontece no Bairro João Cabral formado por crianças e adolescentes de alta vulnerabilidade social”. Ademais, acrescenta que:

A partir de vivências com mestres e mestras da cultura, como Mestra Margarida, M. Assis Cachoeira, M. Antônio, M. Raimundo e M. Nena, o grupo trabalha com formação musical e cênica das crianças e adolescentes no universo e tradição do Reisado e Guerreiro, e já frutificou muitos brincantes na região do Cariri. Inaugurou uma linguagem estética e metodológica, se destacando no caldeirão cultural da região (2022, p. 35).

No tocante a realização das apresentações, o Grupo de Reisado Menino Deus desenvolve ações durante todo o ano, de forma independente e em parceria com instituições da região. Dentre elas, “apresenta-se inclusive em praças e períodos de Romarias, participa da Mostra SESC Cariri de Culturas desde 2008 e já participou de inúmeras pesquisas, ensaios fotográficos e documentários sobre reisado e cultura popular, protagonismo infantil e trabalho comunitário” (Mapa Cultural do Ceará, 2022, p. 35).

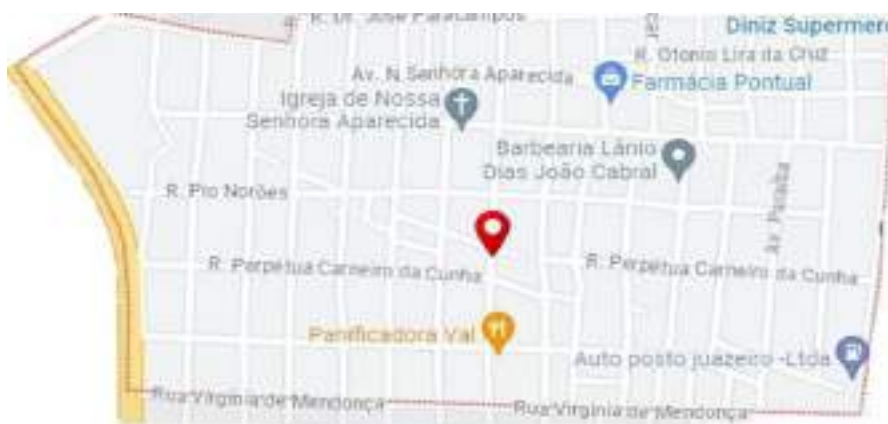
Figura 10 - Integrantes do Grupo Reisado Menino Deus em apresentação na Praça Padre Cícero, em Juazeiro do Norte-CE.



Fonte: Instagram Ancestralidades Kariri (2023). Acesso em: 1 set. 2024.

O bairro juazeirense João Cabral está localizado no sul da cidade. É um espaço periférico e que fica vizinho a dois bairros considerados “nobres”, “elitizados”. Um deles é o Bairro Lagoa Seca, que tem abrigado diversos restaurantes, bares, prédios (boa parte verticalizados), condomínios, faculdades privadas e um *shopping*, inaugurado em 2019. Porém, mesmo o JC, acrônimo utilizado por alguns ao mencionar o João Cabral, ser considerado um bairro “periférico”, “violento” e “perigoso”, ele está situado a menos de cinco quilômetros do centro da cidade, tendo uma boa localização geográfica (Feitosa, 2020).

Figura 11 - Mapa do Bairro João Cabral – CE



Fonte: Google Maps (2023). Acesso em: 4 maio 2023.

Na cidade vizinha temos o bairro cratense Vila Alta, também considerado um espaço carente, localizado nas proximidades dos bairros Palmeiral, Centro e Mirandão. Conta com uma média de 6.000 (seis mil) habitantes, na sua maioria mulheres. É considerado o quarto maior bairro do município (Censo, 2010), no referido bairro há mais de 60 (sessenta) estabelecimentos educacionais, esportivos e comerciais, como escolas, públicas e privadas, espaço cultural, academias, lojas, supermercados, dentre outros.

territórios, nos lugares vivenciados pelas populações negras, ou seja, pensada dentro do contexto dos bairros negros específicos” (CUNHA JR, 2019, p. 67).

2.7 CONHECENDO OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Antes de adentrar no estudo teórico e análise das entrevistas desejo apresentar-vos um breve perfil dos brincantes de Reisado, que aceitaram participar da pesquisa. Eles e elas foram primordiais para que pudesse analisar quais os valores civilizatórios de matriz africana podem ser percebidos na manifestação cultural do Reisado, e assim contribuir com a prática cultural nos espaços escolar e não escolar. Aqui vos apresentamos:

DADOS PESSOAIS:

Nome completo: Rosangela Rosa Pereira

Autodeclaração étnica/racial: Branca

Sua profissão: Doméstica

Nível de escolaridade: Ensino médio incompleto

Tempo de atuação no grupo de Reisado: 1 (um) ano

Função desenvolvida no grupo de Reisado: Atua em várias funções de acordo com a necessidade.

Como surgiu o interesse em se tornar integrante do grupo de Reisado Menino Deus?

“Eu já participava do Zabumbar desde 2015, aí ano passado fomos fazer parte do Reisado. Foi para aprender mais coisas sobre a cultura, sobre coisas que eu não sabia há muito tempo atrás, antes de conhecer eles e aprender e mostrar aos meus filhos, para que eles saibam sobre a cultura.”



DADOS PESSOAIS:**Nome completo:** Jean Alex Silva de Alencar**Autodeclaração étnica/racial:** Indígena**Sua profissão:** Professor de música e educador popular**Nível de escolaridade:** Pedagogo e Mestre em Educação**Tempo de atuação no grupo de Reisado:** 15 anos**Função desenvolvida no grupo de Reisado:** Mestre do grupo**DADOS PESSOAIS:****Nome completo:** Aldivan Pereira de Lima Filho**Autodeclaração étnica/racial:** Pardo**Sua profissão:** Estudante**Nível de escolaridade:** cursando 9º ano - Estudante da APAE**Tempo de atuação no grupo de Reisado:** 10 anos**Função desenvolvida no grupo de Reisado:** Mateu**Como surgiu o interesse em se tornar integrante do grupo de Reisado Menino Deus?**

“O Reisado é muito bom. Aprender sobre a cultura. O reisado pra mim é muito rico, é... faço brincadeira com o povo, o povo ri.”

DADOS PESSOAIS:



Nome completo: Luana Maria Solon da Silva

Autodeclaração étnica/racial: Parda

Sua profissão: Estudante

Nível de escolaridade: Estudante do ensino fundamental II
- Estudante da APAE

Tempo de atuação no grupo de Reisado: 2 (dois) anos

Função desenvolvida no grupo de Reisado: Figura

Como surgiu o interesse em se tornar integrante do grupo de Reisado Menino Deus?

“Eu gosto de dançar Reisado, brincar, se divertir, assistir o que o povo está assistindo (estavam assistindo um filme), acho muito bom.”

2.8 O PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional da pesquisa resultou na construção de um material pedagógico digital, intitulado ***Reisado no Cariri: Fruto do patrimônio afro-brasileiro***, o qual contém propostas de ensino sobre os valores civilizatórios afro-brasileiros a partir da brincadeira do Reisado, cuja ideia central é disponibilizar um material acessível para os profissionais do ensino utilizarem nas suas aulas com os alunos/as dos anos iniciais do ensino fundamental, tendo essa manifestação cultural patrimonial e afro-brasileira como possibilidade de se trabalhar as questões étnico-raciais.

Vale ressaltar que as propostas pedagógicas também podem ser adaptadas pelos professores e professoras, para desenvolvê-las em qualquer série da educação formal, como também nos demais espaços educativos. Basta usar os seus saberes e colocar a criatividade em ação. Além do mais, nada impede delas serem praticadas com os próprios docentes nas formações pedagógicas organizadas pelo núcleo gestor e Secretaria de Educação do município, por exemplo.

Acredita-se na relevância educacional desse Caderno pedagógico, visto que poderá ser usada como suporte pedagógico por docentes, como material de estudo e de pesquisa nas formações de professores durante os planejamentos escolares, como conteúdo que subsidia o desenvolvimento de atividades a partir da prática da lei nº 10.639/2003.

O material *Reisado no Cariri: Fruto do patrimônio afro-brasileiro* surgiu da articulação entre teoria e prática, tendo sido desenvolvido através de observações nas apresentações de Reisado; de conversas dialogadas, por meio de entrevistas, com quatro integrantes do grupo do Reisado Menino Deus; e, de como essa pesquisa poderia contribuir para formação educativa de crianças, através da atuação de professores.

Figura 13 – Capa do Produto Educacional



Fonte: Liandra Bezerra Nascimento (2023).

Esse material pode ser um referencial de novas possibilidades, em virtude de não termos, até o presente momento, materiais de fácil acesso que nos orientem a respeito do ensino da manifestação cultural, o Reisado, nas atividades pedagógicas.

Para que isso aconteça é indispensável o conhecimento pedagógico pelos docentes, um material didático e pedagógico para apoiá-los e formações orientadoras, uma

vez que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos dizem que:

Caberá, aos administradores dos sistemas de ensino e das mantenedoras prover as escolas, seus professores e alunos de material bibliográfico e de outros materiais didáticos, além de acompanhar os trabalhos desenvolvidos, a fim de evitar que questões tão complexas, muito pouco tratadas, tanto na formação inicial como continuada de professores, sejam abordadas de maneira resumida, incompleta, com erros (Brasil, 2004, p. 18).

Além do mais, consta no mesmo documento que os estabelecimentos de ensino deverão providenciar “edição de livros e materiais didáticos, para diferentes níveis e modalidades de ensino” (Brasil, 2004, p. 25) que atendam ao parecer, em cumprimento a Lei de Diretrizes e Bases (2003). Uma vez que, “faz-se necessário investir na produção de materiais que possam subsidiar o trabalho do professor” (Nunes, 2014, p. 214) já que existe uma grande dificuldade dos docentes em lidar com a temática das africanidades (Nunes, 2014). Para isso, neste trabalho organizamos um produto como material proposto ao desenvolvimento dos valores civilizatórios afro-brasileiros presentes no Reisado.

Esse material traz sugestões pedagógicas utilizando breve apresentação do Reisado e de mestres da região caririense; indicações de pesquisas sobre músicas e vídeos que apresentam a atuação do grupo de Reisado Menino Deus; discussão sobre o conceito de cada valor civilizatório afro-brasileiro, seguido de propostas de ensino, nas quais pode-se perceber a presença dos valores nas ações da manifestação cultural patrimonial pesquisada além de indicações de estudo para professores, como livros, trabalhos científicos e *sites*.

Destarte, acredito que essa pesquisa abre caminhos para a construção de um currículo em que os valores civilizatórios de matriz africana, através do Reisado, têm sua significância na educação formal e não formal. A temática envolve a diversidade étnico-racial-cultural e busca possibilitar a aplicação da lei federal nº 10.639/2003, que parte do objetivo de uma política educacional tendo como parâmetro uma educação plural e de qualidade.

A distribuição desse produto educacional se dará, inicialmente, por meio virtual, no site do Mestrado Profissional em Educação - URCA e pelas redes sociais, como *WhatsApp* e *Instagram*.

3 JOGANDO ESPADAS AQUI E ALI PARA ENEGRECER PENSAMENTOS

No jogo de espadas os brincantes realizam uma coreografia planejada, que se renova em cada ciclo de ataque e defesa com as espadas. É nessa apresentação entre o vai e vem das espadas que o Reisado anima a quem assiste e vê o quanto essa manifestação cultural imaterial está inserida na nossa região, cidade e bairros que frequentamos. São nesses espaços que essa pesquisa veio ganhando vida, assim como as espadas ganham som durante o seu jogo. Assim, entre uma busca e outra fomos encontrando pesquisas já desenvolvidas por outros estudiosos/as, pesquisadores/as e professores/as no estado do Ceará e espaços vizinhos que abordassem as africanidades, a cultura africana, o Cariri cearense, o Reisado, a educação étnico-racial e o patrimônio afro-brasileiro, nas quais pudéssemos perceber os desafios e avanços da temática em estudo.

A entoação produzida pelo som musical das espadas foi nos levando a construir o estado da arte dessa pesquisa, a qual, pelas buscas feitas aqui e ali fomos demarcando nosso objeto de análise nos trabalhos científicos de grande relevância para nós, desde artigos até teses de doutorado.

O trabalho dissertativo de Souza (2005) apresenta uma pesquisa etnográfica, na qual objetivou “realizar uma arqueologia sócio-histórica da banda de Congo Mirim e sua inserção em uma escola estadual do ensino fundamental. Para tanto, levou em consideração “a influência e (re)criação do universo simbólico da civilização africana que envolve a existência das crianças e adolescentes de Roda d’Água” (2005, p. 10). Desse modo, discute com Bastide (1971), Botelho (2005), Cardoso (2003), Cavalleiro (2000, 2001, 2003, 2005) e Cunha Jr. (1991, 1996, 2001, 2002).

O estudo apresenta a força dos tambores do Congo nesse espaço pesquisado, enfatizando a energia e os símbolos ritualísticos numa perspectiva pedagógica, trazendo os traços mais significativos da civilização africana, que foram herdados pelos antepassados. Desse modo, afirma-se que a escola já passou do momento de contribuir para a integração dos assuntos culturais da comunidade, mas que tem esperança que ela possa construir um currículo voltado para o tamborizar (Souza, 2005).

A dissertação de Nunes (2007) discute, no município de Juazeiro do Norte-CE a importância da inclusão no currículo da educação básica da temática História e Cultura Africana e Afrodescendente a partir da implementação da lei nº 10.639/2003. Para isso, a autora pesquisou, no contexto da cidade e região, os elementos da sua história local, de modo que pudesse ajudar a compreender como “tem se dado a participação afrodescendente no

desenvolvimento econômico e cultural, como também chamar a atenção dos/as educadores/as locais para o redimensionamento do trabalho na escola com as africanidades e afrodescendências fortemente presentes na região do Cariri Cearense” (Nunes, 2007, p. 6). Assim, fez uso da pesquisa participante fundamentando-se na história oral.

A pesquisa discute a luta dos movimentos negros, a conquista da lei nº 10.639/2003, o negro no Ceará, a origem e o surgimento do Reisado e a educação escolar em Juazeiro do Norte-CE, a partir das descobertas e de diversos teóricos, dentre eles Alves (2006), Arantes (1982), Barroso (1996), Carneiro (2007), Cunha Jr. (1997) e Videira (2005).

Por conseguinte, “a pesquisa apontou que existe um desconhecimento dos professores em relação a temas que se referem à História e Cultura Africana e Afrodescendente” (2007, p. 148), e deixam como proposta a reformulação do currículo da rede de ensino da educação básica, os conteúdos referentes ao repertório cultural afrodescendente.

Com efeito, através de um recorte de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Mestrado em Educação Brasileira na Universidade Federal do Ceará - UFC, as pesquisadoras Nunes, Ferreira e Oliveira (2008) realizaram um trabalho no qual buscaram destacar a importância do trabalho com os elementos de africanidades presentes no município de Juazeiro do Norte-CE, a partir da discussão feita sobre a importância da inserção dos conteúdos da história e cultura africana e afrodescendente no currículo da educação básica. Assim, buscaram utilizar “danças de base africana como uma possibilidade de significar a identidade étnica dos afrodescendentes, como também promover a elevação de sua autoestima e o aprendizado da cultura” (p. 01), com a contribuição das produções de Barroso (1996), Martins (1997), Lopes (2006), Videira (2005), Alves (2006) e Sousa (2005).

Esse estudo se fez relevante para essa pesquisa visto que, por meio da análise dos Reisados juazeirenses e da manifestação cultural de matriz africana presente no espaço pesquisado, as pesquisadoras mencionadas puderam perceber a presença das africanidades na manifestação cultural, o Reisado, e reconhecer que os seus valores civilizatórios abrem caminhos para uma educação plural e democrática. Para isso, a abordagem utilizada apresenta uma proposta pedagógica para o trabalho com a dança afro na educação básica.

Logo compreenderam como tem se dado o trabalho com os elementos de africanidades presentes na cidade de Juazeiro do Norte-CE, bem como a presença ou ausência destes conteúdos na interferência da afirmação da identidade étnica das crianças e jovens negros/as que frequentam estas escolas. Além de constatarem que “o sistema educativo local

não possui um levantamento das africanidades e afrodescendências da região” (Nunes, Ferreira; Oliveira, 2008, p. 8).

Mais adiante, uma análise comparativa de duas variantes em duas letras de canções publicadas no livro “O Reisado Alagoano” com o repertório musical do Reisado de Congo dos Discípulos de Mestre Pedro de Juazeiro do Norte-CE foi desenvolvido por Farias (2010). Com esse estudo, pôde destacar as influências e interferências do Reisado alagoano no Reisado cearense que “aparecem também nos trajés, nas coroas e espadas, na confecção das máscaras, nomes de cidades e personalidades cantadas, declamadas ou recitadas, nas letras das canções executadas pelos folguedos” (Farias, 2010, p. 02). Assim, apresentam as variantes e dialogam sobre as suas relações e semelhanças com Bião (2009), Brandão (2007) e Barroso (1996).

Por essa via, Farias (2010, p. 04) percebeu que as variações encontradas nos textos/canções cantados pelos Reisados analisados “são características marcantes e fundadoras das composições musicais nos folguedos populares brasileiros”, visto que, “a memória e a oralidade revelam-se imprescindíveis à concepção e à constituição dos saberes e fazeres dos grupos”.

Outrossim, na pesquisa de Silva (2011) buscou-se “compreender como se deram algumas das (re)significações simbólicas ocorridas no Reisado de Congo do município de Barbalha, localizado no Cariri (sul) cearense, durante as décadas de 1960 e 1970” (p. 4). Para tanto, o estudo foi fruto da continuidade de uma pesquisa desenvolvida na condição de bolsista da Universidade Regional do Cariri-URCA, tendo a referida pesquisa se baseado em autores como Barroso (1996), Reis (2004), Souza (2006), Carvalho (2005), Andrade (2009) e Costa (1999), contando ainda com a colaboração de mestres e ex-brincantes de Reisado, através da História Oral.

Diante disso, Silva (2011, p. 106) afirma que “os brincantes do Reisado de Congo ressignificaram suas práticas por que seguiam o curso das águas que lhes eram direcionadas. Tal processo faz parte de um outro, natural, de inovação dos saberes inerentes ao povo”. E finaliza trazendo alguns questionamentos, referente a ausência de mulheres na organização de grupos de Reisados da cidade, que lhe despertou atenção ao concluir a pesquisa.

Em mais um estudo, desenvolvido por um grupo de estudantes do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará-UFC, discutiram sobre o grupo “Reisado Mirim Estrela Guia” do município de Juazeiro do Norte-CE, a partir das ações que foram desenvolvidas pelo programa de extensão, chamado Laboratório de Troca de Afetos (LATA),

da UFC Campus Cariri. Nesta pesquisa, os graduandos realizaram encontros como o grupo de Reisado e entrevista com a líder e criadora do grupo, Maria José da Silva.

Ademais, apresentaram como acontece a representação do Reisado, que envolvem cores, personagens, modo de se vestir de cada um deles e variações nas apresentações. Para isso, também se embasaram nos estudos de Barroso (2008). Dessa maneira, puderam perceber que essa manifestação cultural ainda não é tão valorizada no contexto das políticas públicas e da sociedade, além de retratar a luta entre os líderes do grupo, para darem continuidade à cultura do Reisado na região caririense (Nascimento; Santos; Souza; Bezerra; Silva, 2011).

Mais adiante, Videira e Nunes (2012), ambas professoras doutoras, a primeira com pesquisas voltadas para a dança marabaixo em Macapá-Amapá, e a segunda, ao Reisado do Cariri cearense, como já foi bem apresentada no decorrer da pesquisa, abordaram a “relevância das danças de base africana e afrodescendente na educação nacional tendo como cenário as africanidades brasileiras”, visto que elas “devem ser transformadas em experiências interculturais envolvendo professores, estudantes e pesquisadores do Brasil sobre essa área de conhecimento ainda pouco valorizada nas escolas” (p. 02), inclusive discutem o uso do vídeo como uma estratégia de ensino nas escolas.

Em vista disso, elas propõem uma discussão sobre a dança afro como proposta de ensino e o corpo do ser negro, considerando que a temática da dança afro, por meio da dança pode ser abordada pelos docentes nos aspectos “históricos, sociais, geográficos, antropológicos, filosóficos, artísticos, estéticos e culturais pertinentes as nossas heranças étnicas” (p. 11), ao invés da linguagem da arte, do lugar de entretenimento e passatempo como geralmente é tratada.

Não saciadas com suas pesquisas, assim como muitos pesquisadores/as professores/as se sentem, uma vez que encontram lacunas para estudar e se propõem a ajudar demais profissionais da sua área e afins, Videira e Nunes (2013) acrescentam ainda, dando sua contribuição, quando investigaram o processo educativo repassado de geração à geração por meio das africanidades presentes na cultura afrodescendente, especificamente nas manifestações culturais que realizam seus maiores estudos, o Marabaixo afroamapaense e o Reisado caririense, buscando “analisar de que maneira a participação dos sujeitos da pesquisa nessas expressões culturais significavam positivamente sua identidade étnica, estabelecendo a relação entre dança/arte/educação para a efetiva cidadania dos educandos afrodescendentes” (2013, p. 02).

Adicionando-se que, abordaram aspectos relevantes sobre a história, os sentidos e significados do Marabaixo e do Reisado para as comunidades locais; uma breve descrição das

características dessas tradições seculares afro-brasileiras; e, discutiram a relevância de se trabalhar “pedagogicamente a cultura afrodescendente como expressão de arte e cultura de nossos ancestrais africanos nas escolas” (Videira; Nunes, 2013, p. 04). Concluindo que, os princípios da educação escolar partam de uma proposta criativa, para que os estudantes da educação básica possam relacionar os sentimentos do seu grupo local com o de outras culturas, e que “tais manifestações expressam as vivências do ser dançante; são uma forma educativa onde o ver, o sentir, o escutar e o falar se expressam em todos os momentos” (Videira; Nunes, 2013, p. 11).

Um estudo muito significativo e que nos identificamos foi proposto pelo professor Magalhães (2018), na sua pesquisa uma metodologia possível de ensino do Reisado em aulas de Educação Física na Educação Infantil. Para isso, realizou-se uma pesquisa interventiva com crianças e professores de um Centro de Educação Infantil (CEI) da cidade de Fortaleza, na qual foram elaboradas e aplicadas aulas de Reisado para as crianças, promovendo o conhecimento com a cultura afro-brasileira, e por último apresentaram a opinião das professoras sobre os projetos de ensino e as danças tradicionais nessa modalidade de ensino através da aplicação de entrevistas estruturadas.

Ao longo do seu trabalho fez uso das produções de Cavalcante (2008), Barroso (2008), Barroso (1997), Torres e Cavalcante (2008), como as mais relevantes. Ademais, descreveu quais foram as propostas de ensino planejadas e como executaram, sempre preocupado em mostrar a quem tiver acesso e interesse no seu estudo, uma maneira de como pôde desenvolver um projeto de ensino na temática do Reisado.

Portanto, observou-se que ensinar dança para crianças da educação infantil não é um trabalho fácil, e que na maioria das vezes isso acontece “pela falta de conhecimento acerca do conteúdo, e no que tange aos professores, a falta de preparo em trabalhar com dança que vem da própria formação” (Magalhães, 2018, p. 72) e que essa proposta se mostra uma ótima alternativa para ensinar dança na escola. Por fim, destacou ser “importante pensarmos e refletirmos sobre a inserção efetiva das danças na Educação Infantil, em especial as danças tradicionais” (2018, p. 73).

Já o professor Xavier (2019), na procura por desenvolver uma pesquisa etnográfica sobre a memória através do Reisado, buscou “compreender a prática do Reisado Boi Coração como patrimônio cultural e educacional, observando também como se dá a preservação e a conservação dessa cultura na comunidade local” (p. 23). Para conseguir desenvolvê-la fez uma pesquisa etnográfica, coletando dados com entrevistas e registros no diário de campo, além de dialogar com André (1995), Barroso (2008), Gil (2008), Hall

(2003), Coelho (1997), Neves (2013), Nunes (2007), Rios (2014), Cascudo (2012), dentre outros.

Assim, constatou que a cultura do Reisado Boi Coração “está vívida na história e na memória cotidiana dos habitantes de Ocara, que a conhecem e a reconhecem para além da visualidade material. O grupo constitui patrimônio de significados ímpares para os praticantes, participantes e comunidade em geral de Ocara” (Xavier, 2019, p. 144).

Sentimo-nos felizes com estudantes da graduação que despertam o seu olhar para o ensino das africanidades e se propõem a conhecer a abrangência da temática, em virtude da possibilidade de em breve serem docentes atuantes que desejam contribuir com a educação de outros estudantes. Assim, não diferente, Santos, Souza, Silva, Silva, Rocha (2019) graduandos do curso de Educação Física da Universidade Regional do Cariri-URCA, realizaram uma pesquisa bibliográfica e documental, como o objetivo de “apresentar a breve história do surgimento do Reisado e sua relação na cultura da região do Cariri com as aulas de educação física escolar”.

Para esse fim, embasaram seu estudo em Santos (2011), Jurkevics (2005), Nogueira (2013), Barroso (1996; 2008), Sousa; Brito (2012) e Nunes (2011), assim discutiram brevemente a história do Reisado e a sua significância no Cariri cearense, como também a sua importância para o trabalho cultural corporal, podendo assim proporcionar ao professor de Educação Física escolar o acesso histórico-cultural do Reisado no Cariri.

Assim, os autores citados veem o Reisado, primeiro, como uma importante prática escolar, que colabora para o desenvolvimento da linguagem corporal da criança, para que a mesma tenha conhecimento da sua cultura, fazendo-a refletir sobre a sua identidade e seu papel dentro da comunidade, conhecendo um pouco mais sobre a história dos seus antepassados, e em segundo, como uma manifestação cultural, na qual pode-se trabalhar com o movimento e a expressão corporal e artística com as encenações dos autos. Além do mais, reconhecem que existe a necessidade do planejamento pedagógico ser revisto, como também, da colaboração do poder público (Santos *et al.*, 2019).

Pouco depois, Santos (2020, p. 6) defendeu sua dissertação no Mestrado Profissional em Artes, cujo objetivo foi “utilizar o Reisado como conteúdo pedagógico, visando a construção de um material didático com base no Reisado local”, trata-se do desenvolvimento uma pesquisa interventiva com estudantes do ensino médio de uma escola estadual do município de Massapê-CE.

Destarte, ela dissertou sobre a importância da inserção do Reisado como conteúdo pedagógico nas escolas, a partir da proposta sugerida e das vivências do Reisado. Para isso,

dialogou com Araújo (2018), Câmara Cascudo (1998), Barroso (2010; 2013). Desse modo, observou-se que o trabalho interventivo voltado para a arte cultural com os educandos do ensino médio foi muito significativo para ambos, como também afirmar que a proposta de ensino possa servir como base para outros projetos a serem desenvolvidos por outros docentes.

No mesmo ano Feitosa (2020) descreveu e analisou as diferentes conexões e entrelaçamentos da tríade bairro periférico, cultura popular e violência, problematizando esta conexão, e a partir dela, o bairro João Cabral, localizado no município de Juazeiro do Norte-Ceará, que é acionado e produzido por múltiplos fluxos.

Para tanto, realizou um estudo etnográfico acompanhando os brincantes de Reisado durante as suas apresentações na cidade na qual o grupo está inserido. A violência, citada por Feitosa, refere-se aos brincantes que se fantasiam do personagem “cão”, os quais saem na frente das apresentações, por alguns vistos com admiração, para outros como acusados de pertencerem a facções criminosas. Assim, autores/as como Barreira (2011), Barroso (1989, 1996), Nunes (2007), Bezerra (2017), Lima (2014) e Menezes (2008) contribuíram com a sua pesquisa.

Sendo assim, é visto na pesquisa como é constituída “uma visibilidade pública do bairro João Cabral como ‘berço/celeiro da cultura popular’, como bairro que concentra ‘mestres da cultura tradicional popular’, ‘grupos de tradições culturais’” (Feitosa, 2020, p. 183). Também mencionou que tanto existe o medo em ver “os cão”, como eles ajudam a mobilizar muitos jovens a participarem do grupo e seguir pelas ruas da cidade. Como foi comentado no estudo que “há ‘um medo do cão e uma vontade de vê-lo’”, visto que juntamente com a comunidade “os cão” parecem incorporar o próprio bairro.

Não somente, mas também, o mestre de cultura e da educação, Alencar (2020), buscou evidenciar a formação das manifestações da cultura popular da Região do Cariri cearense como um processo educacional pautado na ressignificação e empoderamento do oprimido por meio do saber ancestral, situando a territorialidade dos remanescentes africanos e indígenas em meio a sociedade que o discrimina, por meio da pesquisa-ação.

Para tanto, organizou seu estudo em dois momentos de análise. O primeiro foi “analisar o Fórum da Memória, fazendo um apanhado das discussões levantadas pelos/as mestres/as da cultura e os encaminhamentos feitos aos representantes do poder público” (Alencar, 2020, p. 51) e no segundo, realizou-se entrevistas com cinco mestres/as da cultura popular. Também dialogou com diversos autores, dentre eles Cunha Jr. (1997, 1999), Nunes (2011) e Sodré (2002).

Com a finalização da pesquisa, percebeu-se que “os saberes dos terreiros podem contribuir na construção de metodologias de ensino da história e cultura africana e na implementação de ações de empoderamento e protagonismo social dos sujeitos e comunidades”, de modo que favoreçam a implementação de políticas públicas de educação e cultura. Além de conferir que seu engajamento e mobilização social nas manifestações da cultura popular agem como um agente propulsor das reivindicações do povo, e desse modo possibilita a construção de um espaço de fala do oprimido diante das esferas opressoras (Alencar, 2020).

Mediante o exposto, os trabalhos aqui apresentados nos proporcionaram uma análise do processo de pesquisa teoria e prática que foram realizadas nestas duas últimas décadas no estado do Ceará, período de 20 anos da implementação da lei nº 10.639/03, sobre a história e cultura africana e afro-brasileira na cultura cearense através da manifestação cultural, o Reisado, a qual apresenta relação com os rituais de coroação de reis negros e de base africana.

É perceptível que tivemos a atenção em apresentar as pesquisas numa sequência cronológica, para que pudéssemos perceber com mais facilidade como foi se dando o avanço dos estudos sobre esta temática. Com isso, o número de pesquisas ainda é considerado pequeno, mas é fato que essa temática tem tido uma maior procura nos últimos anos. Logo, as discussões foram avançando até chegarem a perceber a manifestação cultural do Reisado como uma proposta de ensino que pode ser colocada em prática no ambiente escolar.

Vale mencionar que, a atuação docente com atividades e projetos que envolvam ou relacionem a brincadeira de Reisado nas práticas educativas escolares ainda é pouco desenvolvida, visto que muitos profissionais sequer puderam enxergar a sua relação com o ensino das africanidades e cultura afro-brasileira. Porém, não basta apenas verbalizar o seu desconhecimento, uma vez que pesquisadores/as e professores/as já compartilharam suas experiências com esse estudo e reconheceram a sua importância no âmbito educacional, cultural e social.

Outras pesquisas já puderam ajudar a sociedade a perceber os sentidos e significados da cultura africana para a cultura afro-descendente. Para isso, alguns/as pesquisadores/as chegaram a adentrar grupos de Reisado e entrevistar alguns de seus integrantes, e assim saber sobre a sua história de vida e envolvimento no grupo, além de análises históricas e documentais.

Nesse sentido, os estudos desenvolvidos pelos/as pesquisadores/as professores/as, trazidos nesse estado da arte, puderam colaborar com essa pesquisa, a fim de chegarmos a

concluir o nosso intuito com o trabalho dissertativo. Portanto, foi a partir do momento em que percebemos que foram pouquíssimas as pesquisas desenvolvidas no ambiente escolar com professores e estudantes, da educação infantil e nenhuma no ensino fundamental I, que desejamos mais ainda propor práticas para esse grupo docente desenvolver no seu espaço profissional. Além do mais, não vimos nenhum estudo que percebesse a relação dos valores civilizatórios de matriz africana com o Reisado.

A partir dessa análise foi de nosso interesse desenvolver uma pesquisa que buscasse entender a partir de um grupo de Reisado quais os valores civilizatórios de matriz africana podem ser percebidos a partir do Reisado e como trabalhá-los nas práticas de ensino.

3.1 O SER NEGRO CEARENSE E A CULTURA NEGRA

Sabe-se que nossa identidade é construída através da socialização consigo e com os outros. Tanto a identidade pessoal quanto a identidade social são formadas em diálogo e dependem das relações que temos com os demais. Esse é um movimento pelo qual passa todo e qualquer processo identitário e que faz parte da construção da identidade negra (Gomes, 2002).

Saliento aqui, experiências vivenciadas que me ajudaram na construção deste trabalho. Me inquieta situações de discriminação, e, mais ainda quando se tem adultos ao redor que não interveem, talvez por não saberem lidar com tal problema, preferem continuar em silêncio (Cavalleiro, 2003). É a ausência de diálogo, discussões e reflexões no ambiente escolar, pelos professores e gestores, ainda nos anos iniciais, que dificulta o reconhecimento e a aceitação em muitas crianças negras, por também não vivenciarem momentos de construção identitária negra no ambiente que frequentam diariamente, a sala de aula, um lugar que não é aceito (Cavalleiro, 2003).

Juntamente ao contexto de re(construção), enquanto ser negro, se tem o reconhecimento das relações e semelhanças existentes entre a cultura africana e a nossa cultura brasileira, que por muitas vezes passam despercebidas por muitos, visto que às vezes não é tão valorizada e reconhecida pela população.

Para seguirmos com a discussão sobre identidade e a presença da cultura negra no Cariri Cearense é importante destacarmos a existência de negros e negras no estado do Ceará, que durante muito tempo foi negada. Em algumas das suas pesquisas científicas, Henrique Cunha Júnior e Cícera Nunes puderam afirmar que no nosso chão cearense existem sim, negros e negras, que trouxeram contribuições significativas para a nossa cultura.

Registros apresentados por Nunes (2014), Santos (2018), Domingos (2015), Sousa (2010), Oliveira (2013; 2016) e Alencar (2020) confirmam a presença da população negra no estado do Ceará e que este é realmente um estado afrodescendente, que vem contando com várias comunidades quilombolas, memórias, cultura e religiões de matrizes africanas. Daí então, se faz necessário expandirmos o nosso olhar e percebermos a presença da cultura da população negra no nosso estado, principalmente na nossa região, que é bastante rica e traz vários traços africanos, como também pelo fato da necessidade em estamos contribuindo com a formação de docentes e discentes.

Após o Ceará se tornar independente da Província de Pernambuco em 1799, a região já era ocupada pelos povos indígenas. Com o decorrer do tempo era possível perceber a presença da população negra no estado, tanto que na sua tese de doutorado, o professor Dr. Reginaldo Domingos (2015) informou que era possível perceber essa presença na região caririense através das Irmandades de Homens Pretos, em que foram construídas as Igrejas do Rosário em Milagres, Barbalha e Crato, e também porque se teve com frequência a presença de reisados, bandas cabaçais, religiões de matriz africana e a dança tradicional do coco.

Ademais, Nunes (2011) menciona que é essencial realizarmos estudos sobre os elementos africanos, os quais se encontram presentes na nossa região, o Cariri Cearense, a fim de apresentarmos a nossa verdadeira história no Ceará. Também, destacou a importância de sabermos que “[...] os elementos culturais de matrizes africana presente nessa região tem possibilitado novas reflexões sobre a influência da população negra neste Estado, agora não mais a partir da ótica do escravismo, mas enquanto sujeitos produtores de cultura” (Nunes, 2011, p. 2). Sendo essa uma das razões pelas quais não podemos negar a existência do povo afrodescendente e da cultura afro nesta região.

Sobre isso, a presença da diversidade de cultura negra na Região do Cariri cearense é vasta, basta fazermos uso do nosso olhar sensibilizado para percebermos a presença de alguns traços africanos.

As nossas heranças africanas não se restringem as danças, como o *hap*, o samba, o *hip-hop*, dentre outras, bem como é defendido por Videira (2009) que as africanidades podem ser percebidas na capoeira, comunidades de quilombos, casas de candomblé e umbanda, bairros de predominância negra, ou seja, em todas as expressões do ser negro e afrodescendente. Essas são heranças deixadas pelos nossos antepassados, porém, muitos de nós desconhecemos a nossa cultura.

Acreditamos que essas heranças também podem ser percebidas nos grupos de Reisado, uma vez que “[...] percebemos o impacto que a musicalidade e corporeidade

ancestral têm no fortalecimento do sentido de pertencimento e ressignificação dos papéis sociais e territórios” desenvolvidos nas manifestações da cultura ancestral (Alencar, 2020, p. 16).

Percebe-se que, quando o assunto se trata de conhecer a cultura de base africana, se torna mais crítico ainda o fato de reconhecer essa cultura como sendo semelhante às outras que são vivenciadas por nós e pelo nosso meio social. Visto que a cultura de base africana, “sempre foi despossuída de valor, marginalizada, insultada, subestimada, esteve sempre fora da cultura oficial [...]” (Videira, 2009, p. 186).

Por essa via, acreditamos que para desconstruirmos a imagem estereotipada a respeito da cultura africana e da população negra, a qual por falta de conhecimento é incutida nos estudantes. Faz-se necessário fazermos intervenções, com estudantes e profissionais de ensino, mesmo que oralmente e levando ao ambiente escolar propostas pedagógicas que possam estar ajudando-os a realizarem experiências positivas com os educandos a respeito das relações existentes entre o continente africano e o Brasil.

Assim, nós, professores/as pesquisadores/as, temos o dever de contribuir com a educação antirracista, aproximando-se da realidade escolar. Logo, precisamos contar com a ajuda dos demais docentes, os quais também necessitam estar estudando e atualizando seu arcabouço teórico-metodológico através de formações continuadas e de seu próprio interesse na busca do conhecimento.

Sendo assim, podemos partir de alguns aspectos presentes nas manifestações culturais que se fazem presentes no município de Juazeiro do Norte-CE através do Reisado para trabalhar os valores civilizatórios, a história e a cultura africana, de modo que no decorrer dos estudos possam estar reconhecendo as nossas origens.

3.2 O REISADO DE CONGO EM CRATO E JUAZEIRO DO NORTE

A manifestação cultural, o Reisado, é bem presente nas ações de grupos populares e festas tradicionais no estado do Ceará. Essas ações são frequentes nas cidades de Juazeiro do Norte e Crato, espaços os quais frequentamos diariamente. Ao despertarmos nossa atenção para conhecer mais sobre o Reisado, alguns dos primeiros questionamentos pelo qual somos pegos/as são: Qual sua origem? Como chegou até nós, no sul do estado do Ceará?

Esses questionamentos foram respondidos pela própria orientadora desta pesquisa, a querida Cícera Nunes, na sua dissertação de mestrado²³. Mas, no presente trabalho concentraremos a discussão sobre o aspecto pedagógico do Reisado.

A partir de então, a autora supracitada acrescenta nos informando que nos anos finais do século XVII foram encontrados registros da coroação de reis de Congo no Brasil. Nunes (2007, p. 101) afirma que esse acontecimento está vinculado ao evento de “adoração de santos católicos, venerados pelas irmandades ou confrarias religiosas negras. Nestas, exercia-se um catolicismo de preto em contraposição ao de branco europeu e seus descendentes, um catolicismo que mantém a cultura de base africana”.

As irmandades em devoção à Nossa Senhora dos Rosários dos Pretos estiveram presentes em várias regiões do Brasil, inclusive no Estado do Ceará e no Cariri, nos municípios de Crato, Barbalha, Milagres, dentre outros. Essa afirmação é também comentada por Pereira (2015) na sua dissertação de mestrado, que diz:

[...] as irmandades religiosas no Ceará, que a irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos esteve ativa nas seguintes vilas, hoje cidades, dos municípios que compõem o Estado do Ceará, a saber: Aracati, Barbalha, Crato, Fortaleza, Icó, Quixeramobim, Sobral e São Bernardo das Russas, atualmente Russas. (Pereira, 2015, p. 39)

As irmandades religiosas que temos hoje, já eram realizadas pelos europeus, antes da colonização, porém, foram passando por alterações na sua formação após terem contato com a população negra e indígena, presentes naquele período no Brasil. O professor Magalhães realizou uma pesquisa sobre o Reisado no campo da Educação Física e pôde colaborar com nosso estudo ao afirmar que:

A Folia de Reis sofreu a influência da cultura negra e indígena, como também de cada região onde é festejada, ou seja, se desdobrou em várias outras manifestações, a partir da identidade local das comunidades. Aqui no Brasil essas manifestações populares do ciclo natalino são chamadas de Reisados (Magalhães, 2018, p. 29).

Ademais, Nunes (2007) concordou ao afirmar que as irmandades religiosas chegaram ao Brasil no período da colonização, realizada pelos europeus, as quais tornaram-se muito importantes na sociedade colonial do país. Nestas manifestações buscavam cultuar um santo específico, pelo qual tinham devoção. A partir das celebrações de eleição do Rei de Congo e das cerimônias de devoção foram surgindo os Reisados no nosso país.

²³ A dissertação de mestrado da professora doutora Cícera Nunes foi intitulada “O Reisado em Juazeiro do Norte-CE e os conteúdos da história e cultura africana e afrodescendente: uma proposta para implementação da Lei nº. 10.639/03”, publicada em 2007 pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2982/1/2007_dis_CNunes.pdf. Acesso em: 12 abr. 2022.

Além disso, Magalhães acrescentou nos dizendo que “No período colonial, os colonizadores junto com os missionários jesuítas que estavam no Brasil, acabaram por trazer as tradições da Península Ibérica, a partir dessas tradições e através dos autos litúrgicos dos Reis Magos que estavam em formas de danças, cantos e teatro” (2018, p. 28-29).

A Congada, também chamada de baile de Congo, trata-se de uma dança dramática desenvolvida pelos povos bantos afro-brasileiros, que teve influências da população negra para recriar suas significações e identidade através dos significados que foram construindo a partir do contato que foram tendo com essa manifestação cultural.

É comum vermos atualmente características diferentes entre grupos de Reisados, ou seja, variedade na sua constituição. Nunes (2007, p. 103) afirma que isso tem ocorrido nessa manifestação patrimonial afro-brasileira pelo “fato de ter faltado na sua origem uma estrutura que os aglutinassem em torno de um espetáculo único [...]”. É por esse motivo que vivenciamos apresentações e pesquisas que abordam um Reisado específico, como o Reisado de Congo (dado pela estrutura de corte dos reis negros), o Reisado de Caretas ou de Couro (por tratar-se de um folguedo característico do sertão pecuário), de Caboclos (por sua estrutura se assentar sobre a presença dos índios no sertão) e de Bailes.

O professor e pesquisador Oswald Barroso desenvolveu a sua tese de doutorado sobre “Teatro como encantamento: bois e reisados de caretas”, no ano de 2007, este trabalho foi publicado como livro seis anos depois. Nesta pesquisa, antes dele adentrar especificamente no Reisado de caretas, conceitua-o em geral. Desse modo, ele define o Reisado como:

[...] um teatro nômade, peregrinar, processional, ambulante, uma grande narrativa desenvolvida por um grupo de brincantes, sem começo ou fim, na busca de interminável da utopia que, entre suas várias traduções, tanto pode ser lida como o Divino (no caso dos Reis Magos), quanto como a “Terra Sem Males” dos índios brasileiros (Barroso, 2013, p. 14).

Partindo das conceituações sobre Reisado, damos continuidade às definições gerais construídas com o passar do tempo até uma mais específica, vista na nossa região, espaço do *lócus* de pesquisa. Assim, inicialmente trazemos o significado de Reisado no Brasil por Barroso. Para ele,

Reisados são no Brasil todos os grupos de foliões que com ou sem bailes e danças dramáticas que saem a celebrar não só os Reis, mas as anteriores festividades do Ciclo dos 12 dias, figuras de animais, talvez por identidade aos animais clássicos dos Presépios: o Boi, a Burrinha etc., já figuras de danças e entremeses em Portugal (Boi de São Marcos, Boi Bento, Boi de Canastra, Cavalinho Fusco etc.) (Alvarenga, 1982, p. 233; Almeida, 1971, p. 237 *apud* Barroso, 2013, p. 28).

A presença do Boi nas manifestações culturais de Reisado é muito frequente, uma vez que é homenageado com músicas e danças específicas e utilizado nas brincadeiras durante a apresentação dos grupos. Já no início da segunda metade do século XX, Brandão descrevia o Reisado com a participação do boi, focando nas suas denominações e influência sobre a cultura.

Em primeiro lugar, mostra que o Reisado é folguedo originado da aglutinação de vários outros, tendo no entremeio do Boi, o seu ponto culminante. Em segundo lugar, esclarece que em muitos lugares as duas denominações (Boi ou Reisado) permaneceram, sendo que em outros tantos se fixou a denominação de Boi. Em terceiro lugar, informa que em Alagoas e nas regiões influenciadas por sua cultura, os Reisados e Bois, se fusionaram com o auto dos Congos, para formar um outro tipo de Reisado, no caso, o Reisado de Congo (Brandão, 1953 *apud* Barroso, 2013, p. 29).

No estado do Ceará, Barroso traz na sua dissertação de mestrado, intitulada “Reis de Congo - uma etnografia do Reisado Cearense”, em 1997 e publicada em 2008, que os Reisados são folguedos populares organizados em forma de cortejo de brincantes, os quais representam o ato de ida dos três reis magos a Belém, com o nascimento de Jesus, e que se desenvolvem, em autos, como o uso do boi. Ademais, também enfatizamos a conceituação feita por Nunes na sua dissertação, na qual afirmou que o Reisado, no Ceará, é um “espetáculo que reúne inúmeros entremeses (dramatizações) e peças (canções cantadas e dançadas). Na apresentação aparece um grupo de cantadores e dançadores acompanhados por uma orquestra” (Nunes, 2014, p. 167). Atualmente essa manifestação cultural é uma das festas mais populares existentes no Brasil, pois apresenta elementos que contribuíram com a formação de nossa identidade (Nunes, 2007).

Diante das considerações dos principais autores, Nunes e Barroso, e dos nossos conhecimentos adquiridos, concordamos com os conceitos construídos sobre os Reisados. Para nós, o Reisado é uma manifestação cultural patrimonial afro-brasileira, desenvolvida com mais frequência no período natalino, entre os meses de dezembro e janeiro. Neste folguedo é representada a ida dos três Reis Magos até Belém, para a visita ao Menino Jesus. O dia 6 de janeiro, data marcada pela chegada desses reis ao estábulo em que estava Jesus e seus pais, é representada anualmente pelos grupos de Reisado da Região do Cariri Cearense com apresentações pelas ruas de cada município e terminam o cortejo adentrando na igreja católica para fazer suas oferendas e celebração. Esse festejo natalino contribui com a divulgação e valorização do Reisado, além de dar visibilidade aos profissionais da cultura e artistas populares do Ceará.

Barroso (2013) acrescentou que, o Reisado teve sua origem em diversas brincadeiras e folguedos tradicionais, como os Ranchos de Reis, os Congos, o Bumba-meu-Boi e até mesmo as Rodas de São João, além de elementos de outros folguedos, como os Guerreiros alagoanos, os Bois cearenses e o Cavalo Marinho pernambucano. Porém, é importante perceber que essa manifestação cultural apresenta sua particularidade no cortejo e entremês principal, mesmo sabendo que ela pode “mudar sua estrutura de figuras (personagens humanos) e bichos (personagens animais) e mesmo muito dos seus entremeses, bem como, em diversos casos, sua própria denominação” (Barroso, 2013, p. 32).

Os Reisados do Congo estão quase todos presentes no Cariri Cearense. Em 2013, Barroso encontrou em onze municípios do Cariri a existência de 28 (vinte e oito) grupos de Reisados, entre os de Congo e de Caretas, este último que já era mais difundido pelo interior. Dentre eles, 8 (oito) estavam localizados em Juazeiro do Norte, todos eles de Congo, trazidos pelos romeiros alagoanos.

Sobre o Reisado, também é importante destacarmos alguns personagens principais que compõem o grupo. Dentre eles: o Mestre, o Contramestre, os embaixadores, o bandeirinha, o contra-guia, o Palhaço Mateu, a Catirina, o contra-coice, o figura, o figural, o rei, a rainha, o príncipe e a princesa.

O mestre é um dos brincantes que mais se destaca em um grupo de Reisado, pois podemos vê-lo como diretor e organizador do grupo em todos os momentos para as apresentações acontecerem. A atuação e função do mestre, enquanto brincante é iniciada dentro do espaço físico da sede do grupo com a organização, ensaios e reuniões, e dar continuidade nas encenações artísticas. O autor supracitado colaborou ao descrever a figura do mestre, uma vez que o vê como um importante portador da cultura e memória. Ele nos diz que:

É o mestre e só ele que detém a memória do conjunto da sua brincadeira. Ele é quem dá forma ao desenrolar geral do folgado. Funciona como um encenador, ou diretor teatral, mas como um encenador em cena. [...] Deste modo, posso dizer que o Mestre é um portador ativo de uma tradição, que guarda em seu corpo a memória de um saber coletivo (Barroso, 2013, p. 372-373).

A atuação do mestre também se dá no seu dia a dia, exercendo a sua liderança, organizando ensaios, transmitindo os seus saberes aos mais novos e todos aqueles que compõem o seu grupo, como também a comunidade ao seu redor, além de educar as crianças de modo informal, promover atividades culturais em espaços públicos no bairro que está inserido, na sua cidade e/ou região.

Retomando a existência dos Reisados de Congo, no Cariri, Nunes (2007) argumentou que eles têm estado por toda a região, espaço no qual teve a forte presença da população negra trabalhando nas zonas de engenho de cana, as quais eram usadas na fabricação da rapadura e aguardente. Com relação à chegada dessa manifestação cultural afro-brasileira, no Cariri Cearense, Nunes (2014) acrescentou que ela é mais visível em espaços com influência de imigração alagoana e existe a hipótese de terem chegado por aqui no final do século XIX através da população romeira alagoana, que vinham pela religiosidade e devoção ao Padre Cícero. Essa influência foi ainda percebida pela professora nos municípios de Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Jardim, Milagres, Mauriti, Missão Velha, Cedro e Campos Sales. Logo, ela confirmou que:

Essa presença negra repercute atualmente nas manifestações culturais de toda a região do Cariri. Em Juazeiro do Norte, os reisados evidenciam as africanidades, onde indivíduos e grupos expressam conscientes ou inconscientemente aspectos da história e cultura africana. Vivendo nas periferias da cidade e convivendo com sérios problemas estes grupos têm buscado preservar os valores de suas tradições (Nunes, 2007, p. 140).

Em Juazeiro do Norte essa manifestação cultural encontra-se presente no nosso meio, principalmente nos bairros em que grande maioria da população é negra e carente, como João Cabral, Frei Damião, Romeirão e Pio XII, sendo esse um aspecto a ser considerado como importante ao realizar pesquisas sobre o tema ora discutido.

3.3 O PATRIMÔNIO AFRO-BRASILEIRO E O REISADO

Cultura e educação são direitos universais dos seres humanos e produzidos por todos/as, sem exceção. Neste ponto, iniciamos a discussão abordando esses dois termos por acreditar que eles são a base para dialogarmos sobre o patrimônio.

O poeta, museólogo e doutor em Ciências Sociais, Mário Chagas contribuiu com nosso estudo ao afirmar que a educação é uma prática sociocultural e acrescentou informando que:

Nesse sentido é que se pode falar no caráter indissociável da educação e da cultura ou ainda na inseparabilidade entre educação e patrimônio. Não há hipótese de se pensar e de se praticar a educação fora do campo do patrimônio ou pelo menos de um determinado entendimento de patrimônio. Por este prisma, a expressão “educação patrimonial” constituiria uma redundância, seria o mesmo que falar em “educação educacional” ou “educação cultural” (Chagas, 2013, p. 30).

O autor citado nos diz que não tem como pensar e praticar a educação se não for adentrando na área do patrimônio. Você já percebeu essa relação do pensar e agir dentro do campo do patrimônio? Mas, como podemos conceituar o patrimônio para entendermos a existência dessa relação?

A saber, por exemplo, escutamos uma vez e outra alguém falando sobre patrimônio, seja o considerando um bem material individual como um patrimônio particular ou ainda ao visitarmos um determinado espaço que é considerado um local com muita história que precisa ser preservado. Esses são exemplos simples vistos facilmente no dia a dia, porém, a conceituação para patrimônio é ampla.

A nomeação Patrimônio Histórico e Artístico foi substituída por Patrimônio Cultural Brasileiro pela Constituição Federal de 1988, a qual incorporou a referência cultural e os bens difíceis de receberem reconhecimento, principalmente os imateriais. Inclusive conceitua-o no artigo 216 como “[...] patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...]” (BRASIL. Constituição de 1988).

Com relação ao conceito de patrimônio, ainda é importante destacarmos uma consideração que para nós é relevante. Paes (2013, p. 36) diz “o que é patrimônio para um, pode não ser para outro. Deverá haver sempre uma relativização nos processos de atribuição de valor de forma que os sujeitos envolvidos é que determinam a importância do bem, de acordo com o seu universo”.

Essa afirmação de Paes nos levou a refletir sobre o que é importante para uns e para outros a partir do valor que lhe é dado, assim ele pode se tornar patrimônio para um indivíduo ou grupo. Nesta discussão, continuamos destacando o patrimônio cultural e sua classificação: o patrimônio material e imaterial, logo, ampliamos esse diálogo ao afro-brasileiro.

De modo geral, entende-se que o patrimônio cultural é um conjunto de conhecimentos, costumes, hábitos, arte e tudo que apresente um valor que tenha significado para a história e cultura de um povo. Esse valor possui um grande significado para cada um que faz parte de um grupo de pessoas, independentemente da quantidade de indivíduos que o compõem, pois, as vivências situacionais contribuem para a construção de saberes culturais.

Essa discussão nos levou a refletir e concordar com Cruz (2012, p. 95) quando nos diz que “[...] não há patrimônio, seja ele material ou imaterial, que não seja cultural”, pois

a cultura se constrói e reconstrói em nós a todo momento, através das nossas ações no modo de pensar, agir e se desenvolver.

Segundo Costa e Castro (2008, p. 127), o patrimônio imaterial é visto como um “conjunto de práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas que as comunidades reconhecem como parte integrante de sua cultura”. Em vista disso, consideramos algumas dessas práticas como: os modos de fazer; os saberes, que são compartilhados; as diversas formas de expressão; as manifestações culturais, como festas, rituais, reuniões, celebrações, costumes, danças, músicas, dentre outras tradições que cada grupo considera significativa para eles.

Nas manifestações culturais, como as citadas anteriormente, podemos perceber que elas se renovam com o decorrer do tempo, rapidamente ou lentamente, isso varia de acordo com um conjunto de entendimentos que envolvem suas relações e seus saberes. Cruz (2012, p. 99) reforçou ao dizer que “a cultura se refaz todos os dias, no cotidiano das relações sociais, na luta pela sobrevivência, por meio do trabalho, da festa, do encontro, revelando distintas temporalidades bem como distintas espacialidades”. E acrescentamos afirmando que é na reconstrução dessas relações sociais que a educação não formal atua e contribui para a formação de novos saberes.

Referente ao patrimônio material podemos citar que, principalmente a partir do início do século XX, instituições e órgãos foram sendo criados com a finalidade de preservar o patrimônio cultural do Brasil, dentre eles cita-se:

[...] a criação da Inspetoria de Monumentos Nacionais (1933), a partir da qual surge o serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN (1937), mais tarde transformado em Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e por meio do conjunto normativo criado por esses organismos visando à proteção e à preservação do patrimônio cultural brasileiro, sendo o tombamento (instituído nos auspícios do Estado Novo, em 1937), o principal recurso por meio do qual o Estado busca assegurar a proteção de determinados “bens culturais” tangíveis (Cruz, 2012, p. 97).

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, enquanto autarquia federal, responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro e tem o objetivo de proteger e promover os bens culturais do Brasil, de maneira que assegure sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras. Assim, para que haja a preservação de bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e afetivo para a população, o poder público trabalha para realizar o tombamento, o qual pode ser aplicado aos bens materiais e imateriais, de interesse cultural ou ambiental.

Diante do exposto, percebe-se que torna-se relevante trabalhar, vivenciar e ensinar a temática de patrimônio na área da educação, em ambientes formais e informais, em decorrência da valorização que deve ser dada aos bens que estão ao nosso redor. Para alguns pode até ser difícil perceber o valor das coisas, por isso a importância de abordar esse tema. De acordo com Santos,

Trabalhar o conceito de patrimônio é reconhecer, dentre outras coisas, que para avançar no entendimento não precisamos ir longe. Ao contrário, o que precisamos pode estar bem pertinho de nós, bastando apenas que dediquemos um olhar sensível ao nosso redor e ao que de fato atribuímos valor e, do mesmo modo, o que nos valoriza e dá sentido a nossa vida. É um olhar para dentro: primeiro para dentro de nós, depois para dentro de casa, do jardim, do quintal, do bairro, da cidade, e, finalmente, da região e do país (2013, p. 12).

Além de reconhecer o patrimônio existente, próximo de nós, passamos a ter apreço e valorizá-lo, pois percebemos e reconhecemos como algo significativo que tem seus sentidos, como também suas relações com a nossa vida. Assim, enxergamos aquilo, antes não apreendido, com atenção e zelo, o que depois pode tornar-se patrimônio.

O espaço em que vivemos é um local educativo, pois ele nos ensina a partir dos saberes culturais existentes onde está inserido. De acordo com o IPHAN (2014), os contextos culturais também são educativos, em decorrência de formar e moldar o jeito de ser e estar no mundo pelos indivíduos, além da relação construída entre as pessoas que vivem nesses contextos. Saliente-se ainda que, a mediação entre as práticas sociais e os artefatos, juntamente com seus problemas e situações “pode ser entendida como um processo de desenvolvimento e de aprendizagem humana, como incorporação da cultura, como domínio de modos culturais de agir e pensar, de se relacionar com outros e consigo mesmo” (IPHAN, 2014, p. 22).

Além disso, o espaço escolar pode contribuir com a educação patrimonial, logo, concordamos com Scifoni (2017, p. 13) quando nos diz que:

Neste sentido, o compromisso da educação patrimonial deve superar a ideia da transmissão da cultura e da informação, para entendê-lo como processo de formação da consciência crítica sobre a realidade que pode possibilitar o reconhecimento das pessoas como sujeitos de sua própria história e cultura, capazes de agir em busca das transformações necessárias.

Portanto, o estudo sobre o patrimônio pode nos ajudar, enquanto pessoas rodeadas de práticas sociais, artefatos, cultura e demais saberes, a compreender quem somos, a partir da nossa história, com sabedoria e criticidade. Por esse motivo, a escola também pode contribuir com o trabalho da educação patrimonial, mas ela não é um espaço único e exclusivo que pode

desenvolver ações para potencializar tais saberes. Acreditamos que todos os espaços têm o poder de ser formativos e contribuir com a educação, tanto quanto o ambiente escolar, visto que esse tema é transversal e interdisciplinar.

Como discutido até aqui, a compreensão de patrimônio cultural não deve se limitar aos grandes prédios históricos, que muitas vezes são visitados apenas pela classe dominante do país, - como é o caso do Brasil - mas necessita acrescentar as manifestações culturais existentes no país, principalmente as da região que estamos inseridos.

Diante disso, na região Nordeste, assim como nas demais regiões do Brasil existem manifestações culturais específicas daqueles lugares e espaços, seja nos centros rurais ou urbanos, criadas e reformuladas pela população, na vida em sociedade. No presente trabalho de pesquisa, destacamos o Reisado, enquanto tema de pesquisa e uma manifestação patrimonial cultural e imaterial afro-brasileira, que tem trazido grandes contribuições para a educação nordestina, principalmente para a formação social, pessoal e educacional daqueles que tem alguma ligação com riqueza cultural expressa pelo Reisado.

No Reisado temos saberes enraizados e transmitidos de geração em geração dentro das comunidades nas quais atuam com mais frequência. A partir daí pode-se questionar: como se dá a visibilidade dos grupos de manifestação cultural localizados em espaços periféricos? Os lugares que realizam suas apresentações é o suficiente para mostrar os seus saberes para o restante da população? Será que atualmente estão tendo o apoio necessário do Estado através de políticas públicas que lhes assegurem? Essas são perguntas que para este momento não teria todas as respostas.

Porém, sabemos que a maioria das realizações e manifestações culturais acontece em espaços públicos, como já pudemos vivenciar por várias vezes em praças, eventos organizados pelo município - em datas específicas e de acordo com o tema da comemoração, em eventos científicos - em boa parte para fazer a sua abertura, - museus, teatros e instituições com fins artístico-culturais.

Infelizmente, nem toda a população conhece a riqueza cultural do espaço em que vive, por isso o IPHAN considerou como um fator importante,

[...] para a ampliação das possibilidades de ações educativas de preservação e valorização do Patrimônio Cultural [...] o estabelecimento de vínculos das políticas públicas de patrimônio às de cultura, turismo, meio ambiente, educação, saúde, desenvolvimento urbano e outras áreas correlatas, favorecendo o intercâmbio de ferramentas educativas para enriquecer o processo pedagógico a elas inerente. Dessa forma, são possíveis a otimização de recursos na efetivação das políticas públicas e a prática de abordagens mais abrangentes e intersetoriais, compreendendo a realidade como lugar de múltiplas dimensões da vida (IPHAN, 2014, p. 25).

Com relação às políticas públicas, no estado brasileiro foi criada a primeira política cultural de patrimônio somente na década de 1930, o Serviço Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN, hoje chamado de Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Ele foi construído com o objetivo principal de preservar a cultura do nosso país e contribuir para o fortalecimento da identidade nacional.

Conforme Corá (2014), durante uma em média de sessenta anos, esse instituto desenvolveu ações de preservação apenas de bens materiais, porém, nas últimas décadas conseguiu expandir sua área de atuação para o patrimônio imaterial, logo, percebeu a necessidade de se pensar o patrimônio a partir da diversidade cultural brasileira. Acrescentou ainda que a década de 1970 foi “[...] um período de transição, da antiga prática de preservação, fundamentada em critérios estilísticos, para uma nova prática, na qual os problemas inerentes à atividade de preservação eram compreendidos a partir da perspectiva integrada a critérios econômicos e sociais (Freitas, 1992, p. 134 *apud* Corá, 2014, p. 1099). Essa transição referia-se a ampliação da preservação para os bens culturais imateriais, que mais tarde foi constituído como patrimônio cultural brasileiro pela a Constituição Federal de 1988, no seu artigo nº 216, incluindo:

- I – as formas de expressão;
 - II – os modos de criar, fazer e viver;
 - III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
 - IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
 - V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.
- Parágrafo 1º - O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação e de outras formas de acautelamento e preservação.
- Parágrafo 4º - Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei (BRASIL, 1988).

Antes da inclusão na Constituição Federal, por sua vez, foi criado o primeiro Ministério da Cultura, no ano de 1985. Já a partir da década de 1990 foram ampliando o entendimento de patrimônio e cultura popular através das formas de expressão e o modo de criar, fazer e viver, como parte da cultura da nossa nação. Logo, esses acontecimentos históricos foram citados por Corá (2014), que primeiramente informou que houve diversos projetos de revitalização de centros históricos, museus e acervos nacionais em algumas cidades brasileiras, como as mais antigas que tem presente muitas histórias, desde a sua construção, dentre elas: Salvador, Olinda, Recife, São Paulo e Rio de Janeiro. Em segundo lugar, em 1998 uma Comissão e um Grupo de Trabalho sobre Patrimônio Imaterial, foi criada

pelo ministro da Cultura, construindo propostas que contribuíram para a implantação do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial - PNPI, sancionada pelo decreto nº 3.551, em 4 de agosto do ano 2000. Este foi um programa de destaque e de fomento a parcerias com instituições nos três níveis: municipais, estaduais e federais, além de organizações não governamentais e instituições superiores. Além do mais tem o objetivo de viabilizar projetos de identificação, reconhecimento, salvaguarda e promoção da dimensão imaterial do patrimônio cultural, o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial - PNPI. Já em 2003, houve a criação do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – CNFCP, que deu origem a muitos outros projetos culturais que fizeram referência a cultura popular e imaterial.

Assim sendo, tanto esse avanço das políticas públicas quanto este trabalho até aqui desenvolvido com o Reisado, nos levou a compreendê-lo como uma manifestação cultural que recebeu grandes contribuições e influências da cultura dos povos da nossa região e da África, e, que vem sendo reconstruído a partir do grupo de pessoas que atuam nesta causa, ajudando-o também a ser afro-brasileiro e um patrimônio imaterial. Desse modo, as políticas públicas brasileiras devem ficar atentas “para a cultura cotidiana das pessoas, o saber popular, os modos de fazer, as relações sociais da comunidade” (Corá, 2014, p. 1103), pois são elas que nos trazem referências da cultura patrimonial imaterial e afro-brasileira, possibilitando o conhecimento da sua existência e o reconhecimento da diversidade cultural existente no país pelos valores que lhe são dados.

Ainda nesta pesquisa tivemos o interesse em relacionar a manifestação cultural do Reisado com os valores civilizatórios afro-brasileiros, a fim de perceber como eles se fazem presentes nesta manifestação e como podem ser vistos e sentidos. Para isso, apresentamos, na seção seguinte o que e quais são esses valores, como enxergá-los fazendo parte do Reisado. Para que isso fosse possível contamos com a colaboração dos brincantes entrevistados.

4 EDUCAÇÃO E REISADO NO CARIRI CEARENSE: UM DIÁLOGO COM BRINCANTES

Neste tópico da pesquisa apresentamos os resultados adquiridos a partir dos entrevistas com os quatro brincantes do Reisado Menino Deus, sobre a presença de valores civilizatórios afro-brasileiros nessa manifestação cultural, e assim relacionarmos a temática com o campo da educação através de práticas pedagógicas formais e não formais.

Partindo de práticas pedagógicas, iniciamos nosso estudo de campo buscando saber como esses sujeitos veem a importância de trabalhar com o Reisado nos espaços de educação formal. Por meio desta indagação nos chamou a atenção a fala do mestre afirmando que:

A presença do Reisado dentro do espaço formal de educação, ela possibilita o diálogo é... vivencial com essas matrizes, então ao passo que as crianças estão convivendo dentro do Reisado ou tendo atividades com relação ao processo de formação com o Reisado, elas vão estar se empoderando a partir dessas expressões, elas vão estar construindo relações de pertencimento com as impressões da cultura africana, é quilombo, então a partir da corporeidade, da prática de ensino com a corporeidade, então aspectos importantíssimos no processo de empoderamento da criança. Então o Reisado, ele é importante dentro do contexto da educação formal por ele ser uma expressão viva da cultura ancestral (Jean Alex, 15/06/2023).

Para nós, essa fala foi significativa pelo fato de confirmar pensamentos e análises que já vínhamos fazendo nos últimos anos através de projetos de intervenções no nosso ambiente de trabalho, a escola. Nele é possível percebermos que as crianças realmente vão se empoderando e fazendo parte das etapas no desenvolver das atividades, como também fortalecendo os seus laços culturais de matrizes afro-brasileiras.

Consideramos relevante informar que no Reisado Menino Deus tem brincantes adultos que também levam seus filhos para integrar o grupo, como é o caso do casal Jean e Jéssika, com três filhos, e Rosângela, que também participou da nossa pesquisa. Desse modo, tivemos a curiosidade em saber desses responsáveis se já haviam percebido alguma contribuição no desenvolvimento intelectual ou formativo de seus filhos que também integram o grupo. Logo, a Rosângela nos relatou que reconhece e percebe que a atuação do seu filho de 9 (nove) anos de idade no grupo de Reisado vem ajudando-o muito nos estudos escolares. Sobre isso ela afirmou com firmeza e por duas vezes seguidas que atualmente “[...] ele tá mais, mais ligando a nossa cultura, a nossa verdadeira cultura, né!? [...]. Ele tá mais ligado na nossa cultura” (Rosângela, 22/07/2023).

No relato da Rosângela percebemos que a participação do seu filho no Reisado ajudou-o a entender o sentido das músicas que eram atrativas para ele, e por algum motivo veio a influenciá-lo, mas que passou a deixá-las de escutar depois que conheceu músicas que abordam características culturais do seu convívio, neste caso as peças de Reisado. Em outras palavras, o entrevistado Aldivan também colaborou conosco ao dizer que “As crianças são capazes de aprender igual a gente que desde pequeno, nós aprendemos igual a eles que estão aprendendo agora” (Aldivan, 07/10/2023).

Por meio destes relatos iniciais dos entrevistados percebemos em suas falas e atuação que a educação formal caminha junto com a educação não formal, visto que, para quem integra grupos de manifestações culturais sempre demonstram estar em constante formação, seja em momentos discursivos teóricos ou práticos, através de ensaios, aulas explicativas ou apresentações. Sobre isso o mestre do grupo recordou que “Então o Reisado Menino Deus, ele desde sua formação ele já era compreendido como processo de formação”, para ele esse fato aconteceu porque por muitos anos pôde acompanhar o grupo de lado, sem liderar. Nas palavras dele,

[...] por volta de 2008 [...] Eu tava ali é... acompanhando o processo, é... fortalecendo o processo de formação, mas a gente deixava que as crianças tomassem esse lugar de mestre. É... e aí anos depois eu e a Jéssika assumimos realmente esse papel frente às crianças, tendo em vista que essas crianças de três gerações anteriores dentro de Juazeiro, elas com o passar dos anos não foram conseguindo dar de conta desse processo de ensaiar aqui no Crato [...] (Jean Alex, 15/06/2023).

Dito isso, o educador Jean nos informou que no final do primeiro semestre de 2023 estaria iniciando uma ação de um Reisado a partir do Reisado Menino Deus, na Vila da Música²⁴, localizada no município de Crato-CE. No desenvolvimento desse projeto, em que temos alguns integrantes do grupo contribuindo no seu desenvolvimento, a educação está presente em todo o seu contexto, assim ele compartilha que “Dentro do contexto informal nós somos uma escola livre, então a gente vai e alimenta a partir dessa relação com novos grupos. Dentro do contexto formal, a gente gera esse contexto de aproximação, de empoderamento, desse processo de contato com a ancestralidade a partir da cultura popular” (Jean Alex, 15/06/2023).

²⁴ A Vila da Música é o primeiro equipamento da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará no Interior e foi inaugurada em 11 de março de 2017. É voltada para a formação, a partir da experiência realizada pela SOLIBEL, fundada pelo Padre Ágio Augusto Moreira na década de 1970. A escola de música tem como temas centrais a socialização, a formação humana e o ensino musical, diretrizes incorporadas à Vila da Música, fomentando a cidadania através da educação musical e criando oportunidades para o desenvolvimento humano, econômico e territorial sustentável da Região do Cariri.

Estes valores visam refletir sobre a população negra, suas contribuições culturais e a construção da nossa identidade enquanto afrodescendentes. Para tanto, a professora pedagoga, doutora, militante e negra Azoilda Loretto de Trindade destacou que:

Ao destacarmos a expressão “valores civilizatórios afro-brasileiros”, temos a intenção de destacar a África, na sua diversidade, e que os africanos e africanas trazidos ou vindos para o Brasil e seus e suas descendentes brasileiras implantaram, marcaram, instituíram valores civilizatórios neste país de dimensões continentais, que é o Brasil. Valores inscritos na nossa memória, no nosso modo de ser, na nossa música, na nossa literatura, na nossa ciência, arquitetura, gastronomia, religião, na nossa pele, no nosso coração. Queremos destacar que, na perspectiva civilizatória, somos, de certa forma ou de certas formas, afrodescendentes. E, em especial, somos o segundo país do mundo em população negra (2005, p. 30).

Durante sua vida, Trindade integrou o projeto “A cor da cultura”²⁵, trabalhou pensando e aplicando teorias e práticas que trouxessem contribuições significativas para a educação antirracista. Valores esses os quais ela mencionou por estarem presentes na nossa identidade, ou seja, na construção do nosso *eu* individual e coletivo, em que criamos novos modos de percepções.

É importante conhecermos os valores civilizatórios, uma vez que somos descendentes do povo africano trazido ou vindo ao nosso país. Desse modo, somos afrodescendentes e temos de ter conhecimento sobre nossas origens e assim valorizá-las, para que possamos construir um pensamento que conheça e afirme nossas raízes, sem sofrer influências de outros povos em nossa história. Assim, vale destacar que concordamos com a professora Trindade, ao afirmar que:

A África e seus descendentes imprimiram e imprimem no Brasil valores civilizatórios, ou seja, princípios e normas que corporificam um conjunto de aspectos e características existenciais, espirituais, intelectuais e materiais, objetivas e subjetivas, que se constituíram e se constituem num processo histórico, social e cultural (Trindade, 2013, p. 132 *apud* Gomes *et al.*, 2016, p. 4).

Tais valores, ora mencionados, muitas vezes estão presentes no nosso modo de agir, se expressar e pensar, mas nem sempre são valorizados. Porém, a docente universitária Maria de Lourdes Bandeira, que foi referência em pesquisas sobre gênero, trouxe contribuições a esse trabalho quando afirmou que:

²⁵ O projeto social “A Cor da Cultura” foi criado em 2004 pela Fundação Roberto Marinho/Canal Futura com o objetivo de valorizar o patrimônio cultural afro-brasileiro e reconhecer a contribuição da população negra à sociedade brasileira dando visibilidade a sua história não associada à escravidão. Como parte do projeto, foram realizadas pesquisas e produzidos diversos recursos didático-pedagógicos para serem implantadas nas escolas através da formação de educadores e educadoras e da doação dos kits pedagógicos às escolas, universidades e ONGs que trabalhavam com a temática racial.

[...] o negro não é reconhecido como sujeito de sua história, de sua cultura, nem como protagonista de uma luta constante pela conservação e criação de valores e práticas culturais próprios, que embora tenham se difundindo no meio social mais amplo, têm seus nexos profundamente vinculados a ancestralidade de grupos e famílias negras, às matrizes culturais africanas que sua existência continua de alguma forma expressando, por nelas se enraizarem focos de produção simbólica pregnantes à visão de mundo, ao ethos específico do grupo familiar, do grupo de vizinhança, da comunidade rural ou urbana, enfim dos grupos sociais negros (Bandeira, 2003, p. 148-149).

Nós, enquanto população negra, sabemos o quanto somos construtores de sabedorias, cultura, valores, tecnologias, histórias e outros diversos saberes que são passados adiante para nossos descendentes, e outros que já vem de nossos antecedentes, independente dos espaços que foram aprendidos e construídos. Sobre isso, o mestre Jean reconheceu que:

[...] dentro do contexto não formal, ou seja, na rua, quem vai brincar, quem vai vivenciar o Reisado vai estar conhecendo a partir da cultura popular as bases das culturas ancestrais dos nossos povos, então vai estar trabalhando a corporeidade, culturalidade, vai estar conhecendo a ancestralidade, vai estar se apropriando do conhecimento a partir da oralidade. Então esses elementos que hoje nos Parâmetros de Educação Quilombola a gente tem como aspectos civilizatórios, a gente tem todos presentes dentro do cotidiano do Reisado, principalmente dentro do Reisado Cariense (Jean Alex, 15/06/2023).

Nesta fala do Jean Alex foi possível perceber que ele tem conhecimento sobre a importância do seu trabalho com os demais integrantes e ouvintes que buscam ter o contato direto com o grupo, uma vez que é o responsável por estar ensinando as bases das culturas ancestrais, nas quais têm presente os valores civilizatórios afro-brasileiros dessa manifestação cultural.

Os valores civilizatórios são guardados por nós na memória, sendo assim um “registro” duradoura e permanente, além disso, eles são “da intentiva negra, criando e recriando técnicas empíricas, modos de fazer, modos de associatividade, de construção de identidade, de cognição, de sensibilidade, enfim, modo de ser no mundo com os outros são repertoriados na vivência desses grupos” (Bandeira, 2003, p. 149).

Em uma de suas obras, Trindade (2013) destacou dez valores civilizatórios afro-brasileiros que nos definem como sujeitos produtores da nossa própria história e que se fazem presentes no nosso modo de ser e viver, sendo eles: a energia vital/axé, a oralidade, a circularidade, a corporeidade, a musicalidade, a ludicidade, o cooperativismo/comunitarismo, a religiosidade, a memória e a ancestralidade. Esses valores ressaltam e valorizam a História da África e dos povos da diáspora.

A oralidade é um valor que faz parte de nossa vida desde os primeiros anos, uma vez que ela caminha juntamente com a linguagem. Trindade (2005) afirmou que um ato que

pode ser libertador é o falar e ouvir, visto que como já acrescentava, por muitas vezes paramos mais para ouvir do que ler, e ainda optamos por falar que escrever. Dessa forma, ao observarmos ações cotidianas, as quais envolvem a oralidade percebemos o quanto ela nos leva a refletir sobre a importância de valorizarmos a fala e a escuta, que por muitas vezes, na nossa sociedade brasileira, não é tão valorizada, mas que “permite aos sujeitos a partilha de suas experiências e percepções de mundo pelo pacto da verdade firmada socialmente e a partir dela a comunidade se identifica e constrói suas identidades” (Alencar, 2020, p. 28).

Em vista disso, em grupos de manifestações culturais a oralidade é expressa de diversas maneiras através do diálogo, do cantar, se expressar e gesticular, dentre outros. A oralidade pode ainda contribuir em intervenções, como a compartilhada conosco durante a entrevista com o mestre Jean. Na sua fala, ele verbalizou a força contida na oralidade, em um momento de integração que desenvolveu com o grupo de Reisado junto com outros mestres em uma zona rural da Região do Cariri cearense.

É assim, eu considero um momento muito importante, um momento que a gente, é... que a gente realiza a atividade de integração com outros mestres e em comunidades rurais, é... com outros mestres que aí eles percebem esse princípio dos saberes ancestrais transmitidos a partir da oralidade. Então, normalmente é o tempo que a gente tem a oportunidade de um momento de escuta (Jean Alex, 15/06/2023).

Neste relato analisamos que o falar e o ouvir estão presentes e seguem juntos, visto que a escuta do outro é valorizada, como também exerce grande influência na atuação dos envolvidos na atividade. Nós, professores/as, prezamos muito pela escrita, a qual é significativa na construção do conhecimento, mas não devemos esquecer que a oralidade é considerada um valor da cultura africana interligada ao corpo e que precisa ser explorada por nós, seres humanos detentores do saber. A nossa fala expressa muito quem somos, logo precisamos dar mais valor a fala dos/as nossos/as alunos/as e prezar por sua participação nas aulas (Gomes *et al.*, 2016), as crianças necessitam se sentirem importantes e construtoras do saber para contribuir com a educação.

Atrelada à oralidade, muito bem abordada pelos contadores de história, temos a memória. Nós somos a prova verdadeira de que a memória faz parte do nosso *eu*, individual e social. Chamamos de memória individual as recordações que temos no dia a dia sobre alguma situação vivenciada, que tem sentido para a nossa história e não necessita do outro para recordarmos. Já a memória coletiva é tida como rememorar experiências no coletivo, uma vez que essas pessoas foram importantes ou significativas na construção do momento vivido.

Ao conversarmos com o educador popular Jean Alex sobre as suas memórias mais significativas neste período de mais de uma década como integrante do grupo de Reisado, ele compartilhou uma vivência que contribuiu na reativação de outro grupo que há um tempo teria parado de desenvolver a brincadeira cultural do Reisado. Segundo as suas memórias, em 2019 durante uma das edições do Artefatos da Cultura Negra, período que antecede o evento científico, foi realizada uma visita ao terreiro do mestre Quincaboclo.

Naquela ocasião havia um mestre que estava quase 40 (quarenta) anos sem brincar Reisado, mas ele ainda era bem conhecido e respeitado, e aí o Reisado Menino Deus, ele foi fazer essa brincadeira lá com o Zabumbar, uma brincadeira muito bonita, muito boa e o mestre que estava lá, que não estava atuando, ele se sentiu tão envolvido no processo, então é, é tão conclamado né a retornar que naquele dia ele fez uma promessa a voltar brincar no Reisado dele, e aí esse mestre brincou por mais quase 4 (quatro) anos, infelizmente esse mestre faleceu de assassinato, mas assim, antes do mestre morrer, ele reavivou o Reisado dele e depois que esse mestre morreu esse Reisado permanece brincando que é Seu Antônio de Helena, hoje, né! Mas antes acho que era Seu Mestre Quincarreiro, ou seja, esse mestre, ele depois de muitos anos retorna, reaviva seu Reisado, vai brincar Reisado, falece, mas deixa o Reisado perpetuando a partir da presença do Mestre Antônio de Helena, e aí assim o que foi mais encantador pra gente foi o fato da gente tá nesse processo, né! A gente ter sido digamos ô, ô de certa forma o mecanismo que acionou o retorno do Reisado dele. Isso para a juventude do Reisado que tava ali, os meninos do Reisado, eles não compreenderam bem, mas eu ali no lugar de mestre percebi o quanto aquilo foi importante, quanto é importante a gente tá alimentando esse tipo da... quanto é importante... Quando a gente fala de circularidade, a gente não tá falando só de um princípio é, firmado num lugar de terreiro, num território de mestre, a gente tá falando de um um lugar que sempre pensa, ninguém solta a mão de ninguém, é um acompanhando o outro, é um fortalecendo o axé do outro. Então esse momento é um dos que eu considero muito significativo (Jean Alex, 15/06/2023).

Neste relato, percebemos inicialmente a empolgação e felicidade do mestre ao compartilhar essa vivência e logo fomos tendo conhecimento do quanto foi significativo, esse momento ocorrido em 2019, principalmente aos mestres dos grupos citados na fala descrita, posto que a atuação de um contribuiu para o retorno do outro, a unir brincantes para desenvolver atividades no Reisado e manter viva e presente essa manifestação tão forte na nossa região.

Essa fala estava envolta de sentidos e valores civilizatórios, além da memória e oralidade já percebidas, pode-se enxergar o axé, a ludicidade e a circularidade. O axé, por ser a energia vital, ou seja, tudo que é vivo e que existe, tudo que tem axé, como exemplifica Trindade (2005) plantas, água, pedra, gente, bicho, ar, tempo, tudo é sagrado e está em interação. Assim, podemos compreender que o axé é a energia que nos move e nos mantém resistindo diariamente.

Já a circularidade, é conhecida pela formação do círculo ou da roda que tem um significado enorme (Trindade, 2005) na cultura africana e que recebemos sua influência na

nossa cultura, na realização de danças, festas, rituais, narrações de histórias, rodas de conversas, dentre outros. A circularidade “é um valor civilizatório afro-brasileiro, pois aponta para o movimento, a circularidade, a renovação, o processo, a coletividade: roda de samba, de capoeira, as histórias ao redor da fogueira...” (Trindade, 2005, p. 34). A palavra circularidade em si nos lembra o círculo, a roda e seguida dela as partilhas verbais e não verbais. Para Gomes (*et al.*, 2016) ela representa o ato de sentar em roda para desenvolver alguma atividade, seja uma discussão sobre algum acontecimento ou contar histórias. Além disso, a circularidade nos remete à coletividade, pois para formar um círculo é preciso de um grupo de pessoas sentadas próximas umas das outras e de cooperação entre si para trabalhar a escuta, o que nos faz corroborar inteiramente com esta ideia.

É através do ato de escutar que ocorre a aprendizagem significativa. Segundo a brincante Rosângela “A gente faz brincadeira assim em círculo, a gente consegue se entender, entender os mestres da forma que eles falam, sem dizer assim, só nos gestos” (Rosângela, 22/07/2023). Trazendo essas partilhas para o campo da educação, a circularidade pode ser trabalhada pelos docentes, em diversas ocasiões, em círculo na sala de aula, no pátio, no parque, debaixo de uma árvore ou onde preferir, desde que saibam usufruir do ambiente de uma boa maneira para compartilharem o conhecimento sobre a temática em discussão.

Ao estarmos em círculo sentimos no outro a sua energia, enxergamos as expressões da face e demais partes do corpo e as suas ações. Assim corroboramos com Silva (2021, p. 815) ao afirmar que é através deste valor civilizatório que “podemos olhar, tocar e perceber os sentidos e sentimentos que envolvem nossas relações, pois no momento em que podemos olhar e tocar uns aos outros nos tornamos mais próximos e desenvolvemos assim uma forma diferenciada de lidar com as subjetividades do outro”.

A fala de Silva sobre o olhar e o tocar nos lembra o movimento, ações estas pertencentes a movimentação do nosso corpo, logo, atrelada a corporeidade. De acordo com Gomes (2016) o surgimento da corporeidade está ligado a importância do cuidado com o corpo, a aceitá-lo e amá-lo como ele é. O corpo não deixa de ser mais importante, nem menos importante a outro valor civilizatório, simplesmente ele é muito significante, na medida em que é com o mesmo que vivemos, existimos e somos no mundo (Trindade, 2005). Na brincadeira de Reisado o corpo é percebido como uma peça fundamental para que a manifestação possa existir e atuar naquele meio, pois “O corpo faz parte de toda a apresentação” (Rosângela, 22/07/2023), ou seja, através dele é que se pode realizar o cantar, falar, dançar, tocar, andar, correr, marcar passo, se preparar para ensaios e apresentações, dentre outros.

Nós precisamos cuidar e valorizar nosso corpo, destarte somos acolhidas pelas palavras da professora supracitada Trindade (2005, p. 34) ao argumentar que eles são “possibilidades de construções, produções de saberes e conhecimentos coletivizados, compartilhados” e que já passaram por um período escravista, no qual o povo africano foi retirado da África contra a sua vontade e trazido para o Brasil sem nada que lhe pertencia, além do seu próprio corpo, e assim teve de aprender a valorizá-lo como um patrimônio muito importante. Desta forma, também concordamos com Silva (2021, p. 815) ao acrescentar argumentando que “Pensar sobre corpos negros inseridos numa sociedade racista e desigual é uma tarefa diária e constante, pois estes corpos são diretamente afetados pelas mazelas sociais”.

O trabalho com a corporeidade e oralidade também envolve a musicalidade. A música transmite uma energia que nos alegra e faz contar a história do nosso povo, da nossa vida. Segundo Alencar (2020, p. 17) “A música possibilita a construção do sentido de pertencimento a partir dos elementos que desperta entre os sujeitos”. Neste contexto, entendemos o pertencimento citado pelo professor como as vivências construídas através de suas próprias experiências, no qual teve a música como o ponto de partida.

A música mexe muito com o nosso corpo e memória, além de muitas vezes buscar a valorização da nossa cultura. Gomes (2016, p. 5) acredita que “A música brasileira tem os dois pés fincados no continente africano”, visto que tivemos influência de diversos ritmos musicais e danças, que hoje são objeto de pesquisas no Brasil e até o reconhecimento como patrimônio imaterial, como por exemplo, a capoeira, que durante muitos anos foi proibida no nosso país, e em 2014 foi declarada Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

Na nossa conversa com Jean Alex, ele que tem anos de experiência com a música e diversos instrumentos musicais, “É a música que é a matéria-prima de todos esses processos de formação”. Desta maneira, a musicalidade é o valor indispensável dentro do Reisado, pois sem ele não há som, ritmo, alegria ao cantar, dançar e marca do compasso e atenção das demais pessoas que apreciam a manifestação acontecer. E acrescenta “Então assim, dentro do Reisado é a musicalidade, ela é o princípio essencial, porque é a partir da musicalidade que a formação se compôs e nos conduz” (Jean Alex, 15/06/2023).

Em concordância com Jean Alex, Rosângela disse perceber a musicalidade:

Sempre. Que tipo assim é... no momento em que a pessoa, dependendo do que a pessoa procura na musicalidade, na brincadeira, o que a pessoa procurar, se a pessoa prestar bem atenção a pessoa vai achar o que ela quer, aí na música eu gosto na hora do... (pensando) na prática. Eu prefiro dançar realmente, entendeu? Eu prefiro a prática na dança do que no cantar (Rosângela, 22/07/2023).

A prática expressa por Rosângela pelo cantar e dançar, muito presente do início ao fim das apresentações de Reisado, foi bem descrita por Jean quando relacionada com outros instrumentos presentes não só nessa manifestação cultural afro-brasileira. Sobre isso declarou que:

O Reisado é um grupo vocal, corporal, ou seja, é um grupo de dança, de canto e instrumental, então a gente poderia dizer assim, que o Reisado seria o teatro popular brasileiro, a gente poderia dizer que o Reisado é a ópera brasileira, a ópera ancestral, porque é um espetáculo que você envolve o teatro, você envolve dança, você envolve bonecos, você envolve ritmos, você envolve tudo isso a partir da música. Então a música, ela é o elemento ali que dá vida a todos os outros princípios. É a partir da música que a ancestralidade perpétua, é a partir da música que a oralidade torna o processo de formação, é a partir da música que o corpo entende ora como instrumento, como brinquedo e começa a desenvolver consciente com o corpo, a música tem esse papel essencial nesse processo (Jean Alex, 15/06/2023).

A ludicidade tida como jogos e brincadeiras na área da educação é sentida como alegria, diversão, animação e desenvolvimento psicomotor. Somos um povo que diariamente reafirma a vontade em viver construindo e revivendo a nossa cultura e suas manifestações, pois, para Trindade (2005, p. 34-35) “Se não fôssemos um povo que afirma cotidianamente a vida, um povo que quer e deseja viver, estaríamos mortos, mortos em vida, sem cultura, sem manifestações culturais genuínas, sem axé”.

Esse valor civilizatório pode ser sentido por todas as pessoas, sem distinção de faixa etária, sexo, cor, renda financeira e outros. Para Gomes *et al.* (2016, p. 4) “A ludicidade é o gosto pela diversão, pela vida, pela alegria. Uma de suas variadas utilidades é o aprendizado, o lúdico. Também serve para transmitir as conquistas da sociedade em diversos campos do conhecimento”. Esse lúdico é sentido nas falas da Luana com alegria, em virtude dela gostar de atuar no Reisado, principalmente por causa das brincadeiras nele desenvolvidas. De acordo com ela, a ludicidade é vista quando acontece o jogo de espadas, em que aprendem a jogar e ajudar quem ainda não aprendeu “As crianças ajudam os outros a segurar a espada” (Luana, 07/10/2023).

Para Luana, participar do grupo é um momento de diversão, afirmou que “Acho muito bom as brincadeiras no Reisado, participando, dançando, se divertindo” (Luana, 07/10/2023). Ao nos fazer esse relato, ela expressava por meio de gestos manuais como jogar espada, e também descrevia o posicionamento dos brincantes para desenvolver esse jogo que é um dos momentos mais esperados, não só por eles/as que fazem acontecer, mas também por quem aprecia, assim falou “É só formando dois grupos e ficar assim, e outro desse lado e colocar a espada assim e outro aqui, e vai brincando”.

Sobre isso, o mestre nos confirmou ser por meio da sua função e da contramestra, sua esposa, que a ludicidade se faz presente desde o momento dos ensaios e reuniões até as apresentações, em razão de serem os responsáveis pela organização geral, os quais dirigem o grupo ensinando a todos/as valores indispensáveis e ensinamentos específicos a cada função desempenhada.

Além de ouvirmos o relato da Luana afirmando que participar do grupo de Reisado Menino Deus lhe proporciona diversão, para Rosângela é uma terapia. Ela nos disse “Percebo como uma terapia. Uma terapia faz a pessoa esquecer os problemas, as coisas do dia a dia, ajuda a gente a relaxar mais” (Rosângela, 22/07/2023). Observamos que a sua fala é reflexo da sua rotina, enquanto doméstica e mãe de dois filhos de pouca idade, a qual vê o grupo como um espaço para relaxar o corpo e a mente, além de poder vivenciar novas experiências que proporcionam saberes culturais.

Um outro valor é o cooperativismo, também chamado de comunitarismo, o qual trata-se da ajuda ou auxílio ao outro na realização de alguma atividade. A cooperatividade caminha com o nosso povo há muito tempo, “[...] não sobreviveríamos se não tivéssemos a capacidade da cooperação, do compartilhar, de se ocupar com o outro” (Trindade, 2005, p. 35), pois precisamos da ajuda do outro em muitas práticas que buscamos desenvolver diariamente, como também de prestar um pouco da nossa atenção ao próximo.

Quando questionamos o mestre sobre como o grupo de Reisado tem trazido contribuições, enquanto patrimônio afro-brasileiro para as relações de cooperatividade, ele nos relatou que esse valor faz parte de:

[...] todo o contexto do Reisado, todo o processo de formação do Reisado, ele trabalha com o que a gente chama de circularidade, então os papéis de hierarquias, na verdade elas se dão a partir de um processo de atuação de cada pessoa. É, a energia vital é o axé que vai colocando cada um nessa pirâmide, então isso vai construindo a partir dessa circularidade uma relação de comunitarismo, ou seja, a cada um conforme sua capacidade, conforme suas especificidades. Então essas relações, elas vão construindo dentro do lugar da formação, lugares e momentos que se compreendem como... do jeito de coordenação (Jean Alex, 15/06/2023).

Podemos perceber a existência do comunitarismo no grupo ao conversarmos com alguns brincantes e vermos a sua atenção e preocupação em fazer o que sabem e se identificam, por isso cada um vem desenvolvendo a sua função de acordo com as suas habilidades. Em concordância com as observações realizadas, Jean compartilhou nos informando que:

Então cada um vai compreendendo os seus momentos, os seus papéis de coordenação. Existe o meu papel como mestre, existe o papel da Jéssika como

contramestra e é por uma questão de formação da gente, para além deste papel de mestre e contramestra, cada um compreende a partir da sua habilidade do corpo, habilidade do canto, habilidade de... compreender o seu lugar (Jean Alex, 15/06/2023).

Em outra parte, para os brincantes participantes da nossa pesquisa, a cooperatividade é vista como a ajuda que o mestre desenvolve dentro do grupo para com eles e os demais que formam o Reisado Menino Deus, com a finalidade de contribuir com a educação de todos. No primeiro relato foi dito que “Quando a gente tá precisando de ajuda ele (o mestre) tira as dúvidas da gente, ajuda a gente no que ele pode. Se a gente tem uma dúvida assim, ele fala, a gente escuta, explica bem direitinho” (Rosângela, 22/07/2023). Essa ajuda refere-se ao modo como cada um deve desenvolver o seu papel para contribuir da melhor maneira com a manifestação cultural do Reisado.

Em consonância com Rosângela, o Aldivan relatou que “Ele vem ajudando na educação das pessoas que buscam o Reisado. Com o mestre Jean venho aprendendo várias coisas legais que ele ensina sobre a dança, os passos que ele passa e também as brincadeiras que os Mateu é... gostam de fazer palhaçadas” (Aldivan, 07/10/2023). Nesta fala, ele compartilhou em linhas gerais o que entende por cooperação tendo o mestre como o seu guia e professor que há uma década contribui significativamente com a sua educação.

Um pouco mais adiante Rosângela volta a acrescentar dizendo que ela e os demais também podem ajudar uns aos outros dentro do entendimento e saberes já adquiridos através do mestre e contramestre. Destarte, afirmou:

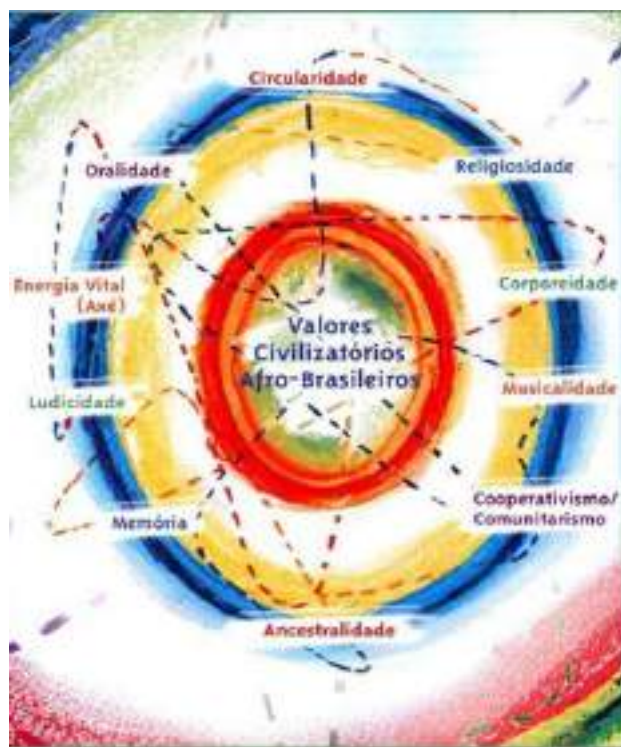
Eu creio que para nós brincante é... é fundamental porque a gente aprende como a gente ensina ao próximo, assim aos outros, né? porque é uma troca de conhecimento. O que a gente não sabe, a gente pergunta a eles (se referindo ao mestre e a contramestra) e eles vai tirando as dúvidas da gente, como também a gente pode é - ao nosso limite o que a gente possa entender, né? - passar para eles, para as outras crianças, contanto que esteja acompanhando (Rosângela, 22/07/2023).

O reconhecimento na narração de Aldivan e Rosângela deixou visível o respeito que eles têm com o mestre Jean e a contramestra Jéssika, considerados por eles como os detentores do saber. Além desse sentimento, deixaram transparecer no seu modo de se expressar o afeto e a gratidão tidos para com eles. Logo, também têm o prazer em estar compartilhando com os demais brincantes esses saberes que vão sendo (re)construídos e ganhando novos significados a partir da prática colocada nas ações desenvolvidas no grupo.

À vista disso, analisa-se em todos os momentos de atuação do grupo, tanto em atividades internas como externas, a relação entre os valores civilizatórios afro-brasileiros, os quais se encontram e se entrelaçam uns aos outros. Essa interpretação também foi percebida

por Trindade (2006)²⁶ ao criar a mandala com os respectivos valores conectados e em diferentes percursos, mostrando que eles não têm caminhos lineares e nem apresentam uma sequência fixa para existirem.

Figura 14 - Mandala dos valores civilizatórios afro-brasileiros.



Fonte: Trindade (2006)

Em convergência, trouxemos a fala do mestre Jean quando nos informou que no Reisado enxergamos os valores se relacionando, independentemente do local em que ele está se manifestando.

[...] Então você vai encontrar todas essas relações, né! A relação da corporeidade com a ancestralidade, essa ancestralidade que vem a partir daí a oralidade, então dentro do contexto não formal, na rua, no terreiro, as relações se dão mais tranquilas, né, ou seja, elas acontecem dentro da naturalidade da cultura popular, dentro do tempo difuso que é a centralidade (Jean Alex, 15/06/2023).

Com o desenvolvimento das entrevistas e análises, para nós foi perceptível o fato do mestre do grupo ter amplo conhecimento sobre os valores civilizatórios afro-brasileiros e saber trabalhar com base neles nas atividades desenvolvidas com os demais integrantes e aprendizes de projetos que organiza em comunidades rurais no município de Crato-CE.

²⁶ A mandala foi publicada no caderno Saberes e Fazer: Modos de Interagir, o qual foi organizado pela Fundação Roberto Marinho, através do projeto “A Cor da Cultura” e teve na coordenação a Ana Paula Brandão.

Compreendemos também que os brincantes entrevistados buscam participar do grupo por encontrar nele aspectos não vistos em outras vivências do seu dia a dia. É tanto que eles conseguiram se expressar com mais facilidade quando abordamos a relação da ludicidade com o Reizado.

Os valores civilizatórios afro-brasileiros são importantes para a concretização de uma educação antirracista, independentemente do espaço que estejamos, seja ele dentro ou fora do ambiente escolar. Diante disso, se faz necessário a criação de políticas educacionais que abordem esses valores dentro da nossa história e cultura. Vale destacar que não adianta apenas essas políticas serem criadas para informar que elas existem. Elas precisam ser colocadas em prática na educação, posto isto, a professora Bandeira envolve-se afirmando que:

Políticas educacionais, fundadas nesses valores civilizacionais, deverão ser definidas por negros, pois eles têm uma sensibilidade especial para captar os imaginários que regem sua resistência, como sujeito de sua própria história social, encoberta ao olhar estritamente focado na dialetização estrita dominação/subordinação (Bandeira, 2003, p. 149).

Concordamos com Bandeira ao reforçar a construção de políticas públicas por povos negros, os quais vivenciam o contexto histórico-social e cultural diariamente e tem consciência das necessidades que devem ser implantadas no espaço educacional, principalmente nas escolas, por ser o primeiro espaço social frequentado socialmente por grande maioria da população brasileira e buscarem se manter nele nos diferentes níveis de ensino.

Sabendo disso, as crianças e jovens da nossa região e de todo o nosso país necessitam de políticas públicas ativas no ambiente escolar, em que possamos ter um maior número de profissionais da educação e do ensino comprometidos verdadeiramente com estudos sobre a temática da história e cultura africana, afro-brasileira, indígena e quilombola nas escolas. Assim, teremos cada vez mais crianças e jovens conscientes e conhecedores da sua identidade individual e coletiva, que busquem a valorização das culturas, o respeito às religiões e aos demais povos.

Face ao exposto, concordamos com Gomes (*et al.*, 2016, p. 5) quando afirmam que “Por todas as influências africanas em nossa cultura, afirmamos que é imprescindível que as escolas trabalhem esses valores e a cultura deixada por nossos ancestrais”, pois sabemos que o compartilhamento desses saberes se faz necessário, visto que muitos educandos moram em bairros periféricos, no qual tem grande presença de manifestações culturais imateriais

pelas ruas próximas de sua localidade, mas não conhecem a história e a influência delas na nossa cultura. Vale ressaltar também que, esses saberes não devem ser estudados e reforçados apenas com quem tem alguma vivência ou proximidade, mas por todos que compõem a sociedade.

Em seguida, outro ponto fundamental a pautar é que Gomes (*et al.*, 2016) também acrescentou foi o da necessidade de aquisição de materiais para abordar a temática da cultura afro-brasileira no ambiente escolar, sendo estes livros infantis bem ilustrados e representativos, brinquedos e personagens negros em posição de destaque, filmes e histórias contadas, jogos pedagógicos, além de materiais didático-pedagógicos que contribuam para a formação e planejamento docente.

Assim, esperamos que nos espaços escolares, os docentes possam introduzir e fortalecer estudos, em geral, sobre a temática das africanidades e ter a sensibilidade de perceber a relação com a história e cultura do povo brasileiro. Logo, poderão ensinar as nossas crianças, e também passarão a (re)conhecer e valorizar positivamente a história e cultura do nosso povo.

CONSIDERAÇÕES BRINCANTES

“[...] Licença senhora, licença senhor, seus donos da casa, meu Deus já me vou. [...] Vamos dar a despedida como deu a saracura, as meninas estão dizendo que coisa boa não atura [...]” (Reisado dos Irmãos, 2021)

Começo as minhas considerações brincantes trazendo um trecho de uma peça do Reisado dos Irmãos a fim de pedir a permissão a todos vocês para aqui me despedir expondo os saberes aprendidos com o desenvolvimento da pesquisa. Porém, não desejamos ser uma despedida permanente, e sim um até logo. Na peça é cantado “[...] coisa boa não atura”, assim acreditamos que as coisa boas sempre tem um fim, mas, não desejamos que este estudo acabe por aqui. Na verdade, queremos a continuidade dessa pesquisa em outros estudos científicos, como também nos grupos de Reisado da região do sul do Ceará e nos ambientes escolares.

Deste modo, ao invés de falarmos em considerações finais, preferimos chamar de considerações brincantes, já que escolhemos dar continuidade a estudos com a temática em pesquisas futuras, buscando brincar com prazer, como é bem feito pelos brincantes que integram grupos de Reisado, assim como viemos desenvolvendo no decorrer desta pesquisa.

Ao adentrar na construção da conclusão desta dissertação sinto viver uma retrospectiva do tempo destinado ao mestrado nestes dois últimos anos. Mudanças ocorreram tanto na pesquisa como na minha trajetória. A pesquisa teve como objetivo geral analisar os valores civilizatórios de matriz africana, presentes no Reisado Menino Deus como proposta de ensino de africanidades afro-brasileiro-caririense. E, nos objetivos específicos, compreender as possibilidades pedagógicas de manifestação afro-brasileira a partir das brincadeiras do Reisado como um marcador de africanidades caririenses, e por último, produzir uma proposta didático pedagógica, considerando o Reisado caririense como uma ferramenta de ensino para as africanidades na educação básica.

Divulga-se que conseguimos alcançar os objetivos desta pesquisa com a parceria do grupo de Reisado que aceitou participar do seu desenvolvimento. Assim, fomos entendendo como se dava a atuação entre os brincantes e como o mestre do grupo buscava colocar em prática as atividades planejadas, sempre envolvendo com os valores civilizatórios afro-brasileiros. Diante destas vivências construímos um material pedagógico com diversas propostas de ensino para serem desenvolvidas por docentes e educadores, dentro e fora do espaço educacional, os quais tratam de abordar a temática do Reisado juntamente com os dez valores civilizatórios afro-brasileiros desenvolvidos pela pesquisadora Trindade (2005).

Os municípios de Juazeiro do Norte e Crato, espaços do nosso convívio e de pesquisa, são marcados na sua história pela forte influência da cultura afro-brasileira. Nelas são encontradas várias manifestações culturais que foram construídas a partir dos saberes de povos indígenas, de estados nordestinos brasileiros e também do continente africano, um grande exemplo é o Reisado. Com essa pesquisa pudemos constatar que o Reisado, além de ser uma manifestação cultural, é um patrimônio imaterial afro-brasileiro, e também uma troca de conhecimento, berço de cultura e rico em valores civilizatórios afro-brasileiros.

Este trabalho pôde contribuir também, juntamente com os demais construídos por outros/as pesquisadores/as e professores/as anteriormente citados, que o estado do Ceará é formado em grande parte pela população negra, as quais contribuíram e continuam cooperando com a construção de saberes significativos para se conhecer e reconhecer a influência africana e de seus descendentes neste espaço.

Uma das confirmações que detectamos com essa pesquisa foi a de que órgãos públicos do estado ainda devem buscar mais a valorização do patrimônio cultural imaterial, e mais ainda quando este patrimônio tem influências afro-brasileiras. No decorrer da nossa pesquisa tivemos a oportunidade de vivenciar momentos com o grupo de Reisado Menino Deus. Em uma das oportunidades pudemos escutar relatos de brincantes comentando sobre o atraso no desenvolvimento de atividades de projetos culturais por naquele momento não possuírem um meio de transporte em um bom estado para se deslocarem até o espaço onde aconteceria as atividades do grupo.

Mas, diante de todas as dificuldades enfrentadas pelo grupo Reisado Menino Deus com a intenção de compartilhar os saberes culturais já alcançados, com os demais que também desejam conhecer e contribuir com a nossa cultura, eles vêm desenvolvendo ações educacionais para ampliar o número de pessoas conhecedoras da existência dessa manifestação na região, e poder contribuir com a educação não formal e formal de todas elas.

Assim, as sementes plantadas através desta pesquisa podem gerar frutos com a intenção de proporcionar outros estudos sobre temáticas relacionadas como a desenvolvida por nós. Cabe também, a indicação de que as gestões das Secretarias Municipais de Educação e das escolas, públicas e privadas, tragam pautas em seus planejamentos sobre a oferta de ações pedagógicas nas escolas e que aproximem-se dos grupos de manifestações culturais imateriais afro-brasileiras, ações essas em que a escola chegue a esses espaços de educação não formal.

Sinto-me feliz por ter vivenciado esses momentos de estudos, reflexões e pesquisas durante este curso de Mestrado Profissional em Educação, mas certa de que posso

contribuir ainda mais com a educação, seja no fortalecimento de pesquisas ou na produção de materiais para ajudar na atuação de outros docentes preocupados em ampliar o conhecimento dos/as estudantes sobre as temáticas das africanidades e da valorização do patrimônio cultural.

Chegar até aqui não foi nada fácil, principalmente quando me reporto às dificuldades vividas para poder estudar e continuar trabalhando em um ambiente escolar de rede particular, que não facilitou e estimulou a formação continuada de professores/as. No entanto, hoje chegar até aqui me fez perceber o quanto sou forte e persistente, mais do que imaginava ser. A felicidade me contagia em saber que superei as dificuldades que me atravessaram e descobri o quanto sou forte para vencer os desafios lançados.

Concluimos, acreditando ter dado um passo significativo na discussão sobre o diálogo dos valores civilizatórios afro-brasileiros com o grupo de Reisado, contribuindo com a atuação docente no ambiente escolar. Por fim, desejamos que esse trabalho possa subsidiar outras pesquisas e aprofundar questões que foram sendo suscitadas.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Jean Alex Silva de Alencar. **As escolas de ancestralidade no Cariri.**

Dissertação (Mestrado) - Universidade Regional do Cariri, Programa de Pós-Graduação em Educação, Crato-CE, 2020.

ALVES, Dominique Ferreira; NASCIMENTO, Rayanne Pereira do; NUNES, Cícera.

Plantando sementes afrobrasileiras: propostas para a implementação da lei nº 10.639/03. p.

427-438. In: **Anais do VIII Artefatos da Cultura Negra: educação, justiça social e**

demandas contemporâneas, de 25 de setembro a 30 de setembro de 2017, Crato [recurso

digital] / organizadores: OLIVEIRA, Alessandra Flávia B. de; NUNES, Cícera; SANTOS,

Cícero Joaquim dos; JUNIOR, Henrique Cunha; DOMINGOS, Reginaldo Ferreira. Crato-CE:

Universidade Regional do Cariri, 2017. 634 p. E-pub. ISSN: 2448-0495.

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino fula.** Tradução Xina Smith de Vasconcellos.

São Paulo: Palas Athena: Acervo África, 2013.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. Valores civilizatórios indígenas e afro-brasileiros: saberes

necessários para a formulação de políticas educacionais. In: RAMOS, Marise Nogueira [et al.]

(orgs.). **Diversidade na educação: reflexões e experiências.** Brasília: Secretaria de Educação

Média e Tecnológica, 2003.

BARROSO, Oswald. **Reis de Congo.** Fortaleza: Ministério da Cultura/Faculdade Latino-

Americana de Ciências Sociais/Museu da Imagem e do Som, 1997.

BARROSO, Oswald. **Teatro como encantamento: bois e reisados de caretas.** 1ª ed.

Fortaleza: Armazém da Cultura, 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**

Nacional (LDB) – Lei nº 9.394, de 20.12.96. Brasília: Ministério da Educação e Cultura,

1996.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e**

para o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: Ministério da

Educação, 2004.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em:

[https://portal.stf.jus.br/constituicao-](https://portal.stf.jus.br/constituicao-supremo/artigo.asp?abrirBase=CF&abrirArtigo=215#:~:text=Da%20Cultura-)

[supremo/artigo.asp?abrirBase=CF&abrirArtigo=215#:~:text=Da%20Cultura-](https://portal.stf.jus.br/constituicao-supremo/artigo.asp?abrirBase=CF&abrirArtigo=215#:~:text=Da%20Cultura-)

[,Art.,a%20difus%C3%A3o%20das%20manifesta%C3%A7%C3%B5es%20culturais.&text=A](https://portal.stf.jus.br/constituicao-supremo/artigo.asp?abrirBase=CF&abrirArtigo=215#:~:text=Da%20Cultura-)

[rt.,-1%C2%B0%20da.](https://portal.stf.jus.br/constituicao-supremo/artigo.asp?abrirBase=CF&abrirArtigo=215#:~:text=Da%20Cultura-) Acesso em: 5 ago. 2023.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

CEARÁ. **Mapa Cultural do Ceará**. 2022. Disponível em: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/files/agent/11135/portfolioa%C3%87%C3%95esaldeias>. Acesso em: 09 de novembro de 2022.

CEARÁ. **Região Metropolitana do Cariri**. 2022. Disponível em: <https://www.cidades.ce.gov.br/regiao-metropolitana-do-cariri/>. Acesso em: 28 de dezembro de 2022.

CHAGAS, Mário. Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Educação patrimonial: educação, memórias e identidades**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: João Pessoa: Iphan, 2013. p. 27 - 31.

CORÁ, Maria Amelia Jundurian. **Políticas Públicas Culturais no Brasil: dos patrimônios materiais aos imateriais**. Revista Administração Pública: Rio de Janeiro, set./out. 2014. p. 1093-1112. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rap/a/SMKQcXrNPM3CLfGYXt63fKn/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 7 de ago. de 2023.

COSTA, M. Lopes e CASTRO, R. Vieira Alves. **Patrimônio Imaterial Nacional: preservando memórias ou construindo histórias?**. Estudos de Psicologia 13(2), 2008. p. 125-131.

CRUZ, Rita de Cassia Ariza da. **“Patrimonialização do Patrimônio”: Ensaio sobre a Relação entre Turismo, “Patrimônio Cultural” e Produção do Espaço**. GEOUSP - Espaço e Tempo: São Paulo, 2012. p. 95 - 104.

CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes. **Metodologia Afrodescendente de Pesquisa**. Maceió: EDUFAL, 2007.

CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes. **Bairros Negros: A forma urbana das populações negras no Brasil**. Revista da ABPN - v. 11, Ed. Especial - Caderno Temático: Raça Negra e Educação 30 anos depois: e agora, do que mais precisamos falar?, 2019. p. 65-86.

DOMINGOS, Reginaldo Ferreira. **Pedagogia da transmissão da religiosidade africana na casa de candomblé Iabasé de Xangô e Oxum em Juazeiro do Norte-CE**. 2011. 172f. -

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2011.

DOMINGOS, Reginaldo Ferreira. **Religiões tradicionais de base africana no Cariri cearense: educação, filosofia e movimento social**. 2015. 256f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2015.

FARIAS, **Cantos e recantos: memória, oralidade e o reisado Discípulos de Mestre Pedro**. ANAIS ABRACE, v. 11, n. 1 2010. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/3246/3408>. Acesso em: 5 de jun. de 2022.

FEITOSA, Antonio Lucas Cordeiro. **Bairro brincante: estudo sobre entrecruzamentos de socialidades constitutivas de um bairro de Juazeiro do Norte-CE**. 206f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51567/1/2020_tese_alcfeitoisa.pdf. Acesso em: 17 de jun. de 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Érica Monale Silva (*et al.*). **A afirmação dos valores civilizatórios afro-brasileiros na formação da criança negra**. Anais III CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/19647>. Acesso em: 29 de dez. de 2022.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político cultural de amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, nº 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Átila, 2014.

MAGALHÃES, Patrick Anderson Martins. **Projeto de ensino do reisado em aulas de educação física em um centro de educação infantil de Fortaleza/CE**. 2018. 87 f. Monografia (Graduação em Educação Física) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em:

https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/37338/3/2018_tcc_pammagalhaes.pdf. Acesso em: 5 de jun. de 2022.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. 114p.

NASCIMENTO, Emanoela Moura do; SANTOS, Francisca Pereira dos; SOUZA, Yarla Simão; BEZERRA, Eliomara Gonçalves; SILVA, Maria Elizeth Figueredo. **O Reisado Mirim Estrela Guia como Testemunha Cultural Da História de Juazeiro do Norte**. Universidade Federal do Cariri: Anais do 3º Encontro Universitário da UFC no Cariri, 2011.

NASCIMENTO, Rayanne Pereira do; NUNES, Cícera. A Implementação da Lei 10.639 em Juazeiro do Norte: Avanços e Desafios. In: NUNES, Cícera; OLIVEIRA, Karla Roberta Brandão de; SANTOS, Ana Paula. **Anais do Artefatos da Cultura Negra, educação afropensada: repensar o currículo e construir alternativas de combate ao racismo**, de 31 de agosto a 04 de setembro de 2015, Crato-CE [recurso digital]: Universidade Regional do Cariri, 2015. 811p.

NUNES, Cícera. **Reisado Cearense: Uma Proposta para o Ensino das Africanidades**. Fortaleza: Conhecimento, 2014.

NUNES, Cícera. **O reisado em Juazeiro do Norte e os conteúdos da história e cultura africana e afrodescendente: uma proposta para a implementação da Lei nº 10.639/03**. 2007. 157f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2007.

NUNES, Cícera. **O Ensino das Africanidades no Cariri Cearense**. Revista África e Africanidades - Ano IV - n. 14-15 - ago. - nov. 2011 - ISSN 1983-2354.

NUNES, Cícera; FERREIRA, Joseni Marcelino; OLIVEIRA, Poliana dos Santos. Comunicação: a dança afro para o ensino das africanidades. In: Congresso Nacional da Federação de Arte e Educadores do Brasil, 18.; Congresso Latinoamericano e Caribenho de Arte Educação; Encontro Nacional de Arte Educação, Cultura e Cidadania, 1., 27-30 nov. 2008, Crato (CE). Anais. Crato (CE): Ed. EdURCA, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/53209/1/2008_eve_cnunes.pdf. Acesso em: 14 de jun. de 2022.

OLIVEIRA, Alexsandra Flávia Bezerra de. **Feira livre de Bodocó: memória, africanidades e educação**. 2013. 151f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2013.

OLIVEIRA, Alexsandra Flávia Bezerra de. **Feira livre de Bodocó como espaço educativo das africanidades bodocoenses**. 2016. 214f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2016.

PAES, Daniella Lira Nogueira. Sob os signos das boiadas: da pesquisa à Educação Patrimonial. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Educação patrimonial: educação, memórias e identidades**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). João Pessoa: Iphan, 2013. p. 10 - 20.

PEREIRA, Auricléa Barros. **A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Cidade de Fortaleza, antiga Irmandade dos Homens Pretos e suas ressignificações atuais**. 2015. 76f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2015.

PEREIRA, Francisco Givaldo. **PretATITUDES na escola: entre trajetos, vozes e fazeres docentes para a Educação das Relações Étnico-Raciais - ERER, no Cariri cearense**. 132p. 2022. Dissertação (Mestrado) - Universidade Regional do Cariri, Programa de Pós-Graduação em Educação, Crato-CE, 2022.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei 10.639/03**. Fortaleza: EdUECE, 2015.

PETIT, Sandra Haydée; SILVA, Geranilde Costa e. **Pret@gogia: Referencial Teórico-Metodológico Para o Ensino da História e Cultura Africana e dos Afrodescendentes**. In.: CUNHA Jr. Henrique; SILVA, Joselina da; NUNES, Cícera (org.). **Artefatos da Cultura Negra no Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

QUEIROZ, Ivam da Silva. **Região Metropolitana Do Cariri Cearense, A Metrópole Fora Do Eixo**. Mercator, Fortaleza, v. 13, n. 3, p. 93-104, set./dez. 2014. ISSN 1984-2201.

SANTOS, Ana Paula dos. **Educação escolar quilombola no Cariri Cearense: africanização da escola a partir de pedagogias de quilombo**. 2018. 218f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação. Fortaleza (CE), 2018.

SANTOS, Ana Paula dos. **Educação escolar quilombola na Lagoa dos Crioulos no Cariri Cearense: Uma perspectiva curricular de afroaquilombamento**. 226f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação. Fortaleza (CE), 2023.

SANTOS, Gleiciane Regia dos. **Reisado de Massapê, Ceará: uma experiência pedagógica**. 2020. 58 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) - Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/57579/3/2020_dis_grsantos.pdf. Acesso em: 07 de jun. de 2022.

SANTOS, Jaiana Tavares dos; SOUZA, Suely Maria dos Santos; SILVA, Jose Mateus Carvalho; SILVA, Larisse Alves da; ROCHA, Ariza Maria. **Reisado: aproximação da cultura corporal do cariri nas aulas de educação física escolar**. Anais VI JOIN / Brasil - Portugal. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/57892>. Acesso em: 13 de jun. de 2022.

SANTOS, Nara Limeira F. Com quantas rimas se faz um patrimônio?. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Educação patrimonial: educação, memórias e identidades**. João Pessoa: Iphan, 2013. p. 10 - 20.

SCIFONI, Simone. **Desafios para uma Nova Educação Patrimonial**. Revista Teias, v. 18, n. 48 (Jan.-Mar., 2017): Políticas e Práticas de Educação Patrimonial no Brasil e na América. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/25231/19932>. Acesso em 30 de mar. de 2023.

SILVA, Gisele Rose da. **Azoilda Loretta da Trindade e o legado do projeto A Cor da Cultura**. Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, v.7, n.2 - p. 805-820 mai-ago de 2021: “Dossiê História das Mulheres e Educação”.

SILVA, Meryelle Macedo da; CUNHA Jr., Henrique; NUNES, Cícera. **A Relevância da Pesquisa Afrodescendente para o Trato das Africanidades e Afrodescendências Brasileiras**. In: NUNES, Cícera; Anais do IX Congresso Internacional Artefatos da cultura negra, de 18 a 22 de setembro de 2018, Crato-CE [recurso digital]: Universidade Regional do Cariri, 2018.

SILVA, Simone Pereira da. **Os Sentidos da Festa: (Re)Significações Simbólicas dos brincantes do Reisado de Congo em Barbalha-CE (1969-1970)**. 143 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/5949/1/arquivo%20total.pdf>. Acesso em: 07 de jun. de 2022.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: Tatiana Engel Gerhardt, Denise Tolfo Silveira. **Métodos de Pesquisa**. 1º ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42.

SOARES, Cláudio Smalley. De povoado à cidade: A produção do espaço urbano de Juazeiro do Norte/CE (1870-1930). In: Elane Ribeiro Peixoto; Pedro P. Palazzo; Maria Fernanda Derntl; Ricardo Trevisan; (orgs.) **Tempos e Escalas da Cidade e do Urbanismo**. XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Brasília: Editora FAU–UnB, 2014. ISBN 978-85-60762-19-4.

SOUSA, Kássia Mota de. **Entre a escola e a religião: desafios para as crianças de candomblé em Juazeiro do Norte**. 2010. 145f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2010.

SOUZA, Edileuza Penha de. **Tamborizar: História e Afirmação da Auto-Estima das Crianças e Adolescentes Negros e Negras Através dos Tambores de Congo**. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Pós-Graduação Mestrado em Educação e Contemporaneidade, 2005. Disponível em: http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2016/01/eileuza_penha_de_souza.pdf. Acesso em: 15 de junho de 2022.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil**. In: BRASIL. Valores afro-brasileiros na educação. Salto para o futuro. Rio de Janeiro: TV Escola/MEC, 2005.

TRINDADE, Azoilda Loretto. **Valores e referências afro-brasileiras**. Saberes e fazeres. v. 3 modos de interagir/coordenação do projeto Ana Paula Brandão. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

VIDEIRA, Piedade Lino; NUNES, Cícera. **O Marabaixo do Amapá e o reisado do Cariri cearense: patrimônio imaterial afrodescendente na educação**. In: Congresso Nacional da Federação dos Arte/Educadores do Brasil. 13. Congresso Internacional da Federação dos Arte/Educadores, 3-9 nov. 2013. Anais. Recife: UFPE, 2013. Tema: Arte/educação no Pós mundo.

VIDEIRA, Piedade Lino; NUNES, Cícera. **Dança afro: teoria, prática e novas perspectivas no cotidiano escolar**. In: Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil, 29 out. - 02 nov. 2012. Anais. São Paulo: UNESP, 2012. Disponível em https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/47021/1/2012_eve_lpvideira.pdf. Acesso em: 14 de maio de 2022.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo, dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

XAVIER, Lisimére Cordeiro do Vale. **O reisado boi coração: tesouro vivo no contexto da cultura e da educação na cidade de Ocara, Ceará**. 2019. 158f. Tese (Doutorado) -

Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza (CE), 2019. Disponível em https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/45971/1/2019_tese_lcvxavier.pdf. Acesso em: 15 de jun. de 2022.

ANEXO I - QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

**UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI – URCA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PRPGP
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

- Nome completo:
 - Autodeclaração étnica/racial:
 - Sua profissão:
 - Nível de escolaridade:
 - Tempo de atuação no grupo:
 - Função desenvolvida no grupo:
 - Nome de cidades que já realizou apresentações:
 - Como surgiu o interesse em se tornar integrante do grupo?
-
1. Qual a importância em trabalhar com o Reisado nos espaços de educação formal?
 2. Como o grupo de Reisado Menino Deus tem contribuído na educação não formal de quem atua nele?
 3. Como o grupo de Reisado tem trazido contribuições enquanto patrimônio afro-brasileiro para as relações de cooperatividade entre os brincantes?
 4. Como você percebe a presença da ludicidade no grupo de Reisado que participa?
 5. Como as suas vivências têm contribuído na troca/ no diálogo/oralidade com os outros integrantes do grupo?
 6. Em quais momentos dentro do grupo, você percebe a musicalidade e a sua importância?
 7. Em quais momentos você percebe a circularidade presente nas apresentações de Reisado do grupo?
 8. Durante os ensaios e apresentações, com qual frequência você se expressa fazendo uso do corpo com os outros brincantes? E com os ouvintes?

ANEXO II - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI – URCA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PRPGP
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, Rayanne Pereira do Nascimento, nº da identidade 2007605822-5, aluna do curso do Mestrado Profissional em Educação – MPEDU da Universidade Regional do Cariri – URCA, estou realizando uma pesquisa intitulada O Ensino das Africanidades Através do Reisado no Cariri Cearense, que tem como objetivo entender a partir do grupo de Reisado Menino Deus como se dá a existência de valores civilizatórios de matriz africana nesta manifestação cultural como propostas de ensino para o trabalho docente. Objetivos específicos: 1. Perceber a existência de valores civilizatórios de matriz africana na manifestação cultural do Reisado, os quais contribuem com propostas de ensino para a atuação dos docentes no espaço escolar 2. Propor um trabalho que reconheça os valores civilizatórios de matriz africana dentro do grupo de Reisado. 3. Construir uma cartilha como recurso pedagógico digital que apresente a sequência didática desenvolvida na pesquisa de campo, a fim de colaborar com o estudo do patrimônio afro-brasileiro através dos valores civilizatórios de matriz africana na manifestação cultural de reisado. Para isso, estou desenvolvendo um estudo que consta das seguintes etapas: 1. Produção e qualificação do projeto de pesquisa. 2. Envio do projeto para o Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Regional do Cariri. 3. Desenvolvimento da pesquisa de campo e coleta de dados. 4. Análise dos dados coletados. 5. Produção do material didático. 6. Defesa da dissertação e apresentação do material didático produzido.

Por essa razão, o(a) Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar dessa pesquisa. O procedimento utilizado será através do desenvolvimento de entrevistas semi-estruturadas, contendo datas e horários previamente agendados, de acordo com a sua disponibilidade. Em que abordaremos a brincadeira de Reisado na descoberta dos valores civilizatórios presentes nesta manifestação cultural como um meio pedagógico. O tipo de procedimento apresenta um risco mínimo que será reduzido mediante a escuta ativa e acolhedora, em que o participante compartilhará com o tempo necessário e respeitando os itens que não estiverem em condições de emitir as informações solicitadas. Nos casos em que os procedimentos utilizados no estudo tragam algum desconforto ou sejam detectadas alterações que necessitem de assistência

imediatamente ou tardia, eu – Rayanne Pereira do Nascimento – serei a responsável pelo encaminhamento à assistência necessária decorrente do dano causado. A análise dos riscos segue as determinações das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Comitê Nacional de Saúde – CNS. Os benefícios esperados com o estudo são no sentido de que a temática tenha relevância para o meio acadêmico, social, cultural e educacional, pois contribui na direção de auxiliar na efetivação das Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008, que tornam obrigatório o ensino da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena, sendo geradora de informações que poderão ser utilizadas para debate e reflexões no sentido de combater o racismo na sociedade brasileira; contribuir com o grupo de pesquisa participante a reconhecer os valores civilizatórios presentes no seu meio sendo de matriz africana; além do produto educacional que se constituirá de uma cartilha pautando sequências pedagógicas que abordem os valores civilizatórios de matriz africana na manifestação cultural de pesquisa.

Todas as informações que o(a) Sr.(a) nos fornecer serão utilizadas somente para esta pesquisa. Suas respostas coletadas serão confidenciais e seu nome não aparecerá nos registros e nem quando os resultados forem apresentados. Para isso, também pedimos sua autorização para gravação de imagem e voz durante a realização desta pesquisa.

A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Caso o(a) Sr.(a) aceite participar, não receberá nenhuma compensação financeira. Também não sofrerá qualquer prejuízo se não aceitar ou desistir após ter iniciado a participação no grupo focal da pesquisa.

Se tiver alguma dúvida a respeito dos objetivos da pesquisa e/ou dos métodos utilizados, pode procurar Rayanne Pereira do Nascimento com o número de telefone (88) 98876-3946 nos seguintes horários: manhã e tarde. Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, da Universidade Regional do Cariri, localizado à Rua Coronel Antônio Luiz, 1161, 1º andar, Bairro Pimenta, CEP 63.105-000, telefone (88) 3102.1212, ramal 2424, Crato-CE.

Se o(a) Sr.(a) estiver de acordo em participar deverá preencher e assinar o Termo de Consentimento Pós-esclarecido que se segue, e receberá uma cópia deste Termo.

TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o Sr.(a)_____ declara que, após leitura minuciosa do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO para que participe voluntariamente desta pesquisa.

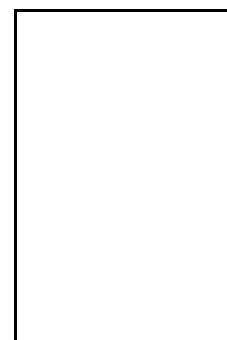
E, por estar de acordo, assina o presente termo.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

OU

Representante legal



Impressão dactiloscópica

Assinatura do Pesquisador

ANEXO III - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO E CESSÃO DE DIREITO DE EXIBIÇÃO DE IMAGEM

**UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI – URCA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PRPGP
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO E CESSÃO DE DIREITO DE EXIBIÇÃO DE IMAGEM

Eu, _____, com o número do CPF _____, autorizo a Sra. Rayanne Pereira do Nascimento, com o CPF 057.602.723-57, a gravar em vídeo, imagens e os depoimentos, sendo permitida a veiculação nos meios de comunicação para fins didáticos e acadêmicos. Ficando autorizado também a cessão de direitos da veiculação das imagens e depoimentos.

_____, _____ de _____ de _____.

ASSINATURA

IMPRESSÃO
DIGITAL